Chrysanthème



Flores Modernas

Janela Amarela
Editora

Flores Modernas

Chrysanthème



Rio de Janeiro
2023

Apresentação

Com a publicação de Flores Modernas, a Janela Amarela Editora inclui em seu catálogo mais uma obra de autoria feminina do início do século XX. Trata-se da escritora e jornalista carioca Chrysanthème, pseudônimo de Maria Cecília Bandeira de Melo Vasconcelos (1870-1948), filha da também escritora Emília Moncorvo Bandeira de Melo, que se assinava como Carmem Dolores.

Flores Modernas foi seu primeiro romance, dentre 15 livros publicados no período de 1921 a 1936, aonde Chrysanthème aborda temas que fogem do conforto e do bem-estar, numa denúncia dos sofrimentos vividos pelas mulheres e dos julgamentos sociais. Suas personagens femininas, que já não encontram sintonia com o sistema patriarcal, buscam a liberdade e a individualidade, mas ainda confinadas à moral de sua época.

Resgatar os clássicos e redescobrir a literatura brasileira é uma forma de compreender nossa sociedade, aprender com seus erros e traçar um futuro melhor.

Como temos feito na publicação de livros clássicos, atualizamos o texto conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, mas mantivemos a ortografia dos nomes próprios como no original. Procuramos incluir, em notas no rodapé, a tradução dos textos em língua estrangeira e a definição de palavras ou expressões fora de uso, visando tornar a leitura mais fluida para que o leitor faça, de maneira simples, uma imersão na época em que a obra foi escrita.

As Editoras

Sumário

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X

XI

XII

PRIMEIRA PARTE

I

Era uma hora da madrugada quando Maria José, excitada e satisfeita, se deixou cair sobre os travesseiros do seu leito estreito de solteira. Lá fora ainda os rumores não se tinham aplacado e os automóveis, os carros, os bondes, se faziam ouvir continuadamente. A moça, porém, nada ouvia, escutando somente o que se passava dentro de si, pelo triunfo que obtivera na *première* do Municipal, ostentando, com garbo e audácia, o seu leve vestido de gaze branco, largamente decotado sobre um colo prematuramente formoso e cheio. Como a tinham olhado! Como a tinham admirado! Graças a Deus! O Rio civilizava-se e os costumes permitiam às moças solteiras a nudez de colos e de ombros, que nada podiam invejar aos das senhoras casadas. Bem fizera ela em não atender aos ditos da avó, a boa D. Anninha, que inquieta e triste, aconselhava-lhe que não desnudasse tanto o seio virgem e colocasse um pedacinho de renda sobre os ombros demasiadamente descobertos.

— És uma menina solteira — dizia a boa senhora —, e na tua idade não se usa tão largo decote. Há mais encanto na velada beleza de uma virgem, do que na ampla demonstração desse doce mistério. Acredita-me!

Ela iniciara um muxoxo, trocara um sorriso com a mãe conivente e sacudira os ombros roliços e brancos. D. Anninha inclinara então para o lado, a cabeça alva e suave e saíra do aposento com o seu passo arrastado e lento de velha.

Ainda no teatro, sentindo sobre o seu corpo elegante e esbelto, os olhares da multidão que correra ao espetáculo, ela sorrira com indulgência, pensando na avó!

— Como esta gente antiga abusa dos preconceitos e é avessa ao progresso. Talvez no tempo da vovó, uma rapariga solteira não

se decotasse, mas agora?... *Le monde marche*[1] —, murmurava ela citando uma frase que ouvira à manicure francesa que lhe envernizava as unhas.

E quando nos intervalos, percorrera os corredores do Municipal ao lado do pai, pouco à vontade na casaca comprada feita, e debaixo dos lustres a despejarem chispas de luz sobre o seu colo nu, burilado de finas veias azuis, o orgulho e o contentamento animaram de tal modo o seu rosto *chiffonné*[2] de brasileira esperta, que ela se tornou quase bonita. O seu olhar negro e vivo percorria num minuto as fisionomias dos passeantes que a cruzavam e decifravam com rapidez a impressão causada e ressentida. E uma alegria ou uma decepção movia-lhe a alma, se o olhar que encontrava o seu, denotara indiferença ou admiração.

Agora, no silêncio da noite que se avançava, ela rememorava tudo isso, suspirando um pouco a ideia do trabalho que tivera para decidir o pai, pobre chefe de seção do Ministério da Agricultura, a empenhar a abotoadura de pérolas do falecido avô, por ele herdada e por ele guardada até então com fervor, a fim de poder comprar as duas poltronas para a tão falada *première*. A mãe ajudara-a muito, insistindo também com o marido, explicando-lhe que a filha devia aparecer, exibir-se e fazendo até o sacrifício de permanecer, ela, em casa, por economia. O Sr. Almeida cedera então e um belo dia, logo ao primeiro anúncio da companhia, partira, levando no bolso a famosa caixinha da joia paterna e voltando com os dois bilhetinhos cor de rosa, que representavam as duas almejadas poltronas. Maria José lembrava-se que sorrira muito, dera dois pulos e correra a abraçar o pai, um pouco triste e como envergonhado; auxiliara depois a mãe a encetar[3] o capítulo da toalete, enquanto a avó, com a cabeça branca tornada de prata, à luz da lampa da elétrica, mirava ora o genro, ora a filha, ora a ela, com uma melancolia recriminadora, que passara completamente despercebida de todos eles.

A moça, entretanto, no prazer que ressentia, olvidava[4] agora o quanto fora triste e pesada a atmosfera daquele jantar! Não vira

sequer a insistência terna mas recriminadora, do olhar da avó, nem cogitara no pesar do pai, que se manifestava por uma mudez e um acabrunhamento extraordinários. A mãe e ela, só falaram em modas, em vestidos, em decotes... Discutiam os penteados modernos, o veludo usado sobre a testa, censurando o abuso das joias, porque Maria José não as possuía, e a necessidade imprescindível de um colar de pérolas, ainda que falso.

A velha D. Anninha não se contivera e respondera à filha, que, com o olhar fito no teto, procurava um meio de arranjar esse moderno ornato para Maria José.

— No teu tempo, Maria, nunca usaste joias antes do casamento. Uma flor, um vestido simples e a moça solteira estava sempre bem.

— Ora, mamãe, isso era no teu tempo — disse D. Maria, sacudindo os ombros. — Agora é outra coisa. E depois, deixa-me dizer-te, que se não usei joias antes do casamento, muito menos depois — acrescentou ela, lançando um olhar de recriminação ao marido.

Todos emudeceram e Maria José, recordava-se que, por conveniência própria, quisera mudar a conversa, e por isso exclamara batendo palmas de vivacidade:

— Como Zelia vai ficar danada quando souber que vou ao Municipal, hein? Tenciono convidá-la para vir admirar-me vestida. Vai ficar fula!

E com o andar especial que adotara, de bambolear lentamente os quadris redondos e o busto desenvolvido, saiu da sala. O Sr. Almeida tendo sempre os olhos fitos na *Rua* que fingia ler com atenção, imitou-a. As duas senhoras ficaram sós.

Como se uma tela de cinema se desenrolasse agora diante dela, a rapariga, com um mau sorriso no canto dos lábios, evocava todas aquelas cenas.

D. Maria de Castro e Almeida era uma senhora de 40 anos feitos, muito morena, de grandes olhos negros pestanudos e de corpo elegante. Casara cedo e fora até um certo tempo impecável dona de casa, mulher de interior, cuidando do marido com desvelo e

educando a filha com esmero. A boa D. Anninha vivera algum tempo feliz naquele lar onde reinavam a afeição, o respeito e a honra. O genro, bom homem, trabalhador e de uma inteligência regular, adorava a mulher e a filha, respeitando a boa velhinha como se ela fosse a própria mãe que perdera. De repente, tudo mudara: D. Maria travara relações com a esnobe Mme. de Nerval e se transformara de tal maneira nesse convívio, que muitas vezes D. Anninha desconhecia a filha! Só falava em toalete, em teatros, em recepções. As suas gavetas principiaram a guardar pequenas caixinhas rosadas, finos lápis negros, pomadas brancas e cabelos de todas as cores. Quando saía, passava uma hora a vestir-se, esquecida da filha e ostentando no rosto uma mocidade exagerada, feita de faces muito vermelhas, de olhos com cílios muito negros e lábios cor de cereja. Entrou a desprezar a mediania do marido, a quem não enganou somente por um resto de escrúpulo e de respeito próprio e a suspirar pelo luxo e a tornar-se, enfim, uma criatura amarga e desagradável. O infeliz Sr. Almeida, de natureza fraca e afetuosa, consolava-a meigamente, mas afligia-se no seu íntimo por ter perdido a boa e simples companheira de outrora.

A mãe, esta coitada! Chorava muitas vezes, vendo a vaidade e a tolice disputarem o coração da filha e desmanchar-se assim um lar tão ameno e respeitado. Maria José tinha nessa ocasião, dez anos de idade, e apesar dos carinhos e dos conselhos da avó, começou logo a tomar parte nas lamúrias e nas exigências maternas. Quis também ricos vestidos brancos, chapéus de plumas, idas aos teatros, automóveis para a volta. O pobre chefe de seção, cabisbaixo e sucumbido, viu a paz fugir-lhe de casa e as dívidas entrarem nela. Os homens, vendedores a prestação, sucediam-se no portão do jardim e era como se um formigueiro deles, incansável e infindável, se tivesse estabelecido nas proximidades da casa, tão de perto eles se seguiam. E diante das dificuldades da vida, cada vez maiores, a mãe e a filha acabrunhavam o malogrado funcionário público e suspiravam, lamentando-se sempre. No meio desse deplorável estado de coisas, Maria José completou 18 anos. Era uma rapariga de cor de pele indefinida, por causa da maquiagem que usara desde criança, olhos enormes de um castanho amarelo e

cabelos oxigenados. A sua principal beleza eram os dentes, muito alvos e bem alinhados, que a forçavam a sorrir muitas vezes, só para mostrá-los. De uma coqueteria endiabrada e felina, fitava os homens de frente, estendia-lhes a mão largamente aberta, num meneio gentil que acabava com um sorriso faceiro, quando sobre a sua destra depunham o clássico beijo elegante. Apesar de todos esses encantos, provocações e facilidades, Maria José não conseguira pescar até então o desejado noivo rico, ideal dela e da mãe. Conquistara somente um simples bacharel em direito, 2º oficial do Ministério da Agricultura, rapaz sério e morigerado[5], que trabalhava sob as ordens do pai. O Dr. Paulo de Araujo, órfão e isolado, agradou-se imenso da vivacidade de Maria José que contrastava com a sua timidez e gravidade. Perto dele, todavia, a rapariga moderava um pouco a sua vaidade, a sua ambição, o seu anseio pelo luxo, desqualidades que talvez o fizessem pensar e fugir. D. Anninha achando Paulo um moço distinto e capaz de fazer feliz a sua neta, aplaudia imenso a ideia de um casamento entre os dois jovens.

D. Maria, porém, torcia o nariz e declarava em alto e bom som, que do Ministério da Agricultura bastava o marido. Maria José, já matreira e suficientemente moderna, deixava falar a mãe e a avó, sorrindo sempre ao rapaz, mas guardando a sua independência e a sua liberdade, no caso de arranjar um outro noivo mais rico e mais conveniente. O pai nada dizia, sempre mudo e trêmulo diante de uma questão de família, apavorado só com a ideia de emitir uma opinião diferente da de sua esposa. A situação estava nesse pé quando Maria José lendo no jornal a vinda da companhia lírica para o Municipal, resolveu tenazmente ir a essa *première* e para isso exigiu que o pai empenhasse a linda abotoadura de pérolas, do falecido avô. Como vimos, conseguira o seu intento e naquela tarde, à sala de jantar, com os bilhetes róseos do Municipal, entre elas, D. Anninha e a filha, permaneciam caladas. Na Rua D. Mariana, onde moravam, o silêncio era completo e esse silêncio pesava como chumbo a D. Maria, que se sentia acanhada e de mau humor. Os olhos doces da velha mãe acariciavam-na e envolviam-na numa

rede de fluidos afetuosos, mas tristemente recriminadores e a filha encontrando esse meigo e doloroso olhar materno, experimentava uma pontinha de remorso pela sua vida desequilibrada, vaidosa e inútil. Quis falar, explicar-se, desculpar-se talvez. A certeza, porém, de que no dia seguinte, recomeçaria a sua luta pelo luxo, pela ânsia de se sentir invejada e imitada, dissipou o princípio de fusão que se ia estabelecendo entre a mãe e a filha. Ergueu-se então da cadeira com arremesso, empunhou os bilhetes do teatro e saiu com um movimento de impaciência mal disfarçado. A pobre velha ouviu-a ainda murmurar entre os dentes cerrados: "Estas velhas! Estas velhas!" E depois tudo recaiu na mais profunda calma aparente. Sozinha, então, a boa D. Anninha abaixou ainda mais a alva cabeça sobre o peito entumecido de suspiros contidos e deixou que as lágrimas, escapando-se dos seus olhos desbotados, caíssem lentamente, como grossas gotas de chuva, sobre o regaço que fora por tantos anos o único berço da filha agora desviada.

A noite porém, avançava e Maria José não dormia. O egoísmo e a vaidade enlevados tinham-na ali, na cama, acordada, a molhar continuamente com a língua os lábios mal limpos do vermelho que os avivara durante a noite. Na sua mente envenenada, pelo anseio do luxo e do brilho, não havia, um só pensamento doce para o pai que se sacrificara por ela, nem pela velha avó a quem tanto fazia sofrer com as suas maneiras livres de virgem moderna. Gozar, era o seu único objetivo na vida. Era moça, julgava-se bonita e possuía, portanto todos os direitos à lisonja, à admiração, às grandezas... O resto, não lhe dizia respeito. Falasse, gritasse, censurasse quem quisesse, que, para ela, seria indiferente. E mesmo debaixo dos lençóis, sacudia os ombros com cinismo, como se alguém a estivesse contemplando e ralhando.

Ah! Quando se casaria ela afinal para se furtar àqueles olhares do pai e da avó que tanto a irritavam? O casamento parecia-lhe a única porta de saída para a liberdade e, às vezes, vinha-lhe uma vontade insistente de desposar o primeiro homem que aparecesse, para depois, sob a guarda desse marido ludibriado, mas que

ignoraria tudo, poder lançar-se galhardamente no seio de todos os prazeres e de todas as sensações. Estava cansada, verdadeiramente cansada daquela vida a que a obrigavam o pai e a avó. Esquecia-se Maria José, de que ela não cogitara um só momento no que pensavam dela o pai e a avó, mas o simples fluido desaprovador que sentia planar sobre a sua cabeça leviana e desequilibrada, exacerbavam-na até quase ao furor.

A lívida luz da madrugada penetrando pelas venezianas, banhou o rosto da moça, mostrando-o amarelo, riscado de laivos[6] de pintura mal limpa e sem nenhum traço de mocidade. Os olhos fatigados piscavam à baça[7] claridade da manhã que surgia e a boca parecia uma flor fanada[8]. Maria José espreguiçou-se e aconchegou-se mais às almofadas. Pouco depois, com a calma e a inconsciência de uma rapariga da moda, ela escorregou para o sono, permitindo enfim o repouso àquele cérebro que a vaidade e o egoísmo ocupavam.

No dia seguinte ao almoço tardio, que se realizou sem a presença do Sr. Almeida, obrigado a uma refeição mais matutina por causa do ponto da repartição, as senhoras se acharam sós. Maria José com os cabelos em desordem, o penhoar desabotoado e o rosto mal lavado do abuso do carmim narrava à mãe, atenta e interessada, os seus sucessos no teatro, as pessoas que entrevira, as toaletes mais em evidência. Nunca se referira à peça representada, nem aos atores.

— Ah! Mamãe, você não imagina como D. Henriqueta de Nerval estava linda no seu vestido, naturalmente vindo da Europa. Era um primor de elegância! E o seu penteado? Um *chignon*[9] no alto da cabeça, frisado e eriçado a valer! E as joias? Deslumbravam!... — E o olhar amarelo da moça se empanou de inveja. — A sua frisa não desencheu um segundo, durante os intervalos.

D. Maria suspirou. Depois, indagou da filha se alguém a havia distinguido, se recebera de algum rapaz, atenções especiais.

Maria José amargamente respondera que todos a haviam admirado muito, elogiado grandemente a sua toalete e o seu colo

descoberto, mas que ninguém lhe murmurara nenhuma frase particular. E um instante, o silêncio reinou na sala de jantar, só interrompido pela tosse nervosa da boa D. Anninha, a quem essa conversa irritava.

Maria José voltava a Henriqueta de Nerval, cujo luxo, vaidade e audácia, tinham fanatizado a mãe e a filha.

— Henriqueta — dizia a moça com ar de êxtase —, era a mulher mais chique do teatro. Ninguém possui como ela o dom de não enxergar os outros, permitindo, entretanto, que a admirem à vontade. É de uma soberba admirável!

— Ah! Aquela pode permitir-se todos os ares — exclamou D. Maria trincando os dentes de despeito e lançando no vago um olhar colérico, certamente destinado ao esposo ausente. — Tem dinheiro, beleza e domínio? O marido soube arranjar-se!

A velha D. Anninha tossiu mais forte, depôs sobre o pires a xícara de café que levava aos lábios e murmurou com voz suave e insinuante:

— Vocês estão elogiando um casal indigno, minhas filhas! A Henriqueta é uma esposa sem pudor e uma mãe desnaturada. Nunca vê os filhos, sempre entregues às amas, e a sua casa vive cheia de homens e de mulheres que pensam igual a ela. O marido merece a sua triste sorte, e faz negócios ilícitos e censuráveis. Aquelas duas criaturas, filhas! Não são esposos a quem se respeite, mas dois cúmplices associados contra o coração e contra a bolsa do próximo. Deus me perdoe falar mal de seres humanos, mas é preciso que vocês não coloquem tão alto entes tão baixos!

Nunca falara tanto nem tão claro a pobre velha e o espanto tapou por um minuto as bocas das duas senhoras.

Maria José, porém, com a audácia própria de seu caráter, soltou uma risada irônica e interpelou a avó!

— Vovó, você deu agora para moralista? Que faz então da sua religião que ensina a não julgar os outros? Olhe, vovó, D. Henriqueta e o Dr. Luiz podem ser o que vovó quiser, mas eu lhe asseguro, que todo o Rio de Janeiro lhes frequenta a casa, lhes come os jantares e lhes engrossa as qualidades.

D. Maria balançava a cabeça apoiando a filha e deitando à mãe olhares irritados.

— Mamãe — disse ela por fim, quando a filha terminou —, a sociedade não é mais o que era há 50 anos passados. Você quer coisas impossíveis.

— Não, filhas, não quero coisas impossíveis — respondeu D. Anninha, lentamente — quero somente honra nos homens, pudor nas mulheres e recato nas donzelas. Vocês acham isso coisas impossíveis?

Nenhuma das duas senhoras respondeu e, depois de trocarem entre si um olhar de comiseração pela simplicidade antiquada da velha senhora, levantaram-se da mesa e foram às suas ocupações, que consistiam em aprestos[10] para irem à recepção da bela Henriqueta de Nerval.

II

Henriqueta de Nerval era uma esplêndida mulher de 30 anos, de cabelos tintos de henna, rosto oval de um rosado pálido, adquirido à força de uma sábia maquilagem, dentes um pouco amarelos, raramente descobertos num sorriso estudado, que os ocultava, e estatura elevada. Fina e *souple*[11], como um junco, ela evitava à força de um regime áspero, a gordura que, no Brasil, ameaça sempre aquela idade. Amável, mas reservada, ela mantinha as suas relações femininas num pé de igualdade inquebrantável, enquanto ostentava para com os homens ares de camaradagem inocente e sem consequência. Indulgente, permitia no seu salão esses longos tête-à-tête, que em outras partes tanto aborrecem as donas de casa, aprovando sem restrições o flerte, que apelidava de brinquedo gracioso e inofensivo. Quanto a ela própria, eram tantos os homens com quem falava, com quem ria e com quem cochichava, que seria impossível colocá-los todos no mesmo rol de amantes. Entretanto, falara-se muito dela com um banqueiro rico, com um jornalista em evidência e com um deputado nortista de grande fama de capadócio[12].

O marido, alto, gordo e calvo, de espesso bigode ruivo sobre a boca reentrante e de lábios finos, fazia muita festa aos amigos da mulher, apertando-lhes com força a mão muitas vezes fugitiva e dando-lhes pequenas palmadinhas afetuosas nas costas. Durante as festas, os cinemas e os passeios, tinha sempre ao seu lado um favorito, que escolhia dentre estes e que por acaso acontecia ser também o favorito da esposa. Era enfim um casal unido, afável, harmonioso, numa casa rica, faustosa e hospitaleira.

D. Maria e a filha adoravam aquelas recepções, onde às cinco horas era servido um delicioso chá preto com *gâteaux secs*[13],

segundo explicava a dona da casa, sublinhando muito o francês afetado.

A sala toda rosa, cortinas, mobília e paredes, ornava-se de pufes redondos, fofas almofadas, semeadas pelo chão atapetado e divãs baixos e convidativos a atitudes lânguidas e palestras íntimas. Nos cantos, sob colunas de pórfiro negro, veiadas de claro, grandes estatuas desnudadas empinavam os seios rijos, erguiam as pernas clássicas e estendiam os braços torneados. Pareciam outras tantas convidadas, menos vestidas talvez, a espreitarem pelos ramos das folhagens próximas o que se passava no salão. Este se enchia num instante e a conversa se estabelecia alegre e continuada.

Um perfume capitoso de mulher, de flores, de bolos, derramava-se logo pelo ambiente, que se animava e se movimentava. As visitantes vinham sempre muito elegantes, vestidas à última moda, com saias tão curtas, que, ao cruzar da perna, esta se desnudava quase até o joelho, tornando-se, assim, o aposento, em poucos minutos, uma curiosa exposição de pernas femininas. Existiam ali todos os ideais realizados, e pratos para todos os paladares: desde a perna fina, toda igual, até a grossa perna de tornozelo redondo. Algumas vezes, por acaso, surgia algum lindo e raro espécime, merecendo ser esculpido por um nosso Praxiteles[14], e era então perdoado o movimento leviano, que o pusera à vista. Entre as senhoras que rodeavam D. Henriqueta, notava-se a presença, uma vez por outra, de uma gentil senhora que, pela modéstia dos seus modos e elegância simples do seu trajo, chamava a atenção dos inteligentes daquele cenáculo. Hortencia de Lima, embora mais moça, era amiga de infância de Henriqueta de Nerval. Tinham frequentado o mesmo colégio, dormido no mesmo dormitório e rezado juntas na mesma capela. Apesar de censurar, no seu íntimo, o modo de viver da amiga, Hortencia procurava-a, sempre, certa como estava de que no fundo, bem no fundo da sua alma, Henriqueta era melhor do que parecia e, estimando-a, diferençava-a das suas outras relações. Com efeito, a pureza, o sofrimento digno, a resignação sem palavras de Hortencia, abandonada pelo marido três anos depois de casada,

com um filho nos braços, fazia pensar e espantava a mulher gozadora e ardente que era Henriqueta. A presença da amiga moderava-lhe a alegria exuberante, os ditos picantes, o abandono lascivo das atitudes modernas. E Henriqueta não queria mal a Hortencia, sincera e recatada na sua dor, sofrendo-lhe até o doce domínio involuntariamente. Tratava-a da mesma maneira, que às outras, mas, com um olhar de relance, suplicava-lhe que permanecesse mais algum tempo ou saísse depois dos demais. Às vezes, juntas e sós no quarto luxuoso de Henriqueta, Hortencia conseguia que se chamasse as crianças desprezadas pela mãe e rejubilava-se vendo passar pelos olhos da amiga uma luzinha de amor materno e ouvindo os beijos cantantes que ela depositava, já sem medo de desbotar os lábios pintados, sobre os cabelos anelados dos filhos inocentes. As conversas eram então simples, interessantes e naturais. Mme. de Nerval esquecia a sua elegância, as suas ambições, o seu orgulho e falava da vida com amargura, com asco, com fadiga, embora não se confessasse nunca.

Hortencia consolava-a, gabando-lhe a beleza dos filhos, o apoio que eles nos proporcionam no infortúnio e apontando, por fim, Deus, como supremo apaziguador e protetor. Às vezes, Henriqueta ouvia-a calada, com os cantos da boca ligeiramente tombados de fastio, mas outras, erguia para a amiga os lindos olhos garços[15] e uma doce melancolia se estendia sobre aquela fisionomia, que a vivacidade e a alegria pareciam dever ser as únicas expressões.

No meio dos homens que frequentavam o salão dos esposos Nerval e que eram numerosos, jornalistas, deputados, senadores, diplomatas e mais figuras importantes, destacava-se Lucio de Andrade, o *smart*[16] redator das elegâncias mundanas. Alto, magro, de cara raspada, e roupa ultramoderna, Lucio de Andrade via-se disputado pelas donas de casas e pelas suas amigas chiques. Mal entrava, mirava a todos com ar sombrio, inquisidor e retirando logo depois, vagarosamente, do bolso, o *carnet*[17] de marroquim negro, começava a escrever, meneando gravemente a cabeça, fitando o teto com ar de hesitação ou de dúvida, como se se tratasse de coisa muito séria. As senhoras vinham então se aproximando muito

lentamente, como atraídas por algum ímã poderoso, e, em pouco tempo, o frívolo jornalista se via rodeado de bustos gentis e de rostos curiosos que o interrogavam.

— Sr. Andrade, pelo amor de Deus, escreva o meu nome, gabe o meu vestido, sim? — dizia uma.

— Sr. Andrade, não esqueça o adjetivo delicioso antes do meu nome, eu lhe peço! E olhe bem a minha toalete para poder descrevê-la. Veio de Paris, sabe? — rogava outra insinuante.

E os pedidos, as perguntas se sucediam, enquanto o redator das elegâncias mundanas, abusando do seu poder, familiarizava-se um tanto com tão gentis pedintes, olhando fixamente para um colo, que se aproximava demais, apertando forte a mão que lhe estendiam interesseira e súplice.

Nessa tarde, Maria José, com o bamboleio moderno que nunca esquecia, foi uma das primeiras a aproximar-se do *smart* redator, que a recebeu com uma alegria um pouco irônica, gabando-lhe em exageradas frases a sua toalete da véspera.

— Um sonho! — exclamava ele, dando pequenos estalidos com a língua e arredondando os dedos da mão enluvada.

— Sim? — perguntou a rapariga já toda animada e com o sorriso faceiro a arregaçar-lhe os lábios para bem mostrar os dentes brancos. — Por que então não a descreveu no seu jornal e contentou-se em colocar o meu nome entre os presentes? Fiquei furiosa, sabe?

Lucio de Andrade, inteligente e fino, apesar dos seus escritos um pouco imbecis, sorria sempre sarcasticamente, quando encontrava no seu caminho essas arrivistas[18] da elegância e da exibição. D. Maria Almeida e a filha despertavam-lhe sempre uma sensação de espanto e de piedade, compreendendo a vida horrível, a luta insana que elas travavam contra a mediania e o pouco dinheiro, para poderem assim ostentar galas e fazer parte daqueles que luxam e são invejados. Preferia de muito a suave Hortencia de Lima, que mal o via à sua chegada e nem se apercebia da sua retirada, que era sempre lamentada em altos gritos, pelas outras

senhoras presentes. Sentia um grande prazer em descrever no seu diário a singela toalete da moça, fazendo acompanhar sempre o seu nome do adjetivo mais elogioso que encontrava no seu repertório de encômios[19]. Hortencia nunca lia essas notícias e quando, uma única vez, Henriqueta, *blagueuse* [20] e maliciosa, lhe mostrara a linha em que Lucio de Andrade a apelidava de sedutora, ela corou um pouco e irritou-se muito. Na próxima recepção da amiga, fina e altiva no seu vestido cinzento, ela se dirigiu ao jornalista, e, corada e titubeante, rogou-lhe o obséquio de não mais escrever o seu nome na sua interessante coluna mundana, quando a encontrasse. A voz era *saccadée* [21], mas os grandes olhos azuis que fitavam Lucio continham tanta meiguice, tanta melancolia, que ele não se zangou.

— Sou tão só no mundo — dizia Hortencia, com os cílios a tremerem sobre a face levemente encarnada —, que receio a calúnia e a inveja, se atraio assim a atenção idealizada pelos seus escritos. Não me queira mal, ouviu?

E natural, estendeu-lhe a mão, que o jornalista beijou de leve e respeitosamente.

Maria José e a mãe não suportavam Hortencia, a quem chamavam idiota e careteira.

Nesse dia, quando Lucio, depois de ter aplacado a ânsia vaidosa da senhorita Almeida, com a promessa de uma descrição completa de sua toalete dessa tarde, se dirigiu para o lado de Hortencia, a fim de cumprimentá-la, Maria José, seguiu-o com um olhar colérico, muito mal dissimulado.

— Lá vai ele cavar a suave violeta dos salões — dizia ela entre dentes. — Esta sabe esconder o seu jogo, afetando uns ares sentimentais e singelos, que iludem a todos, menos a mim! O que ela almeja é sobressair pela originalidade e arranjar um sucessor ao marido, que a abandonou. Compreendo muito bem este último! Como deve ser maçadora e piegas na intimidade, santo Deus!

Em torno da moça irritada, as conversas, entretanto, tinham cessado de ser ruidosas e eram cortadas de quando em quando por pequenos silêncios. O chá esfriava no fundo das xícaras e os *gâteaux* esfarelavam-se nos pratos. A luz pálida da tarde, que

morria, penetrando na sala, poetizava as mulheres melancolizando-lhes os rostos, amodorrando-lhes[22] as palavras e os modos. Em pé, apoiada ao piano, Henriqueta de Nerval, adorável na sua toalete de veludo negro, constelada de joias, que luziam ao seu menor movimento, conversava em surdina entre sorrisos maliciosos e ambíguos com um rapaz alto, elegantemente trajado e de falar estrangeiro. Era este um argentino milionário, que a conhecera numa das viagens que ela fizera à vizinha república, e que a seguira até aqui, cortejando-a com uma audácia crescente, que já principiava a ser notada nessas recepções das quais ele não perdia uma só.

De quando em vez, a uma tentativa iniciada pela moça, para o deixar e ir tomar parte na conversa geral, ele a detinha com uma chamada do seu olhar duro e um gesto da sua mão impaciente. Ela permanecia então, embora um pouco contrariada, o que facilmente se conhecia por uma ligeira contração dos lábios pintados e por um rápido brilho do seu olhar endurecido. Involuntariamente os olhos dos circunstantes acariciavam o grupo formado pela elegante dona de casa e seu convidado e havia de tudo nesses olhares: desde a benevolência respeitosa, até a inveja sorridente. Todos sabiam que o Sr. Alonso Garcia era milionário e a aureola que o rodeava e o objeto do seu culta[23] fazia com que se inclinassem todas as cabeças e simpatizassem todos os corações.

— Alonso — dizia baixo Henriqueta, com o seu sorriso mundano e artificial —, olhe que reparam. Deixe-me ir embora e vá conversar com outra senhora, eu lhe peço!

— *Usted* imagina que as outras *señoras* me interessam? — respondia quase em voz alta o impolido argentino. — *Se usted* se vai daqui eu me vou também de sua casa.

— *Shh*! Sim, está uma linda tarde, uma verdadeira tarde carioca — murmurava também em voz alta Henriqueta, virando-se para a janela e procurando disfarçar, ao ver alguém aproximar-se do seu lado.

E o seu olhar sério e ansioso procurava o marido, que conversava serenamente num canto e afinal encontrando-o, com um

gesto fê-lo levantar-se e dirigir-se para junto de Alonso, a quem ele interpelou em tom familiar:

— Venha comigo, Garcia; tenho na minha biblioteca uma curiosidade rara para lhe mostrar. Já me ia esquecendo!

E sem esperar resposta, foi travando do braço do amigo e levando-o para o seu gabinete, enquanto lhe murmurava qualquer coisa ao ouvido. Henriqueta, vendo-se só, teve um hausto[24] de prazer e leve e airosa avançou para um grupo central, que conversava animadamente, exclamando com um muxoxo de fingida lassidão:

— Este Alonso, quando principia a falar das belezas da Argentina, não acaba mais! É terrível!

Todos riram e defenderam o milionário.

Num canto da janela diversos cavalheiros trocavam, com calor e grandes gestos, opiniões sobre a guerra europeia. Quase todos eram aliados ardentíssimos e membros da Liga do mesmo nome. Um ou outro germanófilo reservado, tentava às vezes defender a poderosa Alemanha, mas não ousava erguer muito a voz, diante do violento coro de maldições que se levantava logo contra o império odiado. Todavia, notava-se que esses aliados, assim ardentes, só falavam da França, só choravam os estragos da muito amada terra! O que os outros países sofriam e perdiam era-lhes quase indiferente e ignorado. Só a França existia, só a França combatia e ninguém mais. Um exclusivismo fero[25] e tremendo!

Entretanto, a recepção chegava ao seu fim e muitos convidados já se despediam. A tarde findava, cinza e rosa, com uma brisa fresca a trazer os perfumes dos jardins vizinhos, que penetravam pelas janelas da sala, largamente abertas e enlanguesciam o ambiente. Uma grande fila de automóveis particulares principiou a formar-se diante do portão da casa hospitaleira dos Nerval. Alonso, de mau humor, foi um dos primeiros a partir. D. Maria Almeida e a filha tinham aproveitado a confusão das despedidas para se esgueirarem, a fim de não serem vistas tomando o bonde. E atrás delas, o palacete das Laranjeiras cerrou-se e escureceu, como um castelo de fadas desaparece ao toque de uma varinha mágica.

III

Quando Hortencia essa tarde, voltou da recepção da amiga, que muito a desgostara, pelo espetáculo do seu flerte insistente com o argentino, encontrou o seu filhinho, o pequeno João, deitado no seu leito e velado pela velha Justina. O menino tinha o rosto inflamado de febre, a boca vermelha como uma papoula e os olhos cerrados de torpor. Sentindo-lhe os passos, a velha ama erguera-se apressada e procurava acalmá-la enquanto lhe dava a triste notícia.

Transfigurada logo pela angústia, a moça empalidecera muito, levara a mão ao seio palpitante e, a correr, precipitara-se para o quarto da criança, que procurou sorrir-lhe vendo-a inclinada sobre si.

— Mamãezinha! — murmurou João, estendendo-lhe a mimosa mão escaldante de febre.

— Meu filhinho, meu anjinho, que tens tu? Que sentes? Onde tens tu dor? — indagava ardentemente a mãe, acariciando-lhe os compridos cabelos negros que se esparramavam pelo travesseiro.

— Aqui — respondia quase chorando o menino, mostrando a testa com o dedo gordo e pequeno.

— Já chamaste o médico Justina? — perguntou Hortencia com voz trêmula e os olhos cheios de lágrimas.

— A senhora sossegue que isso não é nada — murmurava Justina em tom apaziguador. — Sim, senhora: já chamei o Dr. Vasconcellos e ele não tarda aí. O que Joãozinho tem é um pequeno defluxo[26]: não vale nada. Não se aflija assim, senhora!

A moça, porém, mal a ouvia com os olhos fitos no rosto do filho, as mãos ocupadas em desatarem o chapéu e pedindo, por um gesto de ombros, que lhe colocassem uma cadeira bem juntinho ao leito infantil. Mal se tinha sentado, todavia, que um ruído de automóvel

parando à sua porta, a fazia erguer-se de novo e correr ao encontro do médico, cuja vinda adivinhara.

Ouviu-se um ruído de passos apressados e ele surgiu logo diante da mãe aflita, acompanhado pela velha criada.

Somente ao rápido olhar trocado entre aquelas duas criaturas, um espectador inteligente compreenderia logo, que uma imensa simpatia e uma profunda admiração uniam uma à outra aquelas almas que se entendiam e se completavam. Entretanto, não passou de um olhar a manifestação desse grande apreço e já Hortencia angustiada, levava o jovem doutor à cabeceira do doentinho.

— Então, meu pequeno, que é isso? — perguntava ele à criança, enquanto lhe tomava a temperatura, auscultava-lhe o peitinho muito branco e examinava-lhe a linguinha levemente manchada.

— Tem tossido muito? E quando começou ele a queixar-se? — indagava o médico solícito, mas já com a fisionomia mais tranquila.

— Não é nada de cuidado, D. Hortencia. O seu filhinho tem uma ligeira constipação que em dois dias estará debelada, eu lhe prometo! Sossegue, ouviu?

E nesta última frase, ele pôs toda a doçura do seu amor oculto, todo o fervor do seu respeito profundo.

A moça, mais tranquila, tinha agora um pobre sorriso sobre os lábios ainda contraídos pelo susto que tivera e o seu olhar errava do rosto da criança, novamente adormecida, ao do médico, sereno e certo do que dissera.

Um segundo os olhos de ambos encontraram-se novamente, o dele calmo, protetor, devotado! O dela meigo, súplice, reconhecido...

Vencendo o enleio[27], o doutor levantou-se, receitou e partiu, seguido pela moça, que à despedida entregou-lhe as duas mãos, num gesto adorável de gratidão imensa.

O Dr. Jorge de Vasconcellos era um médico notável, de uma inteligência tão clara, que lhe acontecia muitas vezes passar por feiticeiro aos olhos do povo ignorante. Homeopata, dedicara-se sobretudo às crianças, cuja mortalidade no Rio apavorava-o, enternecendo-o. Adorava esses entezinhos frágeis e mimosos, que

são como flores animadas, e o seu sofrimento indignava-o tanto como a sua morte.

A sua atitude à cabeceira de qualquer criança, era a de um pai extremoso, solícito, interessado. Julgava injusta e iníqua a dor na infância e procurava inutilizá-la e apaziguá-la sempre que podia, não se poupando nem se furtando nunca às lutas e às fadigas do seu *métier*[28].

Era um belo rapaz de 30 anos, moreno, de olhar negro e severo, boca vermelha e grande. Usava o rosto completamente raspado, o que fazia sobressair a cabeleira forte e crespa, que lhe caia quase sempre em desordem sobre a testa ampla. Vivia com a mãe, viúva, em Santa Teresa, numa casa toda rodeada de colunas e varandas, como uma vila italiana, e no centro de um formoso jardim todo salpicado de flores e clareado de águas correntes. A velha mãe de Jorge, inteligente e boa como o filho, ajudava-o nas suas obras de caridade e incitava-o ao estudo e ao dever.

— Um médico é mais do que um sacerdote — dizia ela muitas vezes — porque o sacerdote se dedica só à alma enquanto o médico se dedica à alma e ao corpo, o que torna a sua missão mais completa.

Todos os pobres de Santa Teresa adoravam a mãe e o filho e bençãos e louvores caíam diariamente sobre as suas cabeças. Até um certo tempo, entre a mãe, o estudo e os doentes, Jorge sentiu-se feliz e não desejou mais nada, dizendo até a rir, que não admitia para si outros prazeres. Quando lhe perguntavam se tinha ido a tal ou qual festa, respondia sempre, sacudindo a cabeleira negra e pujante, que não possuía muito tempo para festas, e que nunca penetrara sequer na tão decantada joia que era o Teatro Municipal. A calma que dá um viver honesto e estudioso enchia-lhe a alma equilibrada e só as melhoras ou pioras dos seus enfermos o interessavam e perturbavam. Admitia o amor no casamento ou fora dele, mas condenava a devassidão, o vício, a infâmia que proclamava moléstias e moléstias muitas vezes incuráveis. Assim viveu Jorge até que um dia foi chamado para ver Hortencia de Lima, moradora numa casa quase contigua à dele e de quem a mãe já lhe

falara, elogiando-lhe a graça do andar, a simplicidade dos vestidos a formosura do filhinho com quem sempre passeava.

Sucedera isso, há dois anos precisamente e quem o viera chamar com grossas lágrimas a correr pelas faces enrugadas, tinha sido a velha Justina, tresloucada por ver a senhora desacordada e caída no chão do quarto de vestir. Nada houvera de extraordinário em casa aquele dia, contava ela, senão que o patrão saíra pela manhã mais cedo do que de costume e não voltara para jantar, tendo tido, no entanto, o cuidado de enviar um bilhete que a senhora lia, quando caiu desmaiada. Só se foi o bilhete, explicava a pobre criada ao médico, enxugando o pranto com o seu grande lenço de quadrados, verde e encarnado.

Jorge lembrava-se bem: tinham soado no relógio sete horas e a mãe e ele aprontavam-se para começar o jantar, quando o copeiro José atarantado e gago, lhes viera anunciar que uma preta velha o procurava, chorando. Sem uma reclamação o médico erguera-se imediatamente da mesa e ao saber do ocorrido, deixara a sopa a esfriar no prato, despedira-se da mãe, que o acompanhara até a entrada, e seguira a velha ama. Caminhara em silêncio, sentindo a seu lado os passos trôpegos da pobre negra trêmula de emoção e o ruído da sua respiração tornada sibilante, pela rapidez do andar. Parara ela diante de um portãozinho verde entrelaçado de trepadeiras brancas que aromatizavam tudo em torno. Nunca mais Jorge pôde ver uma dessas flores alvas, nem sentir-lhe o adocicado perfume, sem se recordar daquela serena noite de agosto, em que, pela primeira vez, ele se sentira fraco diante de um sentimento e apavorado diante da morte. Com efeito ao ver estendida na larga cama do casal, Hortencia, que lhe pareceu formosa, toda pálida e com as pálpebras tão cerradas que os cílios lhe riscaram as faces de dois traços negros, ele parara repentinamente como se se achasse diante de um cadáver, para quem todos os socorros da ciência fossem inúteis. Recuperara, porém, logo o sangue frio perdido e a tratara com o carinho de um irmão terno e desvelado. Palpitara com ela, quando notara que o seu coração aumentava as vibrações, e experimentara uma alegria intensa, nunca ressentida durante todo o exercício da sua carreira, quando lhe vira fremer as

pálpebras e aparecerem os grandes olhos cor do céu. Uma imensa piedade encheu-lhe então a alma, quando a viu, voltada à vida, lançar olhares esgazeados em torno de si e sufocar depois num copioso pranto, que lhe dilacerava o peito em gemidos e soluços entrecortados. Ela rolara na cama como uma criança aterrada, estendera os braços súplices a alguém ausente, de quem balbuciava o nome entre suspiros agoniados e só se acalmara um pouco, quando Jorge, adiantando-se, lhe tomara a mão, estendendo-lhe com a outra um cálice com remédio. Ao avistá-lo estremecera, passara os dedos pela testa onde os cachos negros tombavam em ondas e procurara erguer-se do leito nervosa e fremente. Com um olhar, o médico manteve-a deitada, tentando depois acalmá-la com a voz clara e máscula que continha tanta energia e tanta compaixão, que as lágrimas dela começaram a correr com menos desespero. A seu lado, uma carta machucada e molhada de pranto aparecia e desaparecia segundo os movimentos convulsivos do seu corpo irrequieto. Quase inconsciente, todavia, bebera o remédio que o médico lhe apresentara e imediatamente, um certo bem-estar se declarava na sua fisionomia decomposta até então. Cessara logo a tensão nervosa dos seus músculos e o seu olhar retomara a sua expressão habitual. Pareceu envergonhada e num tom abafado, pediu a Justina, sempre lacrimosa e trêmula, um lenço para enxugar o rosto e depois murmurou, como desculpando-se ao médico, a quem já conhecia de vista:

— Obrigada, doutor, estou melhor. Foi um tremendo desgosto a causa disto tudo. Mas já passou...

Jorge, comovido e apiedado, sentiu pela primeira vez uma grande curiosidade interessada morder-lhe o coração. Quem teria tido a coragem de desgostar tão linda e frágil mulher? O marido? Talvez aquele bilhete que ele via ali a seu lado, entre as pregas do seu penhoar branco, fosse alguma carta anônima denunciando uma traição do esposo. E que miserável era este, se assim traía uma esposa formosa e sensível como aquela!

Ela calara-se e as suas pálpebras meio cerradas deixavam filtrar a pequena chama dos seus olhos enlanguescidos. Parecia concentrada numa impressão interna, tão profunda, que a alheava

de todos. Jorge tomou-lhe de novo o pulso fino, branco e raiado de veias azuis, contou-lhe as pulsações e depois colocou-o com cuidado sobre o leito. Se pudesse, permaneceria ali a seu lado, toda a noite, mas não sendo possível, depois de lhe ter dado de novo a beber um outro cálice de remédio, ergueu-se para retirar-se, prometendo vir no dia seguinte.

Antes de sair, porém, envolveu-a num longo olhar grave, cheio de fluidos serenos e compassivos e partiu, ordenando com autoridade, que a deixassem dormir em calma e não lhe permitissem o menor movimento.

Foi a sua primeira visita no dia seguinte. Encontrou-a muito pálida, com fundas olheiras roxas debaixo dos olhos tristes e a boca desmaiada e melancólica. Esperava-o numa salinha toda forrada de azul claro, estendida numa *chaise longue*[29] e circundada de coxins[30] fofos e doces à vista. Vestia um quimono branco todo salpicado de íbis dourados e o cabelo solto caía-lhe em desordem dos dois lados do rosto, emoldurando-o como o de uma santa.

— Tenho a cabeça dolorida e tão sensível doutor que nem pude atar os cabelos. Todavia, estou melhor e muito lhe agradeço as atenções, creia!

— Faço o meu dever — respondeu simplesmente Jorge, adoçando com um olhar meigo, a secura da frase. — Mas diga-me, dormiu bem?

— Assim, assim replicou — Hortencia, fechando um pouco os olhos, como fugindo à visão dos sonhos tormentosos, que tivera aquela noite.

— Trago-lhe hoje outro remédio — murmurou o jovem médico solícito e amável. — Tome durante todo o dia estas gotas que eu lhe receito e amanhã estará boa e senhora absoluta dos seus nervos.

— Muito agradecida, doutor. Tomá-las-ei, sem falta alguma, mas a moléstia é na alma e não no corpo, como parece.

Jorge calou-se um segundo, pensativo, fazendo um grande esforço sobre si mesmo, para não lhe travar da mão molemente caída sobre o regaço e indagar-lhe com carinho e suplica a razão do seu sofrer.

Mas não ousara...

Ela tivera depois um pouco de febre e necessitara ainda durante uns três dias dos cuidados de Jorge, que cada dia se sentia mais tomado de amor por ela, sempre tão delicada, tão linda, tão sofredora! Justina a velha criada ao conduzi-lo uma manhã até ao portãozinho verde, onde a trepadeira branca se entrelaçava entre as rosas tornadas murchas pelo calor do sol, contou-lhe com lágrimas na voz que o patrão havia partido para muito longe, para a Europa, abandonando a esposa e o filhinho, um anjinho! — exclamava a preta.

— Um pecado, senhor! Um crime! Deixar uma santa como aquela e um querubim como Joãozinho! — murmurava a velha ama, sacudindo a cabeça grisalha.

Jorge nada respondera e até fizera calar Justina com um olhar severo e um gesto de reprovação. Entretanto, no fundo do seu peito generoso de homem forte e são, uma onda de emoção e de piedade se levantara tão possante, que quase o impelira a voltar à salinha onde a deixara, silenciosa e resignada e atirar-se-lhe aos pés gritando o seu amor e o seu absoluto devotamento. Todavia nada fizera: continuara o seu caminho cabisbaixo e trêmulo, é verdade, mas em paz com a sua consciência e a sua honra de homem. Não! Nunca ele abusaria da sua fraqueza e do seu abandono porque isso seria uma covardia indigna dele.

Depois, mais tarde, a criança também adoecera e ela o chamara para vê-la. Parecia mais tranquila, mais serena, mais consolada. Às vezes, um sorriso rápido erguia-lhe um pouco o lábio ainda descorado e ele admirava então a alva fileiras dos seus dentes pequeninos. Conversavam, comentavam fatos externos, ela interrogava-o sobre os cuidados necessários ao menino, um pouco fraquinho, e ele respondia curvado e respeitoso.

Afinal, depois de um ano de convívio, uma noite, fora de horas, à cabeceira da criança, muito grave de sarampo, num desespero, ela ajoelhara-se diante dele e pedira-lhe por Deus, que lhe salvasse o filhinho que era o único elo que a prendia ao mundo.

Ele, muito pálido e trêmulo de emoção, erguera-a nos seus braços robustos de homem e tivera-a um segundo junto ao peito,

com a boca ardente ao alcance dos seus lábios. E uma tentação formidável, quase o vencera.

Mas não, ele dominara-se logo e a depositara quase inanimada sobre uma poltrona próxima, ficando ele só a velar a criança que, pela madrugada, melhorou e à tarde sorria já.

Apesar da sua agonia e do seu acabrunhamento, Hortencia sentira bem a fremência e o ardor do rápido enlace de Jorge e percebera a chama apaixonada do seu olhar alargado. Toda aquela noite de angústia, ela, vencida, não se pudera erguer da cadeira em que ele a deitara, mas, através dos seus cílios baixos, seguira-lhe os movimentos pressurosos e os cuidados ininterruptos. Com os olhos entre a criança e o relógio, o médico ministrou ao pequenito durante toda a noite o remédio necessário, só permitindo, de quando em vez, uma rápida mirada àquela forma branca, atirada como um farrapo sobre a poltrona escura e da qual ele só sentia a vida, pela leve respiração que lhe levantava o seio arredondado.

Pela madrugada, ao canto alegre dos galos anunciando a festiva vinda do sol, a febre da criança declinou completamente e um sono calmo e repousante fechou-lhe os grandes olhos que cílios crespos velavam. Como um acompanhamento ao sono do filho, a mãe adormeceu também e o seu respirar suave e leve fez-se ouvir no aposento, que a alvacenta luz da alvorada, tornava lívido e de uma melancolia intensa. Jorge, acordado entre a mãe e o filho adormecidos, sentindo o profundo silêncio que o rodeava, teve a sensação de que se achava numa capela obscura, entre brancos círios acesos e ouvindo cantos longínquos de anjos invisíveis. Um culto fervoroso e ardente como uma prece subiu-lhe ao peito, fê-lo erguer-se do seu lugar e ir prostrar-se aos pés da moça adormecida. Muito branca, entre as tranças negras do seu cabelo desfeito, o seu rosto adquirira a imobilidade de uma admirável estatua de mármore e toda a sua beleza e perfeição. As suas mãos alongadas sobre o regaço, tinham-se desunido no langor do sono e pareciam duas flores atiradas ao acaso. Dormia confiante e serena sob a guarda do homem que sentira, havia pouco, palpitante por ela. Jorge dobrou então o joelho e sobre as rendas do seu penhoar, estendidas sobre o tapete, ele depositou um beijo apaixonado e casto.

Ah! Jorge de Vasconcellos não era um moderno!

Joãozinho curou-se rapidamente, como em geral as crianças se curam, e Hortencia guardou a Jorge no fundo do seu coração um devotamento intenso em que já havia amor. Não olvidara nunca a pressão ardente dos seus braços, quando a levantara do chão naquela horrível noite, nem o seu olhar de desejo ansiado e contido. Essa recordação era o seu consolo e a afeição que o médico lhe dedicava a sua religião.

Já não lhe feria tanto como um golpe de punhal, a lembrança da fuga do marido com uma francesa, deixando-a a ela e ao filho, apenas com que viverem. Nunca o amara e só se unira a ele para obedecer à velha tia, receosa de morrer e de a deixar órfã e sozinha no mundo. Fernando de Souza Lima nunca fora para ela, um esposo nem um amigo. Corretor da Bolsa, andava sempre por fora em negócios ou em pândegas, fugindo de casa e da mulher, a quem achava insuportável na sua honestidade e no seu simples viver. Tudo isso ela contara uma vez ao jovem doutor para lhe explicar a sua solidão e a sua tristeza e ele, num aperto de mão forte e longo, demonstrara-lhe toda a sua simpatia e ofertara-lhe toda a sua dedicação.

Acompanhado pela mãe, apareceu-lhe uma tarde, antes do jantar e as duas senhoras sentiram logo que se amariam e conviveriam agradavelmente. D. Luiza, a mãe do médico, encantou-se muito pelo Joãozinho, sentado muito sério aos pés da mãe que bordava e chamando ao médico "meu grande amigo".

Quando se retirou, a velha senhora ia mirando disfarçadamente o filho e lendo-lhe na alma como num livro aberto, compreendia agora a sua melancolia e a sua mudez desses últimos tempos.

Entretanto, guardou silêncio...

À vizinhança sempre curiosa e maldizente, a velha Justina contara que o marido da sua patroa, fora à Europa em negócios. E nunca mais nos arredores e em casa se falou em Fernando de Souza Lima.

Na sua branca casinha, protegida da curiosidade alheia, pela verdejante trepadeira ao longo da qual estrelas alvas surgiam á

noite, Hortencia, cuja alma singela desdenhava a vaidade moderna, que se desdobra como um polvo de monstruosos tentáculos, através das estradas do mundo, continuava a sua vida de dedicação ao filho e de isolamento orgulhoso, tendo como únicos incentivos, a paz da sua consciência e o amor oculto e forte por um homem que não a podia desposar. Esse sentimento, entretanto, que na época de convulsões que atravessamos, rebaixa quase sempre a mulher considerada pelo macho como um objeto de gozo efêmero ou uma presa destinada a ele, elevava essa moça honesta às alturas de uma heroína de virtude e de dignidade. No seu pensar, ela só poderia amar Jorge em segredo, logo que o marido vivia ainda, embora com outra...

Os escrúpulos passaram da moda, ela bem o sabia, mas Hortencia avessa aos excessivos e libertários requintes dos tempos modernos, continuava a julgar estranho uma mulher balançada entre o marido e o amante, balanço que sempre coloca involuntariamente a criatura de sentimentos nobres na senda[31] do cinismo e da miséria moral.

IV

A vida na casa dos Almeidas, continuava na mesma corrida infernal, atrás do luxo, do prazer e do dinheiro. D. Maria, sempre exaltada, tinha constantemente nos lábios um ricto[32] de cólera impotente, crivando no marido, já dobrado de terror, olhares de compaixão desdenhosa. Maria José, indiferente a tudo, que não fosse a exibição da sua pessoa, ou a satisfação de um desejo luxuoso, saía depois do almoço engolido às pressas, com a amiga Zelia Villaboim, filha de uma viúva, mulher gorda e amolentada, que vivia do modesto montepio[33] que o marido, capitão do Exército, falecido em Canudos, lhe deixara. Tinha D. Carlota Villaboim, dois filhos que eram um tormento para o seu gênio passivo e preguiçoso. Eduardo, o mais velho, vulgarmente conhecido por Duca, era um rapaz de 22 anos, eterno estudante do 1º ano de Direito, frequentador assíduo dos clubes, onde ganhava 5 mil réis, por noite, dançando o tango com as cocotes[34] francesas e amador pertinaz das atrizes de teatros baratos. Conhecia de nome e de pessoa, todas as *demi-mondaines*[35] do Rio, tratava-as por tu e era *amant de coeur*[36] de uma velha francesa, moradora no Catete. Pequeno e fino, vestia sempre no rigor da moda, paletó muito curto e muito cintado, descobrindo ancas de mulher, que ele instintivamente balançava. O rosto moreno claro, que usava muito polvilhado de pó de arroz, era completamente raspado, deixando transparecer bem a linha sinuosa e vermelha dos lábios grossos. Diziam alguns camaradas invejosos daquela beleza pouco máscula, que o Duca avivava muitas vezes o sangue da sua boca bem-feita com o pequeno batom vermelho da amiga: mas isso era talvez uma calúnia. A mãe, no seu bom senso de burguesa, achava o filho uma figura ridícula e pedia-lhe insistentemente, que respeitasse o nome

do pai. Negava-lhe o dinheiro que ele exigia com beijos e abraços femininos, sofrendo muito, porém, quando para a castigar ele se ausentava de casa durante dias consecutivos.

Sua filha Zelia, na idade de 20 anos, era a mais perfeita companheira que Maria José poderia encontrar, para os seus devaneios de ambição e vaidade imbecil. Mais pobre do que a amiga, mas tal qual ela, a filha da viúva Villaboim, não possuía no cérebro mesquinho e achatado, a menor ideia judiciosa e séria. Magra, feia e pequena, ela, vivia a fazer trejeitos de olhos, a imitar o andar das artistas, que vira nas telas cinematográficas, a procurar, enfim um marido, que a libertasse da sujeição da mãe e a deixasse atravessar a vida à rédea solta. As suas toaletes vistosas, chamavam a atenção ao longe e eram sempre no inverno e no verão, de fazendas baratas e transparentes. Às pessoas que lhe perguntavam se não sentia frio em junho, com vestidos tão leves, respondia enlanguescendo o olhar simiesco e abrindo muito a boca pintada, que era calorenta em excesso e transpirava sempre. Dava a alma por uma festa e humilhava-se claramente para arranjar um convite ou uma companhia. Maria José e ela adoravam-se, embora à distância e sem receio de serem ouvidas, uma motejasse[37] da outra, em gargalhadas sonoras e frases sarcásticas. Juntas, eram amicíssimas, corriam diversos cinemas, merendavam na Confeitaria Avellar, comendo pouco e permanecendo muito tempo sentadas à mesa, numa morbidez de sensações especiais que a música acompanhava e que os olhares dos homens presentes sublinhava. Depois, ambas, no mesmo andar bamboleante e artificial, passeavam da Galeria Cruzeiro à esquina da rua do Ouvidor, parando sempre, deitando aos homens enfileirados nas pontas das calçadas, olhares ou cumprimentos amistosos, que sublinhavam como risinhos afetados.

Às vezes, esbarravam com o Dr. Paulo de Araujo, que tinha sempre para a futura noiva um pequeno olhar de reprovação, encontrando-a assim livre e provocante, em companhia da leviana Zelia, pela Avenida afora.

Para desculpar-se, ela falava-lhe logo em compras, em ordens da mãe, em necessidades urgentes e domésticas e a sua gentileza, o seu empenho em agradar o rapaz, pareciam tão sinceros, tão ardentes, que ele sorria, tomava lugar a seu lado e acompanhava-a a casa. Era curioso de ver-se então, o olhar de enfado que as duas amigas trocavam entre si! Perdiam momentaneamente o ar vivo e alegre que as distinguira até ali e lentas, mornas e silenciosas, voltavam à Rua D. Mariana.

D. Anninha censurava doce mas continuadamente, aqueles passeios da neta com a Zelia Villaboim. Tentara até em diversas ocasiões exaltar o ciúme de Paulo, mas o olhar de raiva que a neta lhe deitara à última vez, fizera-a calar e baixar os olhos dolorosos.

Quando o rapaz saiu, Maria José, arrogante, declarou à velha avó, que nunca mais se metesse na sua vida ou ela se arrependeria. A mãe, que entrava, obrigou-a ao silêncio, mas quando soube do objeto da discussão, deu razão à filha e censurou a mãe.

Esta nunca mais tentara nada, recolhida agora num silêncio digno e sofredor.

Entretanto, reinava desde alguns dias grande agitação na modesta casinha da Rua D. Mariana, merecedora, pelas flores que insistiam em lhe salpicar, apesar do abandono em que viviam os canteiros quadrados, de relva fresca e enredados de hera lustrosa e verde escura, de paz e serenidade. Anunciava-se uma estrondosa festa de caridade, realizada pela Liga dos Aliados em favor dos belgas maltratados e mal alimentados. Teria lugar no Clube dos Diários e o chá seria servido por moças solteiras, fantasiadas com o hábito da Cruz Vermelha.

Henriqueta de Nerval, uma das damas *patronnesses* da dita festa, convidara Maria José, para servir na sua mesa e esta, orgulhosa e triunfante, principiou logo a imaginar como arranjaria o dinheiro necessário para se confeccionar o hábito pedido. Estava-se no fim do mês e o ordenado do infeliz chefe de seção se evaporara, havia muito.

Os vendedores a prestações, nunca pagos, ou sempre com os vencimentos transferidos, recusavam o menor crédito às duas

senhoras aflitas. Maria José, com as mãos na cabeça, lamentava-se amargamente, proferindo frases violentas contra o pai e contra o resto do mundo. A boa avó dera-lhe 20 mil réis, uma pequena economia que fizera e que guardava para quando estivesse doente; mas que eram 20 mil réis? A moça quase endoidecia, vendo aproximar-se o dia fatal, sem que ela tivesse podido confeccionar a fantasia necessária. Finalmente, depois de uma noite passada em claro, Maria José, pálida e com os olhos inchados, decidiu-se a ir examinar as gavetas do pai logo que este saísse. Achava impossível que ele não tivesse algum dinheiro escondido. Aproveitando a ausência da mãe, ocupada com as criadas e a avó, retirada no seu quarto, a rapariga principiou o seu inquérito, buscando primeiro atrás dos livros das estantes, depois nas gavetas superiores da escrivaninha de trabalho e finalmente numa velha caixa de charutos jogada como por descuido em cima de uma mesa de jogo. Imaginem a sua alegria, quando abrindo-a, violentamente, num momento de mau humor, viu aparecer uma cédula nova de 50 mil réis, misturada com moedas de prata de diversos valores? Não teve um escrúpulo, nem uma hesitação: apoderou-se do dinheiro paterno como se ele lhe pertencesse de fato e, num pulo de alegria, ia decidir afinal o desejado costume, quando ao transpor o umbral do gabinete, deu com a avó muito branca e de olhos atônitos, que a contemplavam com as mãos unidas num tremor, que as erguia à altura do peito. Não pestanejou, nem parou a moça audaciosa; empurrou simplesmente a velha para o lado, fingindo não lhe compreender o olhar de agonia e desapareceu. A avó, vendo-a fugir, benzeu-se lentamente e os olhos desbotados ergueram-se implorativos para o céu. Um grande desespero sacudiu-a toda e prostrava-a quase até o chão.

V

Quando D. Maria indagou da filha onde arranjara a soma indispensável para a sua fantasia da Cruz Vermelha, a rapariga respondeu-lhe que "jogara no bicho" na véspera e que por acaso acertara. E entre risos e projetos, a mãe e a filha principiaram a confeccionar o costume exigido, debaixo dos olhos enevoados de sofrimento e de dor contida da pobre avó, que perguntava com horror a si própria até onde iriam parar a inconsciência e a ambição da filha e da neta.

Paulo de Araujo veio essa noite, mas encontrou Maria José tão distraída e tão preocupada com a festa de caridade do Clube dos Diários, que mal teve tempo de lhe murmurar uma frase amena e de lhe poder merecer um minuto de atenção.

Durante toda a noite só se falou no chá caritativo, na Henriqueta de Nerval, no vestido que ela traria nesse dia, no despeito de Zelia, que não tinha sido convidada e na receita que a moça faria e que ela desejava fosse muito acima das outras caixeiras. O rapaz encontrou muitas vezes, pousado sobre ele, o olhar sério e triste de D. Anninha, e, sentindo-se abandonado pela noiva, foi procurar a velha, a quem muito estimava, e, sentando-se a seu lado, disse a sorrir:

— Maria José está muito entusiasmada com a ideia de ser, por algumas horas, criada dos outros. Nunca imaginei que fosse tão agradável assim servir!

A moça ergueu a cabeça da costura, e com um pouco de mau modo, respondeu:

— Servir numa festa de caridade não é ser criada dos outros; é ser boa para os pobres e procurar diminuir-lhes os sofrimentos.

— Não creio nisso — murmurou Paulo, sempre com o seu sorriso ligeiramente sarcástico. — Se a festa fosse num lugar pouco chique e você tivesse de servir a pessoas pouco elegantes, embora

muito humanitárias e que muito fizessem em favor dos pobres, estou certo que você, apesar de caridosa e de boa, como é, furtar-se-ia a esse santo dever, não é verdade?

— Talvez não — resmungou Maria José, deitando-lhe um olhar de rancor. — Entretanto — acrescentou —, ainda não tenho que lhe dar satisfações dos meus atos.

— Qual, Maria José, você nem sairia de casa — exclamou o rapaz, rindo para disfarçar a má impressão que lhe causara o dito da moça. — Sem fantasia, sem "reclame", sem retratos e sem gente chique a servir, você não iria, nem que os belgas morressem todos de fome, hein?

A rapariga encolheu os ombros e não retrucou. O noivo principiava decididamente a aborrecê-la. A mãe, vendo a conversa mal encaminhada e sentindo a irritação da filha, mudou o assunto, indagando de Paulo se havia alguma novidade no ministério e se se falava ainda na próxima demissão do diretor.

Paulo, como todo o empregado público, gostava muito de narrar os episódios da sua repartição, e uma vez lançado nesse caminho, falou todo o resto da noite sobre isso, entre o silêncio da noiva, o ar distraído de D. Maria e o olhar afetuoso e atento da velha D. Anninha.

Todavia, quando, depois de despedir-se, encontrou-se sozinho na rua com os seus pensamentos verificou que guardava dentro do cérebro uma visão pouco favorável da noiva encolerizada. Um grande desgosto lhe vinha agora pelas conversas levianas e fúteis que ouvira toda a noite e os arremessos e muxoxos desagradáveis da moça profunda impressão lhe tinham feito na alma boa e sã de homem ajuizado e sem desequilíbrios.

Quem lhe assegurava que era aquela mulher a esposa, que ele tanto desejava no seu isolamento e solidão? Parecera-lhe muitas vezes frívola, vaidosa e faceira; mas nunca a julgara colérica, grosseira e seca, como aquela noite. Talvez devesse pensar mais e adiar por algum tempo o pedido de casamento. Maria José, apesar dos seus grandes olhos amarelos e da sua boca de romã, podia não se sujeitar à sua vida simples e despretensiosa de homem pobre e

burguês e a existência tornar-se-ia então um tormento e uma desgraça.

Mas valia, esperar um pouco e conhecê-la melhor. E assim fez Paulo, que diminuiu as suas visitas e aumentou a sua análise.

Na véspera da famosa festa de caridade, a manhã despertara luminosa e suave, como renovada e refrescada por alguma brisa mágica. As montanhas da Gávea, da Tijuca e o altaneiro Corcovado recortavam-se no horizonte límpido, como buriladas por algum monstruoso cinzel, e nos jardins e nas praças, as árvores e as flores de um colorido vivo e brilhante surgiam da terra orvalhada como flocos de cor ou estrelas tombadas. Sentia-se a respiração perfumada da natureza em festa, bafejada pelo sol carinhoso, pelo vento brando da manhã, e por toda aquela fecundação oculta no seu seio e na sua superfície.

Na casa dos Almeidas, todos despertando tarde, nada viram da bela manhã, trescalante[38] de aromas, dourada de raios de sol, frisada pela brisa fagueira e carinhosa. Somente a velha D. Anninha, acordada desde as pálidas horas da madrugada, errara, como era seu costume, pelo jardinzito desprezado, suspendendo aqui um galho de hera desgarrado, endireitando ali a haste de uma papoula rosa meio inclinada para o chão. Em geral, só entrava quando ouvia na sala a voz do genro pedindo o café, que era sempre servido por ela, que, aliás, também presidia ao almoço, que ele comia sozinho a ler, antes de partir para o ministério. Quando o sentia preocupado, a boa senhora, solícita e amável, tentava distraí-lo, murmurando-lhe algumas frases banais, mas impregnadas da carícia da sua voz, sobre a beleza do dia, o gostoso do prato predileto, as notícias sensacionais do jornal... Ele respondia apenas por monossílabos, a fronte sempre barrada de uma funda ruga de contrariedade.

Naquela manhã, porém, as coisas não seguiram o seu curso acostumado. Apenas a pobre velha se apoderara da haste de uma rosa para endireitá-la, e já a voz do Sr. Almeida, áspera e colérica, se fazia ouvir nos fundos da casa. D. Anninha, que vivia com a alma apavorada e tremente de terror, desde o momento em que avistara a neta cometendo o ato indigno de roubar o pai, procurou correr

para o lugar da discussão, certa de que tinha chegado a hora do desenlace. As suas pernas, porém, trêmulas, de velha, não a ajudaram muito, e quando, ofegante e empalidecida, ela chegou à cozinha, já o genro apostrofava[39] a cozinheira preta, que, com uma panela na mão e a outra erguida para o ar, jurava a sua inocência.

— Quem me roubaria então os 50 mil réis, se não foste tu, negra maldita? — dizia o Sr. Almeida, com a fisionomia transformada de cólera.

— Eu não fui, não *sinhô* — gaguejava a pobre preta, já com lágrimas nos olhos. — Juro, por Jesus Cristo, que morreu por nós, que não fui eu. *Sinhô*, pode ir a meu quarto, remexer o meu baú, procurar por toda a parte... Eu não sou uma ladrona, não *sinhô*!

— Então, quem seria que me tirou aquele dinheiro? — murmurou o funcionário público, circundando um olhar já indeciso, em torno dele, e avistando a sogra, branca como cera, e com os olhos murchos de velha alargados de horror.

— Minha mãe — explicou ele à velha que o ouvia muda e a tremer —, saiba que desapareceu de uma caixinha de charutos colocada sobre aquela mesinha de jogo do meu gabinete, uma nota de 50 mil réis, que eu guardava para pagar hoje os juros de uma letra. Imaginei que fosse esta cozinheira há pouco tempo na casa, quem a tirou; mas a rapariga jura que não foi ela, e eu não ouso acusá-la. Talvez seja inocente! Mas, quem foi então? — interrogava ele, fitando a sogra, com um olhar agudo e desconfiado. — A senhora, por acaso, não o saberá?

A pobre D. Anninha abaixou os olhos e a sua cabeça de bandós[40] alvos como fios de algodão, curvou-se sobre o seio tumultuoso. Nada respondeu e, por um segundo, o genro a fitou suspeitoso, diante daquela atitude de culpada. Mas sacudiu logo os ombros e, virando-se de novo para a criada trombuda que resmungava, exclamou, com uma voz tonitruante[41], que retumbou por toda a casa:

— Há um ladrão aqui nesta casa, e eu preciso saber quem ele é, para entregá-lo à polícia. Já não saio hoje, e vou mandar chamar o delegado.

Ouviu-se no corredor um arrastar de chinelas e D. Maria e a filha, assustadas e curiosas, apareceram à porta da cozinha. Maria José num relance, compreendeu tudo e o seu olhar amarelo relampagueou num clarão de cinismo e de audácia. Ninguém a vira tirar o dinheiro senão a avô e esta, certamente não a denunciaria. O pai gritaria, ameaçaria, céus e raios, a cozinheira seria enxotada, mas o incidente se terminaria da melhor maneira possível. A avô ao vê-la, fitava-a em silêncio.

— Maria — dizia, entretanto, o infeliz chefe de seção à mulher, já irritada por todo aquele barulho —, roubaram-me 50 mil réis, numa caixa de charutos, dinheiro com que eu tencionava pagar o juro da letra que assinei, a fim de saldar a tua costureira. Roubaram-me aqui em casa... Sabes quem foi?

A mulher sacudiu os ombros, e mostrou-se logo avessa ao marido.

— Naturalmente perdeste-os, com a tua distração habitual, e agora acusas a toda a gente — exclamou ela aborrecida. — Olha, eu não fui.

— Oh! Maria, eu não te acuso — replicou o pobre homem, a tremer —, mas não desconfias de ninguém? Pensa um minuto, que eu não tenho mais um só vintém, e que se eu não pagar o juro desta letra, estou desgraçado!...

Sobre o rosto de D. Maria passou a primeira nuvem de inquietação, enquanto a pobre D. Anninha, com as lágrimas a correrem pelas faces cavadas de rugas, escondia o rosto entre as mãos de veias salientes. Maria José, porém, continuava impávida a mirar fixamente o pai, que lhe parecia ridículo e mesquinho, assim, a chorar uns magros 50 mil réis, em torno das panelas que ferviam.

— Minha filha — perguntou-lhe afinal o pai, encontrando o seu olhar, e não lhe compreendendo a expressão —, saberás tu quem foi? Não farei nada ao culpado, fica certa! Pedir-lhe-ei somente que me devolva esse dinheiro, que me é indispensável.

A moça contentou-se em sacudir os ombros, virando a cabeça com desdém.

Então, diante do silêncio que lhe respondia às perguntas angustiadas, diante do olhar entre irritado e inquieto da mulher e a

indiferença da filha, o Sr. Almeida esqueceu o pranto agoniado da velha sogra a seu lado, e, louco de cólera, avançou para a negra cozinheira o punho fechado e ameaçador.

— Ladra! gatuna, foste tu quem me roubaste, e vais pagar-me imediatamente. Sovo-te, e depois mando-te passar uns dias na cadeia — roncava ele entre os dentes cerrados de raiva. A preta, espavorida, deixou cair a tampa de uma caçarola, que rolou no chão com um ruído estridente, e correu a ocultar-se atrás da velha D. Anninha. E viu-se então, uma coisa espantosa: a avó, deixando cair as mãos que lhe tapavam o rosto, molhado de pranto, ergueu-o num gesto de soberania e de comando, enquanto o seu braço alongado, sustinha o impulso violento do genro. Dona Maria olhava a mãe surpresa e imobilizada pelo espanto. A filha depois de um pequeno tremor de emoção, que a fizera piscar rapidamente os cílios crespos, procurava dominar a avó, com o seu olhar fixo. Esta, porém, depois de contemplá-la um segundo, com profunda recriminação e desprezo inconsciente, dirigiu-se ao genro, com uma voz lenta e grave, que ecoou religiosamente na cozinha, onde só se ouviu o ruído da água que borbulhava:

— Não acuse a uma inocente, José. Esta pobre preta não o roubou. Quem o fez, foi a sua própria filha, que assiste agora tranquila e serena, você maltratar uma criatura, que ela sabe bem, não ter culpa alguma. Isso é horrível!

Foi um terremoto! D. Maria soltou um grito e caiu no chão com um ataque. Maria José, num olhar, que encontrou a cabeça branca da avó, por todo o seu ódio, todo o seu rancor e, virando as costas, saiu da cozinha deixando a mãe em convulsões, a avó cambaleando do esforço que fizera e o pai, encostado à janela, soluçando em longos haustos e profundos gemidos, que cortavam o coração.

VI

Todos os jornais publicavam diariamente, que as brasileiras, sensibilizadas pela sorte dos infelizes belgas, tinham decidido, por meio de uma grande festa de caridade, enviar-lhes algum auxílio. As entradas seriam pagas, o chá também e as flores, oferecidas pelas mesmas senhoritas que apresentavam os doces, seriam compradas por preços fabulosos, pelos admiradores dessas senhoras, que tivessem bom coração, algum dinheiro e fossem ardentes aliados. Uniformizadas todas com o mesmo hábito da Cruz Vermelha, as vendedoras de chá, bolos e flores, andavam pela sala ainda vazia, mirando-se a cada instante nos grandes espelhos das paredes, seduzidas pela nova fantasia e esquecidas por um momento, das desgraças que tanto almejavam consolar. Afetavam um aspecto casto de religiosas graves, mas o olhar garrido e satisfeito, a face pintada, o andar saltitante e balançando, desmentiam logo a impressão de respeito e de seriedade, que à primeira vista inspiravam ao espectador. Como um bando de gaivotas enxotadas por um vento tempestuoso, elas se reuniam em grupo às janelas, falando, sorrindo, elogiando-se mutuamente, numa vozeria alegre e esperançosa. Em torno delas, as mesas brancas e floridas, como pequenos altares, disseminavam-se pelas salas num ar convidativo e íntimo, com as suas xícaras de porcelana clara e com as suas colheres de prata reluzente. As damas *patronesses* sérias e apressadas chamavam as suas vendedoras, faziam-lhes pequenas recomendações e davam-lhes rápidos conselhos ao ouvido.

Maria José, vaidosa do hábito branco, que lhe sublinhava demasiado a brejeirice dos olhos e o colorido artificial do rosto, procurara em vão madame de Nerval, que ainda não aparecera. A moça se movia continuadamente, na vibração ansiosa da espera e num desejo ávido de principiar o seu serviço, o que lhe permitiria mostrar a graça das suas atitudes e a elegância dos seus gestos.

Finalmente, a bela Henriqueta surgiu na primeira sala do Clube e logo as outras senhoras correram a abraçá-la. Vinha soberba, num luminoso vestido cinzento claro, com reflexos de aço, de saia muito curta sobre sapatos da mesma cor, que uma fivela de prata abotoava.

Um grande *canotier*[42] de veludo negro sombreava-lhe o rosto alvo, levemente rosado, os olhos garços e a boca rubra, dando-lhe ao cabelo simplesmente enrolado num *chignon*, um ar ardente e fascinante de chama. Ela pusera, porém, toda a harmonia da sua pessoa, num buquê de violetas, do qual tirara todas as folhas e que ela pendurara a meio do último botão do seu corpete. Risonha e amável, entrou logo a ordenar o serviço, examinando com um olhar agudo as suas ajudantes e aconselhando-lhes pequenas modificações nas toaletes ou nas mesas. Maria José exultava e, de quando em vez, fazia um sinal à mãe sentada num canto, com a fisionomia ainda desfeita da véspera, malgrado o rosado das faces e o vermelho dos lábios. Pela primeira vez, D. Maria não encontrava encanto numa reunião elegante e ao ver a filha, faceira e envaidecida naquela fantasia que lhe custara a ela, tantas lágrimas e tanta vergonha, um rancor e uma repugnância lhe mordiam o coração pela frivolidade leviana da rapariga. Esta olvidara completamente a cena passada e quando, por acaso, ela lhe vinha à mente, experimentava um sentimento de profundo ódio contra a velha avó que a vendera e de desprezo pelo pobre pai, que tanto chorara uns miseráveis 50 mil réis.

O pessoal, entretanto, começava agora a afluir e as conversas, e os cumprimentos eram trocados ao som da orquestra, que entoava tangos, *one-step* e *rag-times* de um ritmo ondulantemente sensual. As vendedoras, coradas, alegres e pressurosas, iam e vinham de um lado para outro, confeccionando pratos de doces, cestas de flores e xícaras de chá. Os conhecidos aceitavam um ou outro botão de flor, pagavam-no lentamente e colocavam-no depois na lapela, entre sorrisos da ofertante e olhares de inveja das companheiras menos felizes. D. Henriqueta, muito linda, no seu vestido cor de aço, que a luz pálida da tarde entrada pela janela

adoçava ainda mais, apertara um sem-número de mãos, sorrira para outros tantos sorrisos e vendera caro, todas as flores do buquê de rosas que tivera a boa ideia de se apoderar.

Agora, de costas para a janela e bem sentada numa rica poltrona de estofo vermelho, ela conversava em voz baixa, que de repente alteava, na desconfiança de que alguém lhe notasse a intimidade, com Alonso Garcia, que de pé e num fraque impecável, inclinava para ela, o seu busto elegante.

Aproximava tanto da moça o seu rosto inflamado, que esta lhe sentia o hálito ardente, o perfume dos cabelos bem tratados e o magnetismo do olhar fixo. Algumas pessoas já tinham virado os olhos para aquele colóquio que as interessava pela expressão das fisionomias dos seus atores e Henriqueta, adivinhando a curiosidade que despertava os modos insistentes e bruscos do argentino, procurava acalmá-lo sem, todavia, consegui-lo. Queria este à força quase, que ela lhe vendesse por um preço fabuloso, o lindo ramo de violetas, que ela trazia pendente do último botão do seu corpete e madame de Nerval lho negava com calafrios de terror pelo que diriam dela, se assim satisfizesse o seu pedido, um pedido que ela até então negara aos outros.

Alonso, entretanto, teimoso e apaixonado, exigia que a moça o atendesse e ninguém poderia dizer qual seria o fim dessa comédia mundana, se Maria José, angélica e fina, no seu hábito branco, não se tivesse aproximado da amiga, de quem adivinhara a perturbação inquieta, sob pretexto de consultá-la a respeito dos doces que findavam. Henriqueta, ergueu-se rápida, tomou o braço da ajudante, que tão gentilmente a tirava de uma situação embaraçosa e, depois de lançar ao rapaz encolerizado, um rápido olhar de recriminação desdenhosa, acompanhou Maria José ao bufê, esbarrando então com Lucio de Andrade muito *smart* no seu longo fraque sobre calças claras e sempre munido do seu celebre *carnet* de marroquim grená, que apertava numa das mãos enluvada de cinza pérola.

Declarava-se morto de sede e de fome e depois de beijar com unção as destras das senhoras e de dizer-lhes elogios, num tom de ironia e de fingido respeito, esparramou-se com ar cansado, numa cadeira junto a uma mesa abandonada, vendo-se logo rodeado de

uma nuvem de vendedoras, turbulentas e alegres, que lhe apresentavam ao mesmo tempo chá, bolos e flores.

A orquestra tocava sempre e já diversos rapazes de calças sobre o tornozelo e flores na botoeira, enlaçavam as gentis portadoras de hábito sagrado e as balançavam num tango harmonioso, que fazia voar como azas brancas, as largas mangas do costume de caridade.

Maria José, foi uma das primeiras a se deixar levar pela voluptuosa dança, moderna, mas vendo que só rapazes de menor idade e mais ou menos insignificantes se entregavam a esse divertimento, resolveu cessá-lo e ir descansar um pouco perto da mãe, que assistia a festa, isolada, silenciosa e sem sorrir. Recebeu esta a filha sem as demonstrações acostumadas de carinho alegre, chegando até a fitá-la espantada da animação e do contentamento impressos no seu rosto radiante. De repente, viu-a saltar, correr e desaparecer, numa outra sala onde, logo depois de grande estrondo uma claridade lívida e fulgurante relampejou e apagou-se. D. Maria compreendeu então que a filha fora retratar-se e que o último incidente do chá de caridade estava terminado. Também anoitecera e diversas pessoas começavam já a retirar-se. Henriqueta, passando nesse instante junto da amiga, notou-lhe a fisionomia tristonha e o ar lasso[43] e parou a fim de perguntar-lhe se estava adoentada. Diante da resposta afirmativa de D. Maria, a moça desejou-lhe melhoras e, sem se despedir de ninguém, desceu as escadas, ao som da música dançante, que lhe acompanhava a marcha ondulosa e metendo-se no automóvel, ordenou ao chofer que a levasse com rapidez para casa. Voltava fatigada, aborrecida, com um sabor acre na boca e uma melancolia intensa no coração. Enquanto o automóvel bordejava a Avenida Beira-Mar, já constelada de luzes que se refletiam no mar glauco[44] e imóvel, como uma imensa planície metálica, Henriqueta recordava com calafrios de cólera que lhe corriam pela espinha fremente, a cena que tivera lugar na sala do clube com o autoritário e despótico argentino que a julgava, segundo parecia, uma escrava sua para dar-lhe ordens e confiar que ela lhe aturaria pacientemente a insolência e as

contínuas exigências. Não, estava decidida a mandá-lo passear a ele e ao seu dinheiro, acontecesse o que acontecesse, houvesse o que houvesse. E uma chama de raiva e de tristeza juntas, subia-lhe à face que corava e ardia sob o véu de tule transparente.

Encostara-se como vencida à almofada do carro luxuoso, enquanto os seus olhos coruscantes[45] de ira olhavam, sem ver, do outro lado da baía, a longa fila iluminada das casas de Niterói. Súbito toda ela se transformou, ao reconhecer a visão que maquinalmente o seu olhar acompanhava e uma nuvem de pensamentos suaves e ao mesmo tempo cruéis se apossou do seu cérebro perturbado pela ferida de orgulho, que o fazia sangrar. Sim; ela fora muito feliz naquela cidade simples, toda recortada de praias prateadas, onde o mar azul se estendia num espreguiçamento voluptuoso e terno. Como ela vivera ali pura e recatada entre a mãe e o pai, burgueses honestos e bravos trabalhadores! Um dia, porém, este, negociante forte de uma fábrica de calçado no Rio, quebrara e não podendo sobreviver à ruína, suicidara-se depois de ter pago aos seus credores até o último vintém. A mãe, coitada, ficara com a cabeça branca de um dia para outro e fugira de Niterói, recolhera-se com ela à casa de uma velha amiga de quem se tornou a criada, até o dia em que vencida pela tuberculose, expirou, entregando-lhe a filha que tinha então 15 anos. Oh! A moça lembrava-se bem do dia em que se vira sozinha, com a velha D. Marianna, que sem verter uma lágrima pela morte da companheira de tantos anos, lhe recomendava, formosa criança, no frescor da idade, que fosse para a cozinha e tomasse conta do serviço, que a mãe não poderia mais fazer. Como a pobreza, a solidão a tinham transformado e corrompido! Sozinha, sem uma palavra carinhosa a ecoar-lhe na alma infantil, a rapariga odiou a todos, tornou-se cínica, invejosa, só adorando o dinheiro e jurando que o teria um dia, fosse por que meio fosse. Nessa ocasião, visitava de quando em vez a velha D. Marianna, o advogado Luiz de Nerval, que lhe tratava dos papéis, recebia-lhe o montepio e pagava-lhe os impostos das casas. O pai já tinha sido um grande amigo do defunto marido da velha avarenta, e este, ao morrer, nomeara seu executor testamentário, pedindo-lhe

que velasse pela sua viúva e pelo seu dinheiro. Quando aconteceu a este falecer também, o filho, já homem feito e formado, continuou o seu serviço, depois da aprovação da viúva, que lhe entregava as procurações e os negócios com fundos olhares de desconfiança e de ameaça.

Vendo um dia a linda Henriqueta, pálida e magra, a fazer o penoso serviço da desconfiada cliente, sentiu Luiz, que alguma coisa palpitava dentro da sua alma, que até então só vibrara por dinheiro, por negociatas e por esperanças. Os longos cabelos, ainda negros naquela ocasião, da pobre órfã emaranharam-se-lhe no seco coração e o tornaram prisioneiro. Voltou muitas vezes sob diversos pretextos, procurou dirigir-lhe a palavra, depois de lhe ter já dirigido longos olhares, e afinal um dia, que D. Marianna saíra, declarou-se na cozinha, ofereceu-se-lhe como protetor e beijou-lhe a mão tisnada de carvão. Henriqueta, vermelha e irritada, pela sedução que antevia na proposta do advogado, encolerizou-se primeiro e chorou depois, ao sentir-se tão só, tão abandonada na vida. Luiz, então, deixou-se vencer, acariciou-lhe os ondulados cabelos que lhe tinham prendido e revoltado o coração e prometeu-lhe que dentro de um mês seriam marido e mulher. A moça sorriu, enxugou as mãos no avental e, com a sua boca rosada e pura, deu-lhe o primeiro beijo de noiva.

D. Marianna, quando soube dos projetos dos dois jovens quis recusar o seu consentimento, no receio de perder uma criada gratuita e fiel, mas Luiz insistiu e um mês depois, Henriqueta desposava Luiz de Nerval, na modesta igreja da Rua Benjamim Constant. Ela tinha 17 anos e ele completara os 42!

Agora, ao rolar do automóvel caro e ao calor doce da zibelina[46] de 1.000 francos, que lhe rodeava o pescoço, Henriqueta pensava na mudança da sua sorte e na maneira com que ela contribuíra para essa transformação. Logo depois de casada, o marido mudara-se para uma boa casa, comodamente mobiliada, dera bons jantares e apresentara a mulher, deliciosamente trajada, aos amigos que afluíram logo que sentiram o conforto do ambiente, a liberdade reinante, o apetitoso das comidas e a velhice dos

vinhos. Saía quase sempre depois de jantar, desculpando-se com os negócios, visitas aos clientes, recebimentos de dinheiro, deixando Henriqueta sozinha com o mais importante dos convidados. À sua volta e encontrando a moça acanhada e o amigo vermelho, compreendia que alguma coisa se tinha passado na sua ausência mas nunca indagara de nada, animando até a sala soturna, com as suas gargalhadas e as suas troças. Era então frequentador assíduo do chalé da Rua de Santo Amaro, onde morava por esse tempo o casal Nerval, o diretor de um banco em evidência, que muito auxiliou Luiz e o ensinou a ganhar o indispensável dinheiro. Como Henriqueta tivesse nessa ocasião o seu primeiro filho, o mimoso Alvaro, foi este amigo convidado para padrinho da criança, começando então a reinar na casa, até aquele dia simplesmente confortável, um luxo moderno e discreto, que atraiu amigas à formosa mulher de Luiz e para ele próprio, admiradores e comparsas.

Em companhia do amável compadre, foram à Europa, voltaram depois de meses de permanência lá e Henriqueta entrou então a falar de Paris, com os olhos virados de gozo a só apreciar as coisas francesas, a sentir-se mal no Rio e a bocejar, quando lhe gabavam as belezas brasileiras. Depois, o diretor do banco sumiu e foi substituído por um diretor de jornal em pleno triunfo, em completa glória e as joias, as toaletes, o luxo enfim, dos esposos Nerval aumentou e cristalizou-se. As recepções da elegante senhora, eram concorridíssimas, podres de chique e citadas em todos os jornais com todas as suas minudências, não olvidando sequer o repórter de descrever a cor da meia da dona da casa e o açucarado dos seus *gâteaux* especiais.

Uma apoteose enfim, de beleza, de elegância e de triunfo mundano! Verdade é, que nessas reuniões, apareciam e desapareciam subitamente, alguns convidados que tinham sido até então objetos de evidente bom trato do moderno casal, mas a sociedade nunca cogitou desses fluxos e refluxos de relações mundanas e os esposos Nerval conservaram toda a sua auréola, todo o seu prestígio.

Nessa curva dos seus pensamentos, Henriqueta soltou um profundo suspiro de fadiga, como se a tivesse cansado demais, essa excursão pelo domínio das suas recordações. Sentia-se naquele dia farta de luxo, de prazeres, de sensações e o auxílio, que prestara ao marido, como sócio solidário, enfastiava-a agora e lhe enchia a boca de uma grossa saliva de repugnância.

O automóvel parando sobressaltou-a desagradavelmente e a ideia de não descer do carro, de ordenar-lhe outro rumo que a levasse para longe daquela casa maldita, lhe passou um instante pela mente desequilibrada. Mas "a vida não é um romance", disse ela a si própria e, flor rara entre as outras flores, que se espanejavam nas moitas do seu jardim, ela atravessou, com cintilações de joias e ruído de seda cara, os canteiros orvalhados pelo sereno da noite e entrou no palacete.

O marido esperava-a no *fumoir*[47], simples, mas ricamente mobiliado de cadeiras e divãs em imitação de couro de córdova, com cortinas algerianas e tapetes persas. Luiz de Nerval trouxera tudo isso da Europa e o dizia a todo o mundo, numa voz modesta de milionário americano. Ao ver a mulher entrar com uma luz má nos olhos claros e sem o saudar, ele se ergueu bonacheirão e carinhoso, desviando para o lado a fumaça do charuto que manteve entre os dedos, enquanto ela trêmula e com modo brusco, se deixou cair sobre uma cadeira próxima, repuxando com a mão a zibelina que agora a esquentava demasiado na sala fechada.

Os dois cônjuges fitaram-se um instante, em silêncio; ele de pé, com uma leve inquietação no olhar desviado que fingia examinar atentamente a cinza do charuto, à espera da explicação que sentia ser desagradável; ela, sentada, de cabeça erguida sob o grande chapéu negro, mirava-o com a fisionomia contraída, os cílios frementes, as faces incendiadas e as mãos irrequietas, indo e vindo sobre a sua pessoa, reluzente à luz elétrica como se fosse um bibelô *art nouveau*. Sobre o tapete, a zibelina estendera-se agora semelhante a um formoso animal doméstico. Cada um esperava que o outro falasse; mas Henriqueta, mulher impulsiva não se pode conter por mais tempo e exclamou com veemência:

— Sabes, Luiz? Não posso mais suportar o teu amigo argentino. Foi hoje para comigo de uma ousadia ilimitada. Não o receberei mais!

— Que fez ele? — perguntou o marido lentamente e cravando na mulher um olhar agudo.

— Imagine tu, que, nessa festa do Clube dos Diários, de onde venho e diante de uma multidão que nos observava, Alonso exigia com frases duras e insistentes, que eu lhe vendesse este pequeno ramalhete de violetas que trago aqui suspenso — respondeu a moça, mostrando com o dedo colérico as pequeninas flores já meio murchas. — Achas isso direito? — acrescentou ela, erguendo-se da cadeira e colocando-se em frente ao marido que, sem fitá-la desta vez, deixou-a em pé e lhe virou as costas, a fim de ir deitar fora num cinzeiro, o charuto que se apagara. A mulher, porém, seguira-o e quando ele se voltou, encontrou diante dele o seu rosto irritado no qual os olhos chamejavam na recordação da ofensa sofrida.

— O teu amigo — tornou Henriqueta, parando em frente ao marido e forçando-o também a parar —, é um homem impolido e mal-educado! Julga que com o dinheiro que tem pode comprar tudo e todos e nisso ele se engana. Não obteve o meu ramo de violetas e...

— Tu estás nervosa demais para um incidente tão pequeno — interrompeu o marido, num tom suave e calmante. — Por causa de um facto tão insignificante, não se deve brigar com um amigo com quem eu tenho negócios importantes e a quem já devemos grandes favores. Falo logo com ele, digo-lhe que estás muito sentida e amanhã fazem as pazes num bom almoço que eu lhes oferecerei no Sul América. Não é melhor assim? — E Luiz, sorridente e afetuoso, apoiava sobre o ombro da esposa a mão gorda e de dedos curtos, num gesto de insinuação e de domínio.

— Não, Luiz, não posso mais ver esse sujeito, acredita! Tu não sabes as palavras que ouvi daquela boca de lábios finos, e de dentes rilhados de raiva, diante da minha negativa, balbuciada, entretanto, em palavras delicadas e amenas. Não! É uma coisa acabada, a minha... amizade com tal homem! *C'est fini*, f-i-n-i! —

murmurou a moça, numa voz abafada em que já havia lágrimas e deixando-se de novo cair sobre a cadeira que abandonara.

O marido nada respondeu. Quando a viu, porém, sentada e numa atitude de profundo aniquilamento, encaminhou-se para ela e sentando-se num dos braços arredondados da poltrona de couro, disse-lhe baixo e como ao ouvido!

— És uma criança, Henriqueta! Pensei que já não possuías mais esta sensibilidade exagerada que nos vence sempre é só serve para amolecer-nos a alma, tornando-nos fracos e vítimas dos outros. Vinga-te do Alonso, tratando-o mal, mostrando-te indiferente, mas não o expulses daqui de casa. Sabes que estamos quase no fim do ano, que os meus negócios ultimamente não vão tão bem como deveriam ir e que tenho letras, dívidas, pagamentos diversos a fazer. Seria a nossa ruína ou pelo menos uma volta à mediocridade passada. Não! Por Deus, não faças isso! Imagina só um momento, a alegria das tuas amigas, vendo-te malvestida, mal calçada e a pé pela Avenida? Então? — implorava ele, tentando virar carinhosamente para si a cabeça encantadora da mulher e procurando ler-lhe nos olhos, escondidos pelas abas da *canotier* e velados pelas pálpebras descidas, uma promessa de reconciliação com o amigo. Henriqueta, no entanto, permaneceu muda e imóvel na sua rica poltrona.

Dentro do seu peito, uma tumultuosa onda de desdém pelo marido, pelos homens que o tinham ajudado e por ela própria, subia lenta mas com tanta força, que quase a afogava. Mesmo que quisesse falar, não o poderia, tão estrangulada tinha a garganta. Abaixara somente a cabeça protegida pelo largo chapéu e furtara o seu corpo fino ao contacto do de seu esposo que, com um sorriso infernal sobre os lábios estreitos, afastara-se um pouco e a examinava com um falso ar de piedade. O silêncio era completo no luxuoso *fumoir*, só cortado pelo ruído dos automóveis, que corriam pela Rua das Laranjeiras, na pressa de levarem os seus passageiros ao jantar e pelo tímpano forte e contínuo dos bondes atrasados.

Luiz, vendo que a mudez da mulher durava demais, e sentindo-a pela primeira vez rebelde ao seu jugo, continuou a enumerar-lhe

os horrores da pobreza, a humilhação da decadência, a tristeza da solidão. E tratava-a por *tu* muito amigo, muito afetuoso.

— Tu não pensas sequer na agonia que terias, vendo a tua modesta casa vazia de amigos, nas tuas noites solitárias passadas à luz do candieiro, de querosene e nos teus cuidados aos filhos e à casa! Tu achas que suportarias uma mudança destas? E pensa também, querida, que estariam acabados os teus vestidos de seda, as tuas peles caras, as tuas joias ricas, que tomariam certamente um dia o famoso caminho das casas de prego. Hein? Que dizes a isso tudo? — A mulher estremecera e as suas mãos trêmulas caíram como mortas sobre o vestido acetinado.

— Ah! Meu Deus! Meu Deus! — suspirou ela, sentindo-se fraca diante da pobreza, da solidão e do sacrifício. — É horrível a vida!

E num relance, passou-lhe pelo pensamento a sua existência em casa da velha D. Marianna, suja e maltrapilha, a lavar-lhe os pratos, a limpar-lhe os móveis e a aturar-lhe os desaforos e as impertinências.

Não! Nunca! Não era mulher para essas coisas: o marido tinha razão. E depois não jurara ela tantas vezes que seria rica, elegante e poderosa, por qualquer meio que fosse?

Ergueu para o marido um olhar envergonhado, onde já se lia aquiescência e endireitou-se na cadeira, como pronta para a luta pelos bens da vida.

Depois, num espreguiçamento nervoso, que a fez desdobrar todo o corpo felino e *souple* de mulher elegante, levantou-se lentamente ajudada pelo esposo que a acompanhou, sem mais nada lhe dizer, até o seu quarto.

À porta, porém, e sob a luz do seu olhar triunfante, ela murmurou com fadiga e resignação:

— Exijo, porém, que lhe fales e que ele cesse de uma vez para sempre aqueles modos grosseiros e soldadescos.

E sem esperar resposta, desapareceu atrás da cortina do aposento.

Ah! Henriqueta de Nerval era bem a mulher moderna, esposa de um homem modernissimo!

VII

Sempre sentada na sua cadeira, e um pouco distante das outras mães, também como ela abandonadas pelas filhas, D. Maria viu os minutos correrem uns atrás dos outros, nos vastos salões, e Maria José continuar desaparecida e desinteressada dela. Afinal, não podendo mais vencer o fastio e a lassidão, levantou-se e pôs-se a errar ao longo das salas, mergulhando o olhar fatigado, nos grupos que conversavam às janelas, ou nos pares que ainda se balançavam ao som de um *one-step* lânguido e requebrado.

Não avistando a filha, em nenhum desses bandos, ela continuou o seu passeio até ao vestíbulo da entrada, onde finalmente encontrou a rapariga atirada sobre um divã estofado e em conversa jovial com um senhor gordo, de suíças grisalhas e mãos curtas, que gesticulava animadamente, o que fazia refulgir o grosso brilhante que lhe apertava o dedo mínimo.

Vendo a mãe, a rapariga ergueu-se molemente, o que obrigou o homem do brilhante a fazer o mesmo, e ambos adiantaram-se um pouco ao encontro de D. Maria. A moça então, em voz breve, apresentou à mãe o Sr. comendador Villarinho, negociante português, cavalheiro muito amável e, dentro em pouco, os três conversavam em boa harmonia. Embora não compreendesse bem a atitude provocante e amável da filha para com aquele homem, quase velho, de rosto feio, barriga proeminente e dentes maus, D. Maria julgou melhor, na sua fadiga, não contrariar e deixar-se levar pela sua vontade. Talvez também a grande medalha de brilhante do comendador e o seu rubi flamejante à gravata se impusessem e a domassem. Villarinho, com a segurança e a firmeza que o dinheiro incute naqueles que o possuem, falava constantemente de si próprio, gabava-se do seu tino e do seu engenho e, esparramando sobre os joelhos gordos e redondos as mãos curtas e roliças, gritava

alto a sua fortuna e o seu desejo de agora ter um pouco de prazeres desta vida.

Mãe e filha trocavam, então, um rápido olhar, olhar este que errara antes numa mesma ânsia, e com o mesmo pensamento, sobre o dedo anular do velho negociante em procura da fatal aliança, que felizmente não foi encontrada.

O comendador, no entanto, sentindo-se escutado com interesse, decidiu-se a narrar a sua vida, o que fez com largos gestos e com o seu pronunciado acento português:

— Quando vim do Porto, minhas senhoras, era eu um pequenito de dez anos magro e amarelo como uma cidra! Meu pai, lavrador velho, e minha mãe, que o ajudava, sentindo a miséria tocar-lhes à porta, entenderam que me deviam mandar para o Brasil, a fim de que eu aqui me arranjasse. Ah! Como eu chorei naquele navio que nos trazia a todos na proa como um rebanho de animais! Alguns portugueses, que vinham comigo, riam-se do meu pranto e, para me consolarem, davam-me palmadas tão fortes e tão dolorosas, que para furtar-me a elas, nunca mais chorei senão à noite. Vinha recomendado ao Sr. Marques Couto, dono de um grande armazém de secos e molhados na Rua de São Bento e que ao ver-me assim pequeno e magrito me olhou com desprezo e me perguntou se eu pensava que a sua casa fosse um hospital. Entretanto, deixou-me ficar e assim comecei o meu serviço de caixeiro. Apanhei muito puxão de orelhas, muito pontapé, muita empurradela, mas agora o dono da casa sou eu, talvez mais exigente do que o velho Marques Couto. À princípio, chorei tanto que vivia sempre de olhos vermelhos e empapuçados, mas depois acostumei-me à vida, fortaleci-me no clima do Brasil e quando me deram um companheiro mais moço do que eu para ajudar-me na tarefa diária, fiz-lhe, a ele, o que já tinham feito a mim. Era um alentejano moreninho e corado, como um moranguinho maduro. Não suportou, porém, o trabalho e morreu tísico no hospital. Eu fiquei de novo só e trabalhei tanto e tão arduamente, que os meus patrões começaram a respeitar-me e me fizeram subir de posto. E agora estou no que me veem as senhoras, rico e rijo, querendo ainda gozar a vida.

As duas senhoras contemplavam com respeito aquele homem, filho das suas próprias obras, que amassara uma tão grande fortuna e o confessava claramente à luz das lâmpadas elétricas dos luxuosos e fidalgos salões do Clube dos Diários. Maria José sobretudo, tinha sobre os lábios carminados um sorriso satisfeito e beatífico. Chegara-se para mais perto do velho comendador e o seu rosto, tornando-se atraente pela intensa vontade de agradar que o iluminava, virava-se para ele faceiro e interessado permitindo mesmo que pendesse, sobre uma das pernas do anafado[48] negociante, a longa manga do seu hábito branco da Cruz Vermelha.

Villarinho sentiu subir-lhe ao cérebro o perfume capitoso da rapariga e o contato daquele corpo esbelto sobre o seu quadril esquerdo causou-lhe o efeito de uma queimadura. Corou, tossiu, ergueu as mãos como se ali mesmo quisesse agarrar a sedutora moça, que tão amável se mostrava, e metê-la no bolso ao lado da carteira volumosa. Mas, apercebendo a fantasia alva e virginal que a velava, sentiu-se confuso e só pôde exclamar para D. Maria:

— Como é linda a sua filha, minha senhora! Parece mesmo uma santinha e eu conheço uma pessoa que bem quisera adorá-la!

D. Maria sorriu com benevolência e, pela primeira vez, durante toda aquela tarde, o seu olhar acarinhou a filha e a sua mão afetuosa arranjou-lhe sobre a testa alguns fios de cabelos oxigenado que apareciam.

Villarinho continuava a contemplar Maria José, que, sem baixar as pálpebras e descerrando apenas os lábios numa curva estudada, deixava surgir a fileira alva e apertada dos seus dentes perfeitos. Cada vez mais vermelho, o velho tinha agora no seu olhar uma chama cúpida e ardente, que o fazia tremer, e o seu joelho redondo aproximara-se instintivamente da longa perna da rapariga muito desenhada pelas pregas do hábito estreito. D. Maria, satisfeita com a admiração do rico negociante pela filha virara-se para a janela e fingia admirar as estrelas, que uma a uma brotavam do campo sombrio do firmamento. Súbito, um ruído de passos fortes acorda Villarinho e o seu flerte do sonho que faziam acordados, e D. Maria da sua "pseuda" admiração pelos astros da noite. Paulo de Araujo,

muito elegante no seu fraque preto e com uma alva gardênia na lapela, entrava apressado no salão à procura da noiva, que sabia ainda na festa. Ao avistar, porém, Maria José encostada a um homem de suíças grisalhas, no seu rosto transformado e no olhar amoroso que ambos se enviavam, o rapaz empalideceu levemente e, ao perceber também a atitude discreta e cúmplice de D. Maria, sorriu com ironia e avançou mais vagaroso, cerimonioso e correto para o grupo. Maria José enrubescera muito e, sem se erguer, estendera a mão ao noivo que não a beijou, como de costume, esperando que ela lhe apresentasse o que fez numa voz seca e sem inflexão, o comendador Villarinho, que mal olhou para Paulo e o saudou breve e rápido.

A situação era insuportável e por isso Maria José, fingindo um grande cansaço, chamou a mãe para que se retirassem. O comendador, sério e como zangado, cumprimentou D. Maria, apertou a mão fina da moça, depondo sobre ela um beijo guloso e ruidoso, que fez estremecer Paulo, sempre calado e imóvel ao lado das duas senhoras. Depois, elas, acompanhadas pelo mancebo, que mal cortejara o velho português, saíram, desaparecendo logo na sala próxima. O comendador Villarinho, ficando só, passou a gorda mão pela testa que se alargava demasiado até ao alto da cabeça e puxou o colete que subira um pouco. Foi em seguida à janela, para onde D. Maria estivera olhando tão interessada, havia instantes, e procurou com o olhar a sua luxuosa limusine que devia estar à sua espera. Um mundo de pensamentos confusos enchia-lhe o cérebro só ocupado até então com dinheiro, negócios e lucros. A lembrança de Maria José no seu alvo hábito de caridade, a recordação do voluptuoso perfume que se desprendia dela, a sensação magnifica da curva do seu corpo moço encostado ao dele, deliciavam-no, entorpeciam-no, enchiam-no de ardor e de anseio. A mãe oferecera-lhe a casa e a filha confirmara o convite com um lindo sorriso... Mas aquele rapaz que surgira de repente e que a fizera afastar-se rápida do lado dele, quem seria? Acostumado a amores pouco complicados, o velho português embaraçava-se naquele sentimento novo e estranho que lhe enchia o coração e não sabia bem como agir.

Sentindo porém o peso da grossa carteira sobre o seu bolso direito, criou coragem, desceu pisando forte as escadas do elegante clube e entrou no seu faustoso automóvel.

No vasto salão, as mesas em desordem alastravam-se como pequenos altares profanados com as suas flores derrubadas, bolos partidos e restos de chá a esfriarem no fundo das xícaras. Sobre tudo isso, jorrava a luz clara dos grandes lustres pendentes, enquanto a orquestra teimava em tocar as suas valsas melodiosas, que ecoavam tristemente nos salões desertos. De repente, risos e vozes soam num canto e um grupo de moças, que estivera escondido até então, aparece agora, seguindo Lucio de Andrade, o repórter mundano, que, de chapéu no alto da cabeça e o rosto congestionado, caminha lendo o seu *carnet* de marroquim, no que é atentamente ouvido pelas senhoras de quem descreve as toaletes.

Radiosas, elas riem, lisonjeiam-no, acumulam-no de gentilezas e de promessas... Saem todos juntos numa confusão alegre, mas lá fora um ar frio e picante surpreende-os desagradavelmente. Estava terminada a festa de caridade.

VIII

Depois de uns dias luminosos e cálidos, em que, pelo vento ardente que soprava, já se podia apregoar o verão próximo, a manhã despertara enuviada com uma chuvinha miúda e fria a lavar as árvores e as calçadas. Os morros, completamente velados por uma bruma cinzenta, tornavam o horizonte todo igual e como restringido. Hortencia, no seu *tailleur*[49] preto, que uma fivela de madrepérola abotoava à cinta, e o pescoço envolvido num *collet*[50] também escuro, saiu de sua casa pela manhã e tomou o bonde a fim de se dirigir às Laranjeiras, obedecendo a um chamado urgente de Henriqueta. No seu percurso pela cidade, a moça olhava maquinalmente o movimento matutino das ruas, os bondes cheios de passageiros ocupados em lerem os jornais, mas pressurosos de chegarem à hora nos seus empregos, e o bando de meninas com os diversos uniformes dos colégios da redondeza. E uma pequena piedade enchia-lhe a alma pura e sensível, contemplando os modos já mulheris de algumas dessas crianças, que de pernas à mostra e olhar faceiro miravam de frente os homens, falando alto e mostrando um completo desdém pelos livros, pelas mestras, pelo colégio. O cinema e as suas cenas animavam-lhe as conversas infantis, enquanto as festas, as atitudes das mães e os vestidos destas, eram comentados e discutidos com calor, com entusiasmo. As mais moças ocupavam-se em brunir[51] as unhas, que logo depois luziam como conchas rosadas nas mãos pequeninas e rechonchudas e as mais velhas, em arranjarem os cabelos diante de um espelho *mignon*[52], que ocultavam no bolso do avental entre rosários e imagens sacras.

Um bando, enfim, de mulherzinhas coquetes, maliciosas e brejeiras, não tendo da infância senão o tamanho, o mal esboçado das feições e a redondeza da face juvenil. Muitas vezes Hortencia

teve de desviar o olhar, num mal-estar indefinido e vago, mas que a perturbara no mais íntimo do seu ser. Parecia ver ali as futuras convidadas das recepções de Henriqueta e até mesmo a própria Henriqueta!

Esses dias passados tinham sido cruéis para a pobre abandonada! Diante da luz clara que lhe invadia o aposento e dos perfumes suaves das flores do seu jardim, que lhe subiam às narinas frementes, ela sentira tanto desconhecido dentro dela, que uma sensação de medo a paralisara! Quis fugir a sua consciência que lhe gritava que era amor, aquele sentimento que assim a quebrantava e fazia surgir nela uma nova alma sequiosa e ansiada por carícias. Porque Hortencia nunca fora feliz e muito menos o era então, apesar da coragem com que suportara a fuga do marido e a resignação com que fechara o corpo aos gestos de amor.

Sentia bem, como qualquer coisa de vivo e de forte, a paixão de Jorge por ela e, desde esse momento, a sua alma e o seu corpo viviam numa luta que ora a esmagava, ora a excitava. Muitas vezes, no seu leito baixo e espumante de linho branco, ela se declarou vencida e pronta para ele, gritando quase que só para o amor vale a pena viver e sacrificar pureza, convenções, estima própria.

Preparava, então, com imenso carinho a desfeita, imaginando o longo beijo que lhe daria, mais apaixonado ainda porque lutara, porque sofrera, e a queda do seu corpo pequeno e fino sobre os seus robustos braços de homem.

E tudo isso o sol luminoso, as flores trescalantes lhe confirmavam pela manhã... Recebendo o bilhete de Henriqueta, ela se erguera da cama como uma convalescente, com a imagem de Jorge tão gravada no seu pensamento, que teve uma surpresa não o percebendo ao seu lado. Tristemente, então aprontou-se a fim de ir atender à amiga.

A chuva fina e fria que lhe caía sobre os ombros e a atmosfera velada e tristonha fizeram-lhe bem, acalmando-lhe os nervos doentes.

À vista, porém, de Henriqueta, pálida e abatida com os cabelos em desordem, sobre o travesseiro rendado, restituiu-lhe todo o sangue frio.

Quantas vezes, no colégio de Niterói, não se sentara ela assim à cabeceira da amiga adoentada ou enervada pela prisão escolar! A sua doçura e a sua serenidade tinham incutido sempre um grande respeito à Henriqueta, petulante, teimosa e irritável. A vida separara-as durante anos, tendo Hortencia partido para a casa da tia depois da morte dos pais, e Henriqueta para a de D. Marianna em companhia da mãe, depois do suicídio do infeliz negociante. Uma tarde, todavia, o acaso fê-las encontrarem-se à porta de uma importante loja de chapéus, e o grito alegre de Henriqueta já casada, já mãe e em pleno sucesso, foi sincero e obteve a resposta que merecia, na transformação do rosto meigo de Hortencia, também em poder do marido, e já acompanhada de um filhinho ao colo da ama. Quando Mme. de Nerval empreendeu a sua viagem à Europa, escreveu sempre de lá à amiga e trouxe-lhe ao voltar, pequenas, mas gentis lembranças, que muito sensibilizaram a boa Hortencia.

Foi depois dessa viagem, que esta principiou a notar certos desequilíbrios e certas falhas no *ménage*[53] da amiga, cujo marido muito lhe desagradava com o seu olhar dúbio, a sua boca reentrante e oculta sob os bigodes ruivos e as suas mãos gordas e moles, que tinham gestos de falso padre. Henriqueta tivera sempre muita vontade de travar também conhecimento com o esposo da amiga, mas este negara-se sempre à visita prometida, e partira sem que ela o conhecesse, o que não a impediu que o amaldiçoasse e admirasse muito Hortencia, espantada de a ver suportar tamanha humilhação, com tão resignada aparência.

Esta manhã, depois da tremenda cena da véspera, à volta da festa de caridade, Mme. de Nerval despertou combalida, irritada e com tanta necessidade de simpatia e de pureza, que mandara chamar a ex-colega mal abriu os olhos glaucos à clara luz da manhã. Quando, porém, esta lhe apareceu simples e casta, no seu vestido negro, e com o seu olhar azul brilhante de anseio pela amiga, sentiu-se envergonhada e arrependida de tê-la chamado. Que dizer àquela criatura moça e forçosamente amorosa, que se guardava com tanto carinho e com tanto recato, das tentações do

mundo? Naturalmente, linda e só como era, devia ter encontrado ofertas de amor, de gozo e de dinheiro e jurava, que ela as havia rejeitado, mesmo adivinhando sem ouvi-las. Quem teria razão, Hortencia ou ela? Hortencia, na sua bravura alegre, contentando-se com a serenidade do seu viver, em ser bela para si própria, e com o amor do seu filho e as flores do seu jardinzito mesquinho[54]; ou ela, gozadora ardente, admirando a sua beleza e prodigalizando-a com a arrogância de uma soberana, só podendo viver no luxo, entre joias caras e paredes ricas?

"Como é complicada a vida!" gritava o seu olhar glauco, empanado pelas reflexões que se lhe agitavam no cérebro, fitando o puro olhar curioso de Hortencia, admirada por vê-la tão calada e triste.

— Ah! Hortencia — murmurou Henriqueta, finalmente, com uma leve cor no rosto, menos bonito do que de costume, àquela hora da manhã —, fui incomodar-te, vejo bem. Mas, que queres? És a única criatura que me faz um pouco de bem quando acordo como acordei hoje, nervosa e triste!

— Que te aconteceu, filha? — perguntou Hortencia, doce, e inclinando-se para a amiga. Depositara em ordem sobre a cama, entre as rendas da colcha acetinada, a sua bolsa de couro, o seu *collet* escuro e as suas luvas claras, unindo uma à outra, no seu gesto habitual, as mãos brancas e bem tratadas, deixando-as cair sobre os joelhos.

— Não há nada demais, responder — Mme. de Nerval, sentindo que nunca teria coragem de narrar a Hortencia, todas as suas sensações da tarde passada, a ousadia do argentino e a explicação com o marido untuoso e repugnante. — Tive somente ontem uma cena idiota com Luiz, depois de me ter enfastiado horrivelmente na tal festa do Clube dos Diários, e mal dormi a noite! Tu não imaginas como às vezes a gente se aborrece numa festa!

Hortencia compreendeu que alguma coisa se tinha passado na tal festa, para que a amiga se aborrecesse de tal modo, que ao voltar, tivesse uma discussão com o marido, com quem geralmente vivia na melhor harmonia, mas não indagou. As suas mãos, porém,

pequenas e macias, desuniram-se lentamente, e uma delas estendeu-se pela cama à procura da mão de Henriqueta, que entregou a sua num gesto de abandono e de lassidão extrema.

— Oh! Os homens! Os homens! — exclamou ela de repente, com cólera, retirando num movimento de violência mal reprimida a sua mão da de sua amiga — Que miseráveis e que monstros que eles são! Imaginam sempre que a mulher foi criada para diverti-los ou para servir-lhes de criada ou de enfermeira! Desgraçada da mulher que precisa deles! Desgraçada, três vezes desgraçada!

Hortencia fitava-a atenta, estranhando aquela irritação, e não ousando interrogá-la. Punha, entretanto, toda a piedade que lhe enchia a alma, no olhar com que contemplava a amiga, e no movimento da mão afetuosa que lhe acariciava a espádua que tremia. E o seu coração cheio de amor por um homem, gritava-lhe ansiosamente!

“Nem todos os homens são monstros ou miseráveis; aquele que eu amo é digno, honrado e incapaz de considerar a mulher um ente inferior.” E à cabeceira de Henriqueta, exasperada contra os homens, ela amou mais ardentemente, mais apaixonadamente a um, que lhe pareceu pelo contraste, belo, forte e grande como um Deus.

Engolfadas nos seus pensamentos diferentes, e que não ousavam confessar uma à outra, as duas amigas guardaram algum tempo em silêncio. O rosto de Henriqueta, entre os cabelos soltos e avermelhados pelo henê[55], parecia uma flor venenosa entre chamas rubras, tão profunda era a expressão de ódio e de impotência que se lia, na sua fisionomia alterada. Quanto ao de Hortencia, todo ele se ameigara, se transfigurara na evocação daquele amor que lhe enchia o peito, e que a fazia vibrar de prazer, só ao ideia-lo, só ao imaginar o que seria o beijo que lhes unisse um dia as bocas ardentes.

— Havia muita gente na tal festa do Clube dos Diários? — perguntou esta finalmente, vencendo o enleio.

— Muita, demais talvez — respondeu Henriqueta em voz breve. — Nunca mais me apanham para uma dessas histórias,

acrescentou ela, com um muxoxo de desdém.

— Olha, Henriqueta — disse Hortencia, puxando-lhe gentilmente, uma mecha dos cabelos flamejantes —, tu estás de mau humor, é o que é. Levanta-te, toma um grande banho morno, e estou certa de que mudarás de ideia. Se alguma coisa se passou ontem, passou já, e não merece que penses mais nisso. Cuida agora do futuro, mas não te aborreças pelo passado, porque para este nada mais podes. E o passado, é o fato consumado, já realizado, e não para realizar. Toma juízo, filha!

Henriqueta sorriu e, sacudindo os cabelos embaraçados nas rendas dos travesseiros, procurou erguer-se, como obedecendo ao conselho da amiga. Mas, tombou para o lado como desanimada, e exclamou num suspiro:

— Não, hoje não me levanto! Digo-me doente, e só assim deixar-me-ão em paz. Se soubesses como estou farta dessa gente toda que me enche a casa! Se tu pudesses ficar comigo, Hortencia!

Hortencia meneou a cabeça docemente como triste por ter de recusar o pedido da amiga, mas explicou-lhe que Joãozinho estava muito travesso, que Justina envelhecia, e que ela não tinha sossego completo quando saía, no receio de que acontecesse algum acidente ao menino.

Henriqueta afundou com mais desalento ainda a cabeça nos travesseiros fofos e confortáveis, e depois de mais algumas frases de conversa banal, mas suave, deixou a amiga retirar-se.

IX

A chuva insistia em continuar e uma umidade intensa esverdinhava agora o pequeno jardim de Hortencia, maltratando-lhe as flores que se prostravam e se desfolhavam debaixo das grossas e contínuas gotas d'água.

A solidão da moça foi então completa e adoeceu-lhe a alma ansiosa de amor e vibrante pelas emoções profundas que dentro dela se debatiam. Passava o dia a ler, a tocar piano, a distrair o filhinho, também enervado pela chuva que o prendia em casa, e quando este se retirava à noite para dormir, ela se estendia na *chaise longue* do salãozito azul e dava liberdade à sua imaginação que lhe obedecia solícita, trazendo logo para diante dos seus olhos, de pálpebras semicerradas, a imagem de Jorge, não fingidamente, sereno, respeitoso e ocultando o ardor da paixão debaixo da gravidade de tom amigo, mas um Jorge ardente, de olhar de fogo, lábios sequiosos e gestos de senhor, que a prenderiam, a enlaçariam e a venceriam.

A chuva, lá fora, caia sempre em pequenos estalidos sobre o portãozinho verde, fazendo-lhe luzir as folhas das trepadeiras e evolar as pétalas alvas das suas flores. A moça continuava no seu sonho embalada por aquele crepitar de gotas d'água, não ouvindo senão o palpitar do coração e sentindo sobre a sua cabeça, as suas mãos e o seu corpo enlanguescido, beijos frementes que mordiam e pareciam conter um doce veneno.

Passados eram já muitos dias, sem que ela visse, sequer de longe, o jovem médico, presa e encerrada naquela salinha, cujas janelas o vento e a chuva teimosas obrigavam-na a fechar e uma saudade quase pungente lhe vinha das suas visitas, da sua pessoa, dos seus olhares. Desejou por um momento, uma doença, uma febre, que o trouxesse ali diariamente, meigo e solícito. E, no seu sentimentalismo exagerado, porque amava pela primeira vez, não

teve medo da morte e a chamou até, contanto que ela viesse, estando ele a seu lado, desesperado e plangente. Às vezes, a sua razão surgia daquele tumulto de pensamentos apaixonados e uma vergonha a fazia esconder o rosto nas mãos, como se alguém a estivesse contemplando e pudesse adivinhar o que se passava no seu íntimo.

Estava ela uma noite, nesse cismar de amor, quando lhe vieram dizer que a velha Justina gemia desde o jantar com uma dor na perna, que a levara à cama, lívida como uma morta.

Eram oito horas da noite e um véu de chuva fria e espessa ocultava as moitas do jardim e o caminho fronteiro à casa. Hortencia ergueu-se tão rápida da *chaise longue* que deixou cair o livro fechado que sustinha no regaço e correu a ver a ama.

Justina, numa esteira onde a tinham estendido, gemia docemente, entrecortando os seus gemidos de interpelações a Deus e mais santos do Paraíso. Hortencia recomendou-lhe que tivesse calma porque em breve esta dor passaria com os remédios do Dr. Jorge, a quem ia mandar chamar.

Uma alegria que não podia conter e da qual corava diante do sofrimento da pobre preta, subia-lhe em ondas pelo corpo todo, envolvendo-o em fluidos ardentes e fazendo bater-lhe o coração num espasmo doce e ao mesmo tempo doloroso.

Ia ver Jorge!

E com efeito, quando sentiu à entrada os passos apressados do médico, correu pressurosa a recebê-lo, procurando vencer os calafrios que lhe corriam pela espinha e lhe gelavam a mão trêmula. Debaixo da luz velada da lâmpada do vestíbulo, ela apareceu diante dele com os olhos brilhantes, as faces afogueadas e os lábios descerrados num sorriso de enlevo; enquanto ele, mais sério, mas grave, punha todo o ardor da sua paixão no olhar fulgurante com que lhe devorou primeiro a forma mimosa envolvida num vestido de flanela branca e depois subiu e se fixou longamente na pupila azul dos seus olhos sem segredos.

Falaram a respeito da Justina mas as frases de ambos eram inacabadas, confusas, indistintas, e os gestos supriam as palavras. Assim Hortencia foi conduzindo Jorge até o quarto da preta e

durante o exame, o seu olhar não cessou um só instante de contemplar-lhe o busto forte e elegante, a cabeça bem feita, onde os cabelos despontavam rijos e pujantes e a sua mão grande e bem modelada que ele movia lentamente, enquanto consolava a doente. A moça não lhe via, porém, os olhos, agora baixos e sérios no respeito pela dor alheia, mas quando findo o exame, ele os ergueu para ela, uma nova chama a queimou deliciosamente.

E ela repetiu, consigo, a sua frase noturna, aquela que murmurava baixinho, dentro do seu leito baixo e espumante, de linhos alvos: "Só a paixão existe e só para ela vale a pena viver e sacrificar-se pureza, convenções, estima própria..."

Assim ia a moça pensando quando ao lado de Jorge, o acompanhava pelo corredor estreito, com o seu branco vestido a roçar-lhe a roupa escura. Ao chegar à porta, para despedir-se, quando ele já lhe estendia a mão largamente aberta, que esperava a dela como uma presa, uma carga de água mais forte que as outras, desabou com violência, inundando rapidamente o pequeno jardim, que se transformou logo em um lago de águas lamacentas. Não era possível deixar o médico sair assim e, com uma grande alegria na voz que a tornava trêmula, Hortencia obrigou Jorge a entrar no salão azul e a esperar que a tempestade melhorasse.

A *chaise longue* com o seu sem-número de coxins macios, que guardavam nas suas pregas a doce forma do corpo de Hortencia, estendia-se como um leito debaixo da luz pálida da lâmpada, que um abajur azul adoçava e fazia enluarada. A seu lado, uma mesinha ocultava-se sob uma imensidade de jornais, de livros e de trabalhos começados; nas paredes, pequenos quadros em molduras brancas sorriam luzindo, e entre as janelas, e sobre os gueridons[56] dourados, folhagens e flores punham a sua nota de conforto e de elegância, aromatizando o aposento fechado, de um perfume quente de quarto de amor.

Hortencia ofereceu a Jorge a poltrona em que ele outrora se sentava sempre que vinha visitá-la e essa recordação aproximou-os mais um do outro. A moça estendera-se maquinalmente na confortável *chaise longue* seu assento costumeiro e o seu corpo e a

sua cabeça caíram sobre as almofadas sedosas como num doce delíquio[57]. E um pouco de silêncio se fez entre eles. Jorge admirava-lhe a perfeição do corpo pequeno, a chama amorosa dos olhos enlanguescidos e os cabelos negros e ondulados, que só pediam rolar e soltar-se sobre os coxins macios. Toda a atitude de Hortencia revelava a mulher vencida, pelo amor, humilde e suplicante por esse sentimento que, quando é sincero, é também divino.

A chuva batia sempre sobre os vidros da janela, sobre as árvores do jardim e sobre a calçada da rua.

— Que tempo terrível! — murmurou Jorge, para romper a mudez que o paralisava.

— Terrível! Muito me tem enervado esta chuva! Sinto-me tão só, tão triste, quando chove, que me pergunto a mim mesma para que vivo eu? — disse a rapariga num suspiro.

Jorge ouvindo a doçura dolorosa daquela voz que ele tanto amava, fez o movimento, logo reprimido de estender-lhe a mão e de tomar a sua, mas replicou simplesmente:

— Tão só, assim? E o seu filho? E as suas amigas? E aqueles que a estimam?

— Ah! — suspirou a moça, unindo as mãos sobre os joelhos, no seu gesto habitual. — Meu filho é muito criança, minhas amigas são nenhumas e aqueles que me estimam, têm mais em que se ocupar do que em se lembrarem de mim, insignificante criatura, posta à margem da vida, num gesto de desprezo do destino.

— Não diga isso, não diga isso — interrompeu a o médico em tom suplicante. — Não acredita então que eu a estime e lhe dedique uma amizade imensa?

— Creio — respondeu Hortencia, erguendo um pouco a cabeça e fitando Jorge por olhos —, mas o meu amigo tem os seus deveres, a sua profissão, a sua mãe e eu, em quem pensa às vezes, estou certa, mas que não tem direito nenhum a ocupar-lhe a vida, fico aqui sem nada que fazer, senão sofrer e isso é um triste objetivo, não acha?

— Sofre então muito? — indagou o mancebo, dobrando-se todo diante dela. — Parecia-me tão corajosa, tão resignada, tão serena!

— Qual doutor, as mulheres têm também as suas máscaras como os homens as deles. E as das mulheres, são mais dolorosas, porque têm espinhos internos que fazem chorar os olhos e sangrar as bocas. São estes invisíveis porém, e os homens não adivinham nunca — exclamou Hortencia, com calorosa amargura.

— Hortencia — disse Jorge, vencido afinal por aquela imagem fantasista, mas tão dolorosamente exprimida —, não compreendeu ainda que eu a adoro? Não sentiu que, se me calei até então, foi porque temi parecer-lhe um ousado, abusando da sua solidão e da sua melancolia? Mas, olhe, Hortencia, eu a amo desde o primeiro minuto em que a vi, desmaiada, naquela grande cama do seu quarto!

Hortencia ocultara o rosto entre as mãos mas todo o seu corpo vacilava no tremer da emoção ressentida! O médico teve de erguer-se da poltrona, aflito com aquela sensibilidade, e rodeá-la ternamente com os seus braços que também tremiam.

— Jorge! Jorge! — murmurava Hortencia, sem mais nada poder dizer.

O médico conseguiu acalmá-la e retirando-lhe o rosto das mãos convulsas, mirava-a com doçura imensa e autoridade grave, inclinado todo sobre ela.

— Não trema assim que me põe inquieto — disse ele com voz baixa e terna. — Ofendi-a, melindrei-a? Perdoe-me, Hortencia, eu lhe peço! E ajoelhando agora, tinha as mãos dela presas nas suas e beijava-as lentamente.

— Não, não Jorge, não me ofendeu em nada, eu lhe asseguro! — respondeu a moça. — Pelo contrário, deu-me uma grande alegria e seria uma hipócrita, se não o confessasse. A mim, meu amigo, ninguém nunca amou. Casaram-me e eu me submeti, porque era forçoso fazê-lo. Que podia contra a vida, uma pobre órfã como eu? E a sua afeição me enche de orgulho!

— Não, não fale assim, minha querida, que me torna perturbado e infeliz. Que pode o meu amor, sim, o meu amor, por si? A existência do seu marido separa-nos do caminho direito e eu não

tenho a coragem suficiente para impeli-la para a estrada tortuosa do amor oculto. Sei que me desprezaria em breve que me odiaria talvez e que eu a veria ainda mais triste e mais sofredora do que a vejo agora! Não é verdade?

— Sim, talvez assim acontecesse, mas nada impede que nesta noite em que palpitamos juntos... porque também eu o amo, Jorge — murmurou a moça, desviando o rosto, num formoso movimento de pudor, do olhar incendiado do rapaz —, que me grite todo o sentimento de amor que eu lhe inspirei e que eu vibre consigo, orgulhosa e fremente como me vê. Essa recordação servirá mais tarde, para consolar-me durante as minhas noites solitárias e tristes como a que eu passava hoje, antes da sua chegada. Ah! Jorge, uma mulher que nunca foi amada não tem lugar na vida; é uma pedra solta a rolar sozinha, uma folha fanada a voar tristemente no ar...

— Olhe Hortencia, você tem razão e se a paixão de um homem mesmo à distância, pode tornar uma mulher venturosa, você o será, porque de longe, como de perto, ela planará constantemente sobre si, como algumas crianças imaginam que planam sobre elas, as asas do seu anjo da guarda. — E o médico erguendo-se, sentou-se numa cadeira muito mais próxima da *chaise longue* mantendo sempre entre as suas mãos ardentes, as mãozinhas pequenas e trêmulas de Hortencia.

A moça não falava mais, arfando docemente sobre os coxins fofos e embebendo o seu olhar no do jovem doutor, que perdera o ar grave e parecia assim mais moço e mais belo. O silêncio era de luta para aquelas duas criaturas direitas, que não imaginavam a vida senão reta, clara e equilibrada e por isso Jorge, mais forte, recuou a cadeira e soltou as mãozinhas que lhe queimavam as palmas, das suas, como se fossem brasas.

— Tenha a certeza — disse ele finalmente, com voz perturbada e dolorosa —, que a amo mais do que a ninguém no mundo e que, se algum dia a morte a libertar desse marido odioso que a abandonou, eu correrei a lançar-me a seus pés a pedir-lhe a mão de esposa. Até lá sofreremos juntos e nos amaremos muito, não é Hortencia?

As palavras nobre e a apaixonadas de Jorge, eletrizavam Hortencia mais fraca e a impeliam docemente para o dever e a virtude. Ah! Jorge não era nem monstro, nem miserável, como Henriqueta apelidara todos os homens! O homem que ela amara e que agora adorava, era bom, elevado e perfeito!

E excitada pela grandeza do seu sacrifício futuro, ela estendeu os braços a Jorge, que se precipitou neles, e sentiu sobre a sua boca de homem, os lábios frescos e frementes da rapariga.

Uma vertigem ia perdê-los a ambos, mas o médico, homem reto e forte, depois do último beijo depositado sobre a fronte de Hortencia, como um sacramento, fugiu da salinha azul e embrenhou-se na noite escura e chuvosa.

A moça, só, permaneceu imóvel entre os coxins da sua *chaise longue*, tendo sobre os lábios um sorriso embriagado de ventura enquanto lágrimas, mornas e transparentes, corriam-lhe pelas faces empalidecidas à luz enluarada da lâmpada azul.

X

Todo o percurso que Paulo fez no taxi em companhia das senhoras Almeida foi efetuado em silêncio e com grande mal-estar para esses três personagens.

Maria José, no seu cinismo usual, dizia com os seus botões que, se perdesse um noivo, acharia em breve dois ou três e talvez menos burgueses e mais afortunados; a mãe sentia-se envergonhada e com uma grande irritação contra todos e contra ela própria e Paulo, ofendido e digno, ameigava o seu amor-próprio, prometendo-lhe um rompimento definitivo com aquela família.

Entretanto quando o seu olhar se pousava sobre o corpo elegante e voluptuoso da noiva, sobre a sua boca levemente contraída e mordida pelos alvos dentes, uma cólera de homem burlado, tumultuava-lhe dentro do cérebro e fazia-o mirá-la com simulado desprezo e brutalidade ciumenta.

Foi de grande alívio para todos a parada do automóvel defronte da casinha da Rua D. Marianna.

A noite caíra completamente e o frio se fazia sentir cortante e desagradável.

A casa toda cerrada e com luz a coar por entre as venezianas, oferecia um ar de conforto e de carinho desacostumados. Ao oferecimento de D. Maria junto à porta, para que Paulo entrasse, este recusou e partiu, depois de um simples e correto cumprimento às duas senhoras, no mesmo carro que os trouxera e de cujo pagamento ele se encarregou.

Na sala de jantar, simplesmente mobiliada de um armário, de alguns pares de cadeiras e de uma *étagère*[58] de forma antiga, D. Anninha toda branca e curvada dentro do seu vestido preto, servia de comer ao Sr. Almeida, calado como sempre e com a sua funda ruga. À entrada da mulher e da filha, mais mudas e mais quietas do

que era de costume à volta de uma festa, ele ergueu a cabeça, olhou-as com curiosidade e depois de saudá-las em voz breve e baixa, continuou a comer, lendo o jornal que colocara a seu lado. D. Anninha, na sua sensibilidade de velha, adivinhou logo que alguma coisa se passara e instintivamente levantou-se da cadeira, adiantou-se para a filha, que exclamou contente, por ter alguém com quem discutir:

— Já estão jantando? Não podiam esperar por nós?

— O teu marido chegou tão cansado e com tanto frio, que eu o fiz jantar mais cedo para confortá-lo — explicou a pobre velha, já receosa de ter cometido alguma falta.

— Não morria por esperar mais algum tempo. Detesto comida requentada!

E sem mais nada, virou as costas à mãe e ao marido, acompanhando a filha que se retirava. Estes uma vez sós, trocaram um olhar, olhar de vítimas solitárias e indefesas.

D. Maria e a filha voltaram logo depois, enfronhadas em penhoares amarrotados, com os cabelos em desalinho, o rosto mal limpo da maquiagem retirada, tomando em silêncio os seus lugares à mesa. A mãe tinha sobre as feições uma nuvem de mau humor, caracterizada por olhares chamejantes, gestos desordenados e atitudes de combate. Maria José, muda e arrogante, afetava um porte de rainha melindrada na sua soberania e, com movimentos apressados e olhos baixos, comia mantendo o cotovelo apoiado à mesa e palitando depois os dentes com esmerada lentidão. O Sr. Almeida continuava a jantar, com os olhos fitos no jornal mas o piscar convulsivo dos seus cílios demonstrava claramente a sua expectativa ansiosa diante das maneiras das duas senhoras.

A velha avó esquecida no fim da mesa passeava o seu olhar aflito pelas fisionomias dos circunstantes tremendo também diante dos modos esquisitos da filha e da neta, que embora tendo chegado mais tarde, comeram depressa e levantaram-se sem esperar por ela, nem pelo genro. E diante dessa retirada, os olhos dos dois se encontraram de novo numa interrogação muda e angustiada.

A noite se passou como se passavam todas as outras, em que as senhoras não iam a bailes ou festas e se retiravam para os

quartos respectivos. O Sr. Almeida, encerrava-se no seu gabinete como numa fortaleza e fazia-se olvidar pela mulher, enquanto D. Anninha, num canto da sala de jantar deserta e mal iluminada, costurava triste, erguendo de quando em vez o olhar fatigado de cima do trabalho e suspirando levemente, como não podendo conter a onda magoada que lhe levantava o seio emurchecido de velha.

Nove horas, entretanto, acabavam de soar no relógio da igreja de São João Baptista, quando fortes campainhadas abalaram o portão da casa da Rua D. Marianna. D. Anninha estremeceu e levantou-se apressada, depois de ter depositado sobre a mesa coberta de um manchado pano vermelho, a sua costura, as suas linhas e o seu dedal. Olvidou, porém, sobre o nariz os óculos, sem os quais não podia trabalhar e no seu passo curto e trôpego de anciã, dirigiu-se para a porta.

A única criada da casa, a portuguesa Antonia, sucessora da preta cozinheira, falsamente acusada do roubo dos 50 mil réis e que se fora embora indignada e amaldiçoando Maria José, estava ausente, e por isso foi ela própria indagar o que havia. Na casa tudo continuava imerso no mais profundo silêncio e nenhuma porta se abriu, nenhum vulto apareceu interessado ou curioso, por aquele bater violento. A porta de entrada rangeu, escancarou-se e D. Anninha avistou, alumiada pela luz elétrica da rua, o vulto de D. Carlota Villaboim, embrulhada numa longa capa que lhe aumentava a vasta silhueta e com o chapéu oscilante sobre os cabelos desgrenhados. Ao grito de espanto da velha senhora, a visitante recuou um pouco, mas avançou logo, chamada pela voz doce, pelo gesto carinhoso de D. Anninha, que se adiantou até o meio do jardim e lhe estendeu a mão afetuosa.

— É muito tarde? — indagou D. Carlota com voz trêmula e recusando entrar.

— Não, não! — respondeu a boa avó. — Entre um instante! Mas que tem? Parece-me tão perturbada?

— O Sr. Almeida está em casa? — perguntou a viúva Villaboim, sem se explicar mais e penetrando na casa.

D. Anninha precedia-a, levando-a para a sala, acendendo a luz e entreabrindo ligeiramente as janelas. Quando se voltou, porém,

encontrou D. Carlota, caída sobre o sofá, chorando violentamente, e apertando com o lenço a boca contraída de desespero.

— Que tem? Que tem? — indagava a boa senhora, abraçando-a e já também com lágrimas nos olhos.

— Ah! Minha amiga, aconteceu-me uma grande desgraça, que será maior ainda, se eu não falar já com o seu genro.

— Então vou chamá-lo e ele não tardará aí, estou certa! — disse a pobre D. Anninha, correndo a chamar o chefe de seção, que com efeito veio logo, de pijama branco e sobretudo por cima.

Vinha assustado e a fisionomia inquieta da boa D. Anninha a seu lado, fazia-o mais trêmulo, mais atordoado. Quando avistou no sofá, a senhora D. Carlota, sempre com o lenço na boca, a impedir-lhe os gritos de desespero, ele se aproximou dela quase a correr e sentou-se bem junto, com grande expressão de simpatia e de piedade no olhar entristecido. A velha sogra, de pé, contemplava-os a tremer e ansiosa por saber o motivo daquele pranto da angustiada amiga. A viúva Villaboim, entre os soluços, que lhe prendiam a garganta e lhe balançavam os cabelos mal penteados e clareados por numerosos fios brancos sob o chapéu que tombava, pronunciava o nome do Sr. Almeida em tom de súplica.

— Ah! Sr. Almeida! Sr. Almeida!

— Mas que há? Que aconteceu? — dizia o pobre homem, quase a chorar também.

— Um horror! Uma desgraça! — respondeu D. Carlota, afinal, vencendo com esforço o espasmo dos soluços que a impediam de falar. — Meu filho, o Duca, cometeu um crime, um roubo e só agora acabo de sabê-lo!

Instintivamente, o funcionário recuou, na recordação do que lhe sucedera a ele com a filha e procurou maquinalmente o olhar da sogra, que, para fugir dele, desviou lentamente a cabeça encanecida.

D. Carlota, porém, nada percebeu daquele mudo incidente e depois de enxugar as novas lágrimas que a evocação do crime do filho lhe fizera derramar, continuou no mesmo tom vergonhoso e horrorizado!

— Imaginem que eu tinha acabado de jantar e me aprontava para o meu jogo de paciência acostumado, quando ouvi bater à porta da rua. Estava só porque Zelia jantava com uma das amigas da vizinhança e o Duca, depois de me ter pedido 100 mil réis, que não lhe dei porque não os possuía, ausentara-se de casa, havia já uns três dias. Pensei que fosse ele e corri a abrir. Encontrei-me com uma mulher gorda e velha muito pintada, de cabelos cor de cenoura e vestido aberto sobre o peito branco de pó de arroz. Na mão, balançava uma *fourrure*[59] alva, que com certeza retirara do pescoço na violência da cólera que a estrangulava. Logo que me viu, interpelou-me em voz brusca e num português afrancesado, que me faria rir em outro qualquer momento:

"É com madame Carlota Villaboim, mãe do Duca, que falo?"

— Eu nada dissera — inclinando somente a cabeça.

"Pois madame, o seu filho é um ladrão, um verdadeiro ladrão, sabe?"

— Não deixei que ela continuasse a gritar assim à porta e, tonta, apavorada, puxei-a pela mão e fi-la entrar quase à força, na sala de visitas. Ali mesmo, de pé e diante de mim que quase desmaiava de horror, ela me narrou com voz vibrante de cólera, toda a vergonha de meu filho:

"Como madame não ignora, eu vivia há muito tempo já com o Duca, e até muitas vezes o ajudei nas suas dificuldades. Ele era tão *mignon*, tão gentil! Ultimamente, porém, notei que mudava de modos, pedia-me constantemente dinheiro e desaparecia dias seguidos da minha casa. Quando eu lhe perguntava onde estivera, respondia-me que tinha sido obrigado a ficar em casa, ao lado da madame sua mãe que adoecera gravemente. Achava natural isso e não me zangava. Entretanto, ontem, ele passou o dia inteiro comigo, por sinal que até almoçamos na cama e quando eu fui obrigada a deixá-lo para sair, ele declarou-me que me esperaria ali mesmo, a dormir um pouco. Quando voltei, porém, não o encontrei, mas não estranhei o caso, porque o Duca foi sempre caprichoso e volúvel, e nem pensei mais nisso. Todavia, hoje, não o vendo chegar e sabendo pelos rapazes que ele estivera ontem no Clube, pus-me a

pensar nele e, com que adivinhando, fui procurar as minhas joias e não as encontrei! Madame pode imaginar bem como eu estou! Frutos do meu trabalho de tantos anos, das minhas economias não podem desaparecer assim. Se madame não mas paga, vou daqui à polícia e o seu filho será preso imediatamente."

— Eu já não ouvia mais, tombada sobre o sofá, a chorar, a chorar... A mulher teve então dó do meu sofrimento, prometeu-me que esperaria mais tarde uma resposta minha e que receberia por pequenas somas o valor das suas joias se eu não pudesse pagar tudo de uma vez. E quando ela me disse que esse valor era de dez contos, eu quase saí a correr, a me atirar debaixo de um bonde! Como poderia eu pagar dez contos! "E Duca não as roubou todas, porque então seria muito mais" — me declarou ela, vendo o meu espanto! — E que fazer agora, Sr. Almeida, que fazer agora? — gemia a triste mãe, erguendo para o perturbado chefe de seção as suas mãos trêmulas.

Ouviram um ruído e D. Maria e a filha apareceram no limiar da sala. Tinham ouvido tudo e a expressão de pavor da fisionomia da Sra. Almeida contrastava com a de desprezo impressa no rosto da filha.

D. Maria aproximou-se de D. Carlota e estendeu-lhe maquinalmente a mão num gesto de compaixão irreprimível, enquanto a desgraçada viúva, num dilúvio de lágrimas, entregava-lhe a sua molhada de pranto e gelada de emoção. Maria José continuava à porta, imóvel e impiedosa. Jurava a si mesma, que romperia doravante relações com Zelia, irmã de um reles gatuno de cocotes!

A avó deitou-lhe um olhar que a chamava, mas que diante da sua negativa, fuzilou de uma chama estranha e indefinida!

O Sr. Almeida, no entanto, tentava apaziguar a infeliz senhora, prometendo-lhe agir, desencavar o Duca e fazê-lo entregar as joias da mulher a quem iria procurar, assegurando-lhe a breve solução do negócio tão desagradável. D. Carlota ouvi-o com os olhos parados, numa agonia muda, arfando somente de quando em quando, como não acreditando que algum dia, tão horrível situação pudesse ter um fim. Debaixo dos olhares apiedados de D. Anninha e da filha, em pé

diante da velha, a viúva balançava a pobre cabeça fatigada de pensar, indiferente, no seu grande sofrer, às convenções e máscaras sociais. Afinal, diante das frases enérgicas dos seus consoladores, ela retomou todavia, uma atitude mais serena, o olhar luzia-lhe de uma luz mais inteligente e ela aceitou as promessas afetuosas do Sr. Almeida.

— Amanhã, logo cedo, vou procurar a mulher, cujo endereço a senhora me dará. Falo-lhe, acalmo-a e depois, por ela mesma ou pelos amigos, saberei onde está o seu filho. Com este, estou certo de que me arranjarei e a senhora nada tem mais a fazer, senão esperar as notícias que lhe enviarei. Imagino bem, o sofrimento do seu coração de mãe, mas pode ser que o seu filho se corrija e se torne ainda um homem honrado. Asseguro-lhe, D. Carlota, que não é o primeiro rapaz a quem isso acontece nesses tempos de ânsia pelo gozo, pelo luxo e em que, para satisfazê-lo, tudo parece permitido e fácil!

E dizendo isso, o pobre chefe de seção tão sacrificado por essa ânsia de que falava, abaixou a cabeça grisalha num movimento irreprimível de tristeza acabrunhada.

Não era ele também uma das vítimas desse apetite insatisfeito e sempre renascente da sua família pelo luxo, pela exibição e pelo esnobismo imbecil da época?

Ouvindo o marido exprimir-se assim, D. Maria recuou e a sua fisionomia endureceu-se subitamente. D. Anninha abaixou os olhos e toda ela pareceu desejar diminuir, amesquinhar-se, sumir-se pela terra adentro.

Maria José, à porta, uniu os lábios num muxoxo de desdém e encolheu os ombros no seu gesto predileto de pouco caso. "Quando os pais ou os maridos não rodeiam as suas filhas e as suas mulheres do conforto necessário à vida, ou não lhes satisfazem as vontades e as necessidades de elegância e de superioridade, estas têm todo o direito de as saciarem do modo que melhor lhes convier. E eles que não se queixem!", gritava o seu olhar amarelo com as fulgurações metálicas que a cólera nele acendia.

D. Carlota lamuriando sempre e com a sua gorda pessoa mais amolentada ainda pelo peso do sentimento penoso que lhe abalara

quase até o fundo das gelatinosas fibras que lhe compunham a alma, ergueu-se com lentidão, exclamando num gemido:

— Vou-me embora! É tarde e os senhores precisam de dormir! Mas que noite vou eu passar, santo Deus!

Não a retiveram, mas o Sr. Almeida na sua bondade de homem sofredor, pediu-lhe que o esperasse, porque ele se ia vestir e a acompanharia até a casa. A boa D. Anninha sorriu com meiguice para o genro, vendo-o sair apressado da sala e sentou-se no lugar que ele deixara vago, junto a D. Carlota.

Uma vez sós as três senhoras, – porque Maria José continuava a se dissimular atrás da porta – permaneceram em silêncio, entregues cada uma aos seus pensamentos. A viúva Villaboim, com o lenço amarrotado entre as mãos caídas sobre o regaço, imobilizava-se numa atitude de criatura adormecida, no entanto, D. Anninha e D. Maria mudas também, respeitavam-lhe a quietude resignada que lhe sobreviera, depois de tanto choro e tantos gemidos violentos!

O aparecimento do Sr. Almeida já vestido, despertou-as daquele letargo em que tinham caído e D. Carlota, levantando-se, num esforço que lhe balançou todas as gorduras do corpo vasto, estendeu a mão úmida e fria à D. Maria e depois à velha D. Anninha, única que a acompanhou até a porta da rua.

Ao limiar desta, porém, esbarrou com Maria José, que distraída pela cena da partida, não calculara bem as distâncias e se achava repentinamente diante da mãe aflita. O olhar que encontrou o de D. Carlota, era tão desdenhoso, tão velado de descaso e de menosprezo, que a pobre senhora não teve coragem de estender a mão à amiga íntima de sua filha, mas antes levou-a com o lenço aos olhos, murmurando com horror:

— Meu Deus! Que vergonha!

E passou mais aflita, mais acabrunhada, debaixo daquele olhar que a queimava, como um ferro em brasa.

No dia seguinte, uma garoa fria e contínua caiu sobre a cidade, envolvendo-a numa bruma cinzenta, que a tornava triste e inóspita.

Durante o almoço na casa dos Almeidas, almoço este em que as duas senhoras mais velhas conversaram somente sobre D. Carlota, num tom de piedade sincera e debaixo do silêncio desdenhoso de Maria José, um bater de campainha se fez ouvir e a criada que o foi atender, voltou com uma carta em que se lia sobre o envelope grande, em letra clara e corrida, o nome de Maria José de Castro e Almeida.

A moça, despenteada e no penhoar, amarfanhado de sempre, abriu-a e leu-a, enquanto palitava lentamente os dentes.

A carta era de Paulo de Araujo e em frases corretas e polidas, este declarava que, visto que a vira tão enlevada por outro homem, talvez mais merecedor do seu afeto, do que ele, ele se afastava, pedindo-lhe que o recomendasse à sua mãe e à sua boa avó. Acrescentava que pedira uns meses de licença e iria passá-los no Paraná, em companhia de um amigo.

O sangue subiu às faces da moça, que depois de murmurar entre dentes "grande idiota!" pegou da carta e entregou-a em silêncio à mãe que, em contraste com a filha, empalideceu muito ao lê-la.

— Que vais tu fazer agora? — perguntou ela. — Aceitas o rompimento?

— Naturalmente que sim. Pensa você então, que vou correr atrás de Paulo? — respondeu a moça, num gesto arrogante.

D. Anninha, por estas palavras compreendera tudo e, com um novo aperto de coração, ela viu o futuro da neta ameaçado e perigando. Se o Paulo se retirava assim, é porque alguma coisa grave surgira e o melindrara de tal maneira que a sua retirada se impunha definitiva e imediata. D. Maria, entretanto, não parecia satisfeita com o desfecho do romance da filha, mas pelo contrário, preocupada e aborrecida. Maria José, porém, com os olhos fitos na parede fronteira, ostentava ares radiosos, imaginando já como veria de novo o comendador Villarinho, em quem ela adivinhara a impressão forte que produzira.

— Não se incomode comigo — disse ela finalmente à mãe, que permanecia muda e preocupada —, hei de arranjar a minha vida como eu entendo e não como os outros querem — acrescentou ela

com um olhar de soslaio à avó! — Paulo não me convinha de maneira alguma e, retirou-se, fez muito bem. Estou cansada de viver a contar os vinténs, de ter sempre diante de mim a cara preocupada de papai e os olhos recriminadores de vovó e se me casar, há de ser para acabar com isso e só com um homem rico ou não me caso, e...

— Não digas tolices, menina! — murmurou D. Maria com mau modo.

— Olha, minha filha — exclamou D. Anninha, na sua voz doce e harmoniosa —, no meu tempo uma moça solteira não pensava assim e se o pensava, não o dizia. Agora está tudo mudado, tudo fora dos eixos. Vejo meninas, que não têm experiência nem juízo, julgarem os seus avós e os seus pais do alto de um saber que não possuem e motejarem[60] da virtude destes como de coisas ridículas e antiquadas. Só o dinheiro tem valor para elas. Está bem! Está muito bem! Só desejo ver em que acabará isso.

D. Maria abaixara a cabeça sobre o prato enquanto Maria José, com um sorriso de sarcasmo sobre os lábios agora sem carmim, disse batendo palmas irônicas:

— Já principia vovó com as suas histórias do tempo antigo! Pense um minuto, minha querida avó, nas transformações do Rio, na abertura das avenidas, na descoberta dos automóveis e nas modas dos vestidos, que surgiram depois da saia a balão, naturalmente usada pela vovó! Pense um segundo nisso tudo! E então diante de todo este progresso, de todas estas mudanças, de todas estas inovações, vovó queria que a moça solteira não evoluísse, não se desenvolvesse e continuasse sempre a ser a virgem de olhos baixos, de modas acanhadas e de saias até o chão, de outrora? É impossível, veja bem!

— Não — respondeu a avó, com calma, mas com um leve tremor nos lábios murchos —, não quisera tanto minha neta; mas desejaria que elas por luxo, por exibição ou por imbecilidade, não praticassem atos que ofendem o pudor e a honra, desmoronando numa criminosa inconsciência vidas, famílias, lares.

D. Maria continuava na mesma atitude, mas a filha depois de se erguer da mesa, arrastando a cadeira com grande ruído, saiu assoviando e pisando forte nas chinelas pesadas que usava pela manhã.

A velha avó suspirou um: "Ai! Ai meu Deus!" e lastimosa deixou cair a cabeça branca sobre o peito, a fim de ocultar a lágrima, que o procedimento desrespeitoso da neta, lhe fazia derramar. E quando a levantou, D. Maria estava a seu lado, com uma expressão tão meiga no rosto e uma humildade tão profunda no gesto com que lhe estendia a mão, que a boa senhora a mirou atônita e muda.

— Perdoe-lhe minha mãe — disse afinal D. Maria, sentando-se ao lado da velha mãe e tomando entre as suas, aquela mão enrugada que tremia. — Maria José está insubordinada e a mim mesma ela obedece mal e resmungando sempre. Estou com receio de a ter educado mal!...

D. Anninha um pouco consolada, por ver a filha tão afetuosa para com ela, respeitou-lhe a inconsciência que denotava tal dito e murmurou com voz insinuante e terna:

— Perdoo-lhe de todo o coração, mas dize-me: é verdade que o Paulo se retirou? Tão bom moço e tão sério! E que houve entre ele e Maria José para que tão grave fato se desse, minha filha?

— Nada, minha mãe, senão que Maria José foi encontrada por Paulo em conversa com o comendador Villarinho, na festa do Clube dos Diários.

— Com um comendador? Mas deve ser então velho este homem — disse D. Anninha. — Que importância tem uma conversa com um velho, filha? Um velho que podia ser pai da Maria José?

— Minha mãe, a conversa era de simples flerte e a pequena estava um pouco faceira, vendo o comendador embeiçado por ela. Paulo entrou neste momento e vendo os dois juntos, mudou de cara e não disse palavra até chegarmos aqui. Vi logo que estava tudo rompido —, explicou D. Maria embaraçada.

— Este comendador é muito rico, não? — perguntou D. Anninha. — Agora compreendo tudo, os modos arrogantes, as palavras altaneiras e o desprendimento completo de Maria José por tudo. Será possível, que ela pense em seduzir um velho?

— Ele não é positivamente um velho — murmurou a filha com um pouco de vergonha da atitude —, tem 50 anos mais ou menos e é ainda forte e sacudido.

— Mas meu Deus! Não posso imaginar tal coisa por mais que pense nela! Minha neta, que tem 20 anos, aceitando e provocando a corte de um velho de 50 anos e isto porque ele é rico e pode dar-lhe o luxo almejado! Meus Deus! Meu Deus! Que eu morra antes de ver tal coisa! — implorou a boa senhora, levantando-se da cadeira num movimento de horror.

— Acalme-se minha mãe, acalme-se! O homem ainda não veio cá, nem pediu a mão da pequena! Talvez nem pense mais nela! — dizia D. Maria, forçando a mãe a aquietar-se. D. Anninha deixou-se cair sobre a cadeira como aniquilada e não falou mais. Parecia remoer dentro do seu íntimo, aquele pressentimento que a apavorava; o do casamento da neta jovem com um homem idoso que poderia ser seu pai.

A filha, vendo-a muda e imóvel, levantou-se e com um pequeno erguer de ombros de impotência, saiu da sala.

À tarde, quando o Sr. Almeida voltou preocupado e aborrecido, D. Anninha correu-lhe ao encontro, a fim de saber o que fizera ele pela pobre D. Carlota.

— Está quase tudo arranjado — disse o chefe de seção, despindo o casaco de rua e envergando o largo paletó do pijama. — Falei com a mulher que chora mais a perda do amante do que a das joias e por um amigo dela, soube que o infame Duca está escondido na Avenida Mem de Sá, em casa de uma outra meretriz, de quem agora é o amante. Mandei-lhe já dizer que a mãe não lhe paga o roubo e que ele vai ser preso, se não entrega já as joias da cocote. O desgraçado contava com o amor da mãe, mas eu cortei-lhe as asas.

— Que triste criatura é este rapaz! — exclamou a boa senhora, suspirando ao pensar na dor da infeliz mãe.

— Está aí o que resultou da educação que D. Carlota deu aos filhos — gritou o Sr. Almeida. — A Zelia é uma namoradeira infernal,

uma filha sem coração, uma virgem sem pudor e o Duca é um ladrão!

— Mas que força tem esta pobre criatura, simples e isolada no mundo, contra os impulsos da época, os engrossamentos dos jornais, apregoando o luxo, o smartismo e perturbando assim os espíritos dos novos, dos inexperientes e dos fracos? — explicou a velha D. Anninha, encolhendo os ombros.

— Nisso tem a senhora razão — respondeu o pobre homem olhando em torno de si e abaixando a voz no terror de ser ouvido pela mulher e pela filha. — Que posso eu também contra todo esse furor de luxo esse desejo de gasto e de pompa que devoram o espírito de Maria e de Maria José? Só ouso chorar e lamentar-me como um pobre diabo que sou. Mas saiba, minha mãe, que eu detesto esse tempo em que vivo e que mataria sem remorso esses pseudojornalistas que envenenam e estragam as almas das nossas mulheres e das nossas filhas, estimulando-as ao prazer, à vaidade e ao desperdício de horas que podiam ser melhor aproveitadas, à custa de elogios grosseiros e desrespeitosos! — acrescentou o Sr. Almeida, fechando o punho num gesto de ameaça impotente.

Mas inclinou logo a cabeça e tomou a sua atitude de humildade acostumada, vendo aparecer a mulher e a filha, que o chamavam para o jantar.

No dia seguinte, ele contava às senhoras que o rodeavam, que o Duca fora encontrado e lhe entregara para serem restituídas à francesa da Rua do Catete, quase todas as joias que lhe roubara, só faltando duas pulseiras que ele vendera e que a mãe prometera pagar.

— Se vissem a D. Carlota ontem, quando lhe contei o resultado das minhas providências, ficariam admiradas! Tomou um ar de soberana irritada, cresceu e declarou-me num tom categórico e de dignidade suprema, que não queria mais ver o filho. Mas na porta, ouvi-lhe o grito dilacerante que chamava pelo desgraçado Duca. Que tristeza!

— E que vai agora fazer o Duca, meu Deus! — indagou a boa D. Anninha, apiedada pelo criminoso.

— Contou-me a sua ex-amiga, que ele parte já para Buenos Aires, em companhia da francesa que lhe sucedeu! E temos aí mais um infeliz solto pelo mundo afora a semear pelo seu caminho novas infâmias e novos crimes! — respondeu o funcionário.

No meio do silêncio que se seguiu a esse dito, pronunciado em voz grave pelo Sr. Almeida, Maria José exclamou:

— Era melhor que o tivessem trancafiado no xadrez! Um reles ladrão de joias de meretrizes!

O pai abaixou a cabeça e a mãe corou pela frase infeliz da filha inconsciente do ato que praticara não havia muitos dias, ato, que lhe merecia o mesmo estigma que ao Duca! D. Anninha, esta, contentara-se em mirar a neta com um espanto mal disfarçado.

XI

O jovem 2º oficial do Ministério da Agricultura passara alguns dias triste e plangente depois da carta de rompimento que escrevera à noiva. Como sempre acontece àquele que vê sumir-se no horizonte a posse de um bem esperado, posse que, por orgulho, ele teme que passe a outras mãos, Paulo sentiu-se tomado de um aluvião de sentimentos contraditórios, que muito o fizeram sofrer e irritou-se. E o ciúme, um ciúme vermelho e sombrio, que contrastava com a bondade e a singeleza do seu caráter, apoderou-se da sua alma, obrigando-o a murmurar frases de ameaça e a falar em revólveres e em tiros. Felizmente, esse estado de espírito durou pouco e a razão brilhou de novo, forte e clara, naquele cérebro obscurecido um minuto por um falso amor e pelas suas inevitáveis consequências. Mentira quando escrevera que partiria para o Paraná e o fizera temendo cartas e pedidos de reconciliação, cartas e pedidos que não vieram e que ele esperara apesar de tudo.

Ao Sr. Almeida, seu chefe, ele narrara todo o ocorrido, explicando assim a sua retirada e a falta de realização de tantas promessas. O infeliz chefe de seção nada replicou; mas no olhar, que ergueu para o rapaz, em quem esperara um salvador da filha, havia tanta pungente melancolia, que Paulo se sentiu perturbado e, na violência com que lhe apertou a mão estendida, pôs todo o seu respeito e toda sua piedade.

Ele procurara, entretanto, um objetivo para o lugar que Maria José deixara vago na sua vida e, a conselho dos amigos e camaradas, inscreveu-se numa linha de tiro, cujo comandante enérgico e severo, puxava muito pelos seus subordinados. E o mancebo olvidava tudo que houvera de aborrecido ultimamente na sua existência, sentindo as pernas e os braços doerem-lhe de cansaço e o cérebro esvaziar-se de ideias sentimentais e

romanescas. Não é que ele se deixasse empolgar por esse patriotismo repentinamente apregoado pelos jornais e pelos discursos de certos homens atacados também subitamente desse prurido. Não, pelo contrário, toda essa exaltação, todo esse gongorismo[61] gasto, dava-lhe uma involuntária impressão de falsa sinceridade, que lhe impedia a emoção e o entusiasmo. Causava-lhe também surpresa e mal-estar, a exibição contínua e pueril daquelas fardas amarelas pelos teatros e pelas avenidas, dando assim aos que a traziam o ar pouco guerreiro e um tanto ridículo, de crianças fantasiadas.

Colocando a sua pátria muito alto, ele condenava essa mistura de frivolidade e de patriotismo e preparava-se para defendê-la com sinceridade máscula e respeito nunca desmentido. Manejando a carabina ou marchando firme, ao som dos tambores ou das cornetas dos regimentos, ele se alegrava por se sentir robusto de alma e de corpo e pronto a sacrificá-los ambos, por aquele pavilhão auriverde, tremulante acima de sua cabeça e que lhe parecia confeccionado com as fibras e com o sangue do seu próprio coração.

Mesmo o seu gênio se transformara para melhor no convívio dos camaradas e na atividade daquela vida nova, que lhe fazia correr mais veloz o sangue nas veias e agitar-se mais o seu corpo habituado às inércias da repartição pública.

Enfim, Paulo, surgia mais vigoroso e mais homem daquele embate amoroso que o seu coração sustentara com um outro coração, este de moça moderna e elegante.

A parada do dia 7 de Setembro despertara grande interesse entre pessoas de todas as camadas sociais. O Ministério da Guerra, solícito e desejoso de desenvolver ainda mais o ardor patriótico da população, distribuiu numerosos convites para as arquibancadas que se elevam de um lado do Campo de São Cristóvão, campo onde as tropas desfilam à vista do povo aglomerado em torno e do presidente da República mal instalado numa tribuna chamada especial, em companhia da sua Casa Militar e dos diplomatas estrangeiros.

Desde às seis horas da manhã, moças garridas e apressadas, amontoavam-se nos bondes, ostentando à claridade rósea da manhã os seus vestidos brancos, rosados ou azuis. Os automóveis apinhados de famílias inteiras, corriam uns atrás dos outros, num fonfonar alegre e estridente que ensurdecia. Toda a cidade, enfim, rumorejava, atravessada por pedestres corajosos, que se punham a caminho, esquecidos do cansaço, do sol ardente e antegozando o prazer de ver marchar as tropas do Exército amado.

D. Maria Almeida, a filha e o comendador Villarinho, confortavelmente sentados no *double-phaéton*[62] deste último, deixavam-se levar, sorridentes e beatos, pela velocidade do carro admirável, que custara, segundo dizia o comendador, uns bons pares de contos de réis! Maria José ia radiante no seu *tailleur* de flanela, cuja saia, muito curta descobria as pernas metidas numas finas meias de seda branca e os pés apertados nuns sapatos de camurça da mesma cor. Tinha sido ideia dela, esse passeio com o comendador Villarinho, sob pretexto de verem a parada. O rico negociante, atormentado pelo desejo que lhe ficara na alma, de contemplar de mais perto a rapariga que tão amável fora para ele, na festa do Clube dos Diários, anunciara, na véspera, a sua visita, enviando a Maria José e não à mãe, como era de direito, um lindo ramo de rosas brancas, e viera à noite visitá-las. D. Maria Almeida, entre o embaraço e a satisfação que lhe causava aquela entrada em casa de um novo admirador da filha, permanecia muda, fazendo cair sobre a cabeça de Maria José toda a responsabilidade do que sucedesse. O Sr. Almeida, ouvindo falar na visita de um homem que não conhecia e interpelado pela mulher para que aparecesse à sala, negou-se peremptoriamente a fazê-lo, num tom que muito a melindrou e muito contribuiu para que ela se pusesse logo ao lado da filha, que sorria sarcasticamente, vendo os pais discutirem uma coisa, por ela já aceita e resolvida. O comendador nessa noite, sentira-se imensamente venturoso, vendo a seu lado a forma esbelta da moça e sentindo novamente subir-lhe às narinas o perfume capitoso usado por ela. Gaguejara palavras de clara admiração, e o seu olhar não se desviara um só instante do seu

todo encantador, tomado deliciosamente pelo vestido provocante e justo que o despia.

Olvidara quase por completo D. Maria que, de quando em vez, lhe lembrava a presença e as conveniências, conversando sobre o tempo, as festas e as moléstias correntes. Foi aí e ao ouvir falar em festas, que Maria José se recordara da parada do dia seguinte e manifestara-se muito contrariada por não possuir um automóvel que a conduzisse até o campo.

O comendador, então, com uma chama de alegria a incendiar-lhe o rosto gordo e a fazer vibrar-lhe os olhos pequeninos, ofereceu-se para vir buscá-las no seu carro, caso elas lhe permitissem essa liberdade.

D. Maria hesitou, mas a filha afetando[63] uns modos infantis, batia já palmas de contentamento, aceitando o convite. E foi assim que os três se acharam nessa linda manhã, às nove horas, instalados no luxuoso automóvel descoberto do comendador em direção ao Campo de São Cristóvão, onde Maria José contava distrair-se muito, acabando de perturbar fisicamente o velho negociante e aproveitando-lhe o entusiasmo marcial para aumentar o seu delírio amoroso, que a custo ele continha já.

Durante o percurso, a mãe e a filha avistaram, numa rica limusine, dona Henriqueta de Nerval, em companhia do marido e do amigo argentino, sentado este a seu lado, enquanto o primeiro ia ao lado do chofer. Parecia radiosa num vestido azul marinho, enfeitado de galões brancos e com os cabelos vermelhos a transbordarem do gorro escuro que uma alva *aigrette*[64] tornava petulante e faceiro. Houve adeuses, sorrisos e cumprimentos mal formulados pela distância. Maria José, porém, não se sentiu muito satisfeita, quando o velho negociante, num rasgo de admiração irreprimível, perguntou-lhe com calor quem era aquela tão rica senhora. A moça esqueceu num momento a sua tão declamada amizade pela Henriqueta de Nerval e com um muxoxo de pouco caso, respondeu, encolhendo os ombros.

— Qual, ela não é tão bonita como parece! Tudo aquilo é pintura. E depois, não é uma mulher séria. Fala-se dela com mais

de uma dúzia de homens!

O comendador nada mais disse. D. Maria, porém, enviou à filha um olhar de censura.

Entretanto, novos conhecidos se faziam encontrar e os adeuses, os sorrisos se repetiam constantemente. Havia, porém, gradações nesses sorrisos e nesses adeuses. Hortencia de Lima, por exemplo, muito formosa no seu singelo vestido branco, e que uma *ombrelle* [65] da mesma cor resguardava do sol, recebeu um frio cumprimento de cabeça de Maria José e da mãe. Joãozinho a seu lado, encantador na sua roupa azul de marinheiro, parecia entusiasmado por estar de automóvel e ver os soldados.

Villarinho sorriu-lhe bondosamente enquanto saudava a mãe e Maria José, vendo esse sorriso e não sabendo a quem era dedicado, indagou logo:

— Conhece Hortencia de Lima? Uma sonsa, a quem o marido abandonou, naturalmente, por que alguma falta ela praticou. Detesto aqueles ares de violeta dos prados que ela ostenta!

— Não, não a conheço, mas parece-me muito simpática — respondeu o comendador, não ousando dizer linda —, e o filhinho é encantador! Gostaria muito de possuir um dia um filho assim!

Maria José nada replicou e querendo fingir confusão, virou a cabeça para o lado, encontrando então o olhar de Zelia Villaboim, que, toda de cor de rosa, se achava num outro automóvel, quase ao lado do seu e em companhia de outras moças. As duas amigas examinaram-se com grande curiosidade, antes de se saudarem, o que foi feito friamente por Maria José, enquanto a outra com o seu olho pequeno e esperto, fitava o negociante, com ar inquiridor.

E a multidão como uma onda confusa, ia e vinha entre os carros e os automóveis, demoradamente, no avanço brutal de conquista de lugar. Por cima o céu azul claro estendia-se luminoso e transparente. De repente, a um sinal do guarda, todos os veículos foram obrigados a parar e os seus ocupantes convidados a descerem ou a permanecerem ali. Maria José de mau humor, abandona o *double-phaéton* tão cômodo, e entre a mãe e o

comendador, no meio do povo em reboliço caminhou até as arquibancadas que encontrou cheias e apinhadas.

Impossível de penetrar nelas. E toda aquela gente, que se aprontava para, sentada e ao abrigo do sol, gozar melhor do espetáculo militar que ia ter lugar dali a pouco, teve de voltar entre gemidos, recriminações, maus modos e retomar lugar nos automóveis ou ficar de pé, na rua, os que eram menos afortunados. Entretanto, o presidente no seu carro *á la daumont*[66], passava com o ministro da Guerra e o seu ajudante de ordens. Era ele possuidor de uma fisionomia severamente sombria, quase inexpressiva e que só se aclarava nas ocasiões em que relanceia em torno de si olhares desconfiados, que são logo ocultos e engolidos pelas pálpebras que caem pesadas e grossas.

Produz forte sensação a sua passagem em veículo tão desusado e alguns vivas soam tristemente. Mas as cornetas anunciam o princípio da parada e todos se aprontam para admirá-la. Maria José, tentando ver, põe-se em pé nos assentos estufados do automóvel, ampara-se com uma das mãos no ombro de Villarinho, que se ergue para melhor sustentá-la e eleva de vez em quando os olhos para os dela, que abaixa então os seus numa *coquetterie* [67] endiabrada e petulante. D. Maria segue toda aquela cena com uma mescla de desgosto e de prazer. Para a mãe moderna, casar cedo uma filha, é uma grande satisfação de amor-próprio, e se o noivo é então rico e conceituado embora velho, essa satisfação cresce de tal modo, que se transforma em orgulho e superioridade.

Assim, a Sra. Almeida antegozava já o prazer com que participaria às amigas o casamento da filha com o rico comendador Villarinho, os presentes caros que esta receberia, a montagem do palacete em que deviam morar os noivos e a facilidade, enfim, de gastar dinheiro sem contar os vinténs, como fizera até agora. Esquecia por vezes as palavras de desespero da mãe no pressentir desse casamento que a envaidecia e se a recordação delas lhe vinha à mente, o desgosto era menor do que o sentimento de acariciadora vaidade que experimentava. Mas os primeiros pelotões principiavam a desfilar ao som de um dobrado brasileiro, alegre e

cadente, e uma chama de entusiasmo passa pela multidão que recua e avança como uma onda de cabeças humanas.

Maria José exagera o seu entusiasmo patriótico, batendo palmas com violência, agitando-se sem descontinuar a apertando-se muito contra o velho, que tinha já a face congestionada e os gestos trêmulos. D. Maria e ele, simplesmente de pé, no meio do carro, mal enxergam o que se passa ao longe, só ouvindo o tropel cadenciado das tropas e o som festivo da música que lhes acompanha os passos.

Mas a massa de povo, que como uma inundação humana, lhes rodeia o automóvel e se extravasa pelos arredores, causa a ambos uma impressão de receio. As fisionomias avermelhadas pelo calor, que o sol lhes envia do alto do firmamento, tomam um aspecto estranho e inquietador, que inspira sobretudo a Villarinho, ideias negras. Depois, ele não é um moço e o ardor cálido da manhã, dá-lhe dor de cabeça e contrações no estômago. Vendo-o calado e taciturno, Maria José perguntou-lhe em voz baixa e terna, o que tinha para estar assim tão mudo e tão triste, mesmo ao lado dela. Ao fazer esta pergunta, ela inclinou se toda sobre ele e a sua boca quase tocou na do negociante, que esquecendo o seu mal-estar, mordeu com força os lábios grossos, para conter desejo de beijá-la.

A moça riu-se então, de um riso piegas, forçado, provocante, no qual mostrou os dentes alvos à luz demasiado clara daquela hora matinal. E saltando do assento estufado, colocou-se ao lado de Villarinho e falou-lhe baixo ao ouvido, durante todo o tempo em que estiveram forçosamente parados naquele sítio. D. Maria fingia distração e interesse pelo que se passava no campo.

O calor apertara e a multidão ondulava constantemente, na procura de um lugar mais fresco e mais agradável. O azul do céu afirmara-se mais forte e luzia como uma enorme turquesa suspensa no alto, no entanto que as árvores pareciam mais verdes, luminosas como artificiais, àquela claridade exuberante.

Como borboletas irrequietas, as senhoras envoltas nas suas toaletes vistosas, iam e vinham, parando sempre, batendo palmas de entusiasmo e saltando de um lado para outro lado, no ardor que lhe merecia a pátria e as fardas que a defenderiam.

Entretanto, depois de um rápido conciliábulo[68] entre os três ocupantes do *double-phaéton* do comendador, ficou decidido que partiriam, apenas houvesse um espaço livre, para que o automóvel pudesse passar. E com grande regozijo vaidoso da Maria José, este a custo de ruidosas fonfonadas, que atraíram para ele toda a atenção dos que ficavam, arranjou um caminho de saída e deslisou debaixo dos olhares invejosos e admiradores da multidão.

A moça ia radiosa: o comendador fizera-lhe uma declaração incendiária e se não falara ainda em casamento, ela o forçaria a fazê-lo.

E sob o céu límpido e sem nuvens, o automóvel partiu manso e ligeiro, deixando atrás dele o povo que se unia logo numa massa compacta e formidável...

Na Rua D. Marianna, D. Anninha, estranha a todos esses últimos fatos sucedidos, mas cuidadosamente velados ao seu conhecimento, lia o *Jornal do Commercio*, com os óculos sobre o nariz.

O Sr. Almeida, num pijama de chita e zangado por saber a mulher e a filha a passeio com o comendador Villarinho, andava de uma sala para outra em silêncio, procurando cansar a sua cólera impotente e enganar o estômago acostumado a um almoço mais matinal.

XII

Os dias fugiam uns atrás dos outros, mas a vida mundana de Henriqueta de Nerval continuava na mesma: recepções e festas durante o dia e Teatro Municipal à noite.

De tempos em tempos, uma lassidão que era como uma fraqueza amolecia-lhe os nervos e um fastio nauseoso e displicente, fazia-a bocejante e entorpecida. Inteligente e observadora, ela ria-se muitas vezes do esnobismo ridículo e mesquinho do Rio, em que os vinténs são contados durante o dia para que se possa *épater* [69] à noite no teatro os burgueses das torrinhas.

Assim, em muitas ocasiões pelo vidro descido da sua limusine, ela avistara, em dias de chuva, amigas suas em *tailleurs* surrados, correrem atrás do bonde, a fim de pouparem o dinheiro do táxi e mais tarde poderem fazer uma entrada no Municipal, num soberbo automóvel de garagem a 20 mil réis à hora!

E quantos combates, quantas agonias, quantas descaídas na corrida atrás da almejada assinatura para a companhia de primeira ordem onde o seu não comparecimento contaria como uma desonra e uma desfeita!

Nas suas boas horas de alegria, Henriqueta narrava a Hortencia, agora sempre docemente melancólica, as frases angustiadas e trêmulas de emoção, que ouvia às amigas não convidadas para algumas festas mundanas ou impossibilitadas de arranjarem o dinheiro necessário à posse de uma frisa ou de uma poltrona na plateia!

Como os pais e os maridos eram nessas cenas tratados com desprezo e ódio e considerados entes inferiores e aviltados!

Era de apavorar! Mas Henriqueta, cujo senso suportava bem todas as baixezas humanas, ria-se às gargalhadas, enquanto a amiga muda e arrepiada, lastimava profundamente, no seu íntimo,

todos esses estados d'alma, que só provavam desequilíbrio, moléstia e desgraça.

Depois do almoço no Sul América, onde o Dr. Nerval, a mulher e o amigo comeram, conversando na doce alegria das pazes feitas, entre ramos de rosas especialmente mandados pelo argentino, Henriqueta sentiu-se ainda mais enervada do que nos dias passados.

Debalde[70] o marido lhe pedia que se vestisse, que saísse, ou ficasse em casa e recebesse as visitas que ele lhe indicava. A moça não o atendia e de penhoar largo e cabelos soltos, deixava de lado a sabia maquiagem que lhe ocultava as leves manchas de sardas que maculavam o seu rosto branco, passando o dia deitada num divã com numerosas almofadas sob o corpo lasso. Faltava-lhe qualquer coisa na vida, qualquer coisa que ela não sabia explicar, mas cuja ausência a quebrantava toda e a deixava alheia a tudo e a todos.

Nesse sábado, porém, o dia radioso embora quente, que surgira pela manhã, com o céu tão azul que cansava o olhar, inspirou-lhe desejos de sair e ela telefonou a uma amiga para que fossem juntas à Avenida e à Confeitaria Avellar, seu ponto predileto.

Era esta amiga, uma italiana, que casara-se na sua terra com um brasileiro, que lá fora passear, e que depois viera com ele para aqui, onde iniciara uma vida dissoluta. Esse brasileiro aparecera uma bela manhã morto a seu lado e ela mesma, muito tranquila, chamara a polícia e mostrara-lhe o esposo inteiriçado sobre os seus lençóis rendados.

Nada se descobrindo pela autópsia, o homem foi enterrado como tendo sucumbido do coração, mas uma criada da casa, a quem a polícia esquecera de interrogar, declarou mais tarde, que ouvira fora de horas, uma violenta discussão entre o patrão e a patroa, terminando depois tudo num profundo silêncio.

Envolvida nos seus véus de viúva, que mais realçavam ainda a alvura impecável da sua cútis e a chama doentia dos seus olhos imensos, Francesca Rodrigues, perturbava os homens e dominava-os por meio de uma fascinação em que havia terror.

Agora, já no seu meio luto, que ela tornava garrido e petulante, Francesca ia a toda a parte, decotando-se com audácia, e tentando os homens com os movimentos arredondados e lentos dos seus braços brancos e nus, que ela atava enquanto conversava num gesto usual em torno da cabeça, como asas de ânforas.

Não se lhe conhecia fortuna alguma, mas o luxo que ostentava, era uma garantia de que pelo menos dinheiro não lhe faltava. Mostrava-se muito amiga de Henriqueta, lisonjeando-lhe a vaidade e contando-lhe casos de amor tão estranhos, que a leviana mulher de Luiz de Nerval, se sentia algumas vezes atemorizada. Quando, por acaso, se referiam à morte do marido, ocorrida a seu lado, enquanto ela dormia, o seu olhar tinha um relâmpago tão formidável, que ninguém estranharia o estrondo que lhe sucedesse. Imaginavam ser isso o resultado da grande emoção que sentira e todos a lamentavam, mudando logo de assunto. Luiz de Nerval, no entanto, presente num dia em que o falecimento de Rodrigues era assim evocado e lastimado, notou o clarão repentino do olhar da viúva italiana e, mais tarde, disse à mulher num sorriso que velava o sinistro da frase:

— A tua amiga Francesca, se não matou ela própria o marido, sabe bem quem o fez.

Henriqueta estremeceu horrorizada e motejou do marido, embora lhe ficassem no espírito uma surda inquietação e uma pequena repulsa pela amiga.

Entretanto, foi à Francesca que ela telefonou para passearem juntas naquele dia de fins de setembro, em que o sol já beijava com demasiada força a cútis delicada das mulheres. Como sempre fazia, Henriqueta, depois de ir buscar no seu automóvel a amiga que habitava um pequeno chalé da Rua Silveira Martins, abandonou a este na esquina da Rua da Assembleia e tomaram ambas, a pé, o caminho da confeitaria favorita de Mme. de Nerval.

Elegantíssimas nos seus vestidos modernos, tão curtos, que as pernas se lhes mostravam até os joelhos, no movimento do andar, as duas amigas, cochichando e sorrindo, fizeram o percurso que as separava da casa de chá.

Henriqueta, mais conhecida do que a italiana, distribuía vários cumprimentos, enquanto Francesca, alargando ainda mais os grandes olhos negros, fitava o cumprimentado, indagando em voz alta e no seu lindo sotaque estrangeiro, quem era aquele senhor. O cavalheiro assim lisonjeado, seguia-a então com um olhar e muitas vezes embarafustava atrás delas, na esperança de uma apresentação, que era sempre bem aceita por Francesca.

A Confeitaria Avellar regurgitava[71] de pessoas, nesse dia ardente, em que os sorvetes seriam preferidos, se a moda não impusesse o chá, na continua imitação da Europa.

As duas amigas a muito custo, descobriram uma mesinha esquecida num canto da sala e com grande prazer, deixaram-se tombar sobre as cadeiras. Eram cinco horas da tarde, mas ao sol, que se aprontava para recolher-se, não sucedera nenhuma brisa refrigerante, nem consoladora e por isso a sombra do salão pequeno e estreito, agradou as duas senhoras, que soltaram um suspiro de alívio. À sua entrada tinham, entretanto, despertado a atenção dos que lá se achavam e olhares de análise, de inveja e de reprovação, caíam sobre as duas amigas que só se aperceberam deles, para saboreá-los com orgulho. Henriqueta, tranquila e irônica, passeava o seu *lorgnon*[72] sobre todas aquelas cabeças erguidas de curiosidade, murmurando em surdina frases curtas e epigramáticas sobre o pessoal que as mirava. As mulheres eram as mais infatigáveis nesse exame que uma vez consumado finalizava com um sorriso de desdém ou de ironia que disfarçava a inveja mal contida. Os homens, estes abandonavam sobre as mesas as bebidas refrigerantes e cansavam os olhos, movendo-os continuamente de Henriqueta, muito esbelta no seu vestido de filó branco, a Francesca, apetitosa e um pouco mais robusta, na sua toalete de listas brancas e negras.

Mas Henriqueta soltou de repente um gritinho de prazer e a sua mão enluvada de pelica branca, fez um gesto de apelo a um rapaz que, sozinho e com ar displicente, saboreava um sorvete a uma mesa próxima. Paulo de Araujo, pois era ele, ergueu-se

imediatamente e de chapéu na mão, dirigiu-se à mesa das duas amigas.

— Então, que fim levou o senhor? — perguntou Henriqueta muito amável, depois de lhe ter apresentado Francesca

— Muito trabalho me tem impedido de ir às suas recepções — respondeu o rapaz sempre de pé.

— Não, não acredito nisso — replicou a moça, rindo-se. — Sei que brigou com a Maria José e que por isso evita a minha casa. A propósito desta tenho uma novidade a contar-lhe... Mas... Sente-se aqui na nossa mesa, sim? Far-nos-á companhia e incutirá respeito a esses selvagens que nos devoram com os olhos.

Paulo hesitou um segundo, porque nunca apreciara os modos de viver de Henriqueta e até censurara muito em sociedade a ela e ao marido diversas vezes; mas a moça parecia-lhe tão amável, aquela tarde, tão linda naquele branco leitoso que lhe envolvia a pessoa e os cabelos de chamas, duma nuvem leve e transparente, que puxou a cadeira vaga e sentou-se pedindo ao garçom o seu sorvete inacabado. E a conversa se estabeleceu quase exclusivamente entre os dois, porque Francesca, tendo notado, a insistência com que um homem simpático de grosso anel reluzente e ar apatacado a fitava, reenviava-lhe o olhar num interesse crescente e contínuo.

— Então não tem curiosidade de saber o que aconteceu à sua ex-noiva? — indagou Henriqueta, enviando a Paulo um olhar provocante por hábito.

— Sim, embora não seja tão curioso como as mulheres — respondeu o rapaz sorrindo e mostrando os dentes claros e fortes.

— Pois então saiba que a sua ex-noiva foi pedida em casamento pelo comendador Villarinho, negociante português, que consta ser muito rico — disse madame de Nerval, fixando o olhar no rosto moreno de Paulo, na espera de descobrir lhe uma grande emoção.

Instintivamente, Henriqueta sentiu uma espécie de alegria dilatar-lhe a alma ao perceber a indiferença com que o mancebo recebia essa notícia e, como para recompensá-lo chegou para mais perto dele a cadeira que ocupava e falou-lhe, inclinando muito para

o seu lado o busto fino, cujo perfume ia embriagando lentamente o rapaz.

Toda a mulher regozija-se ao saber que um homem se desligou das cadeias de uma outra mulher, mesmo que esse homem não lhe seja nada e Henriqueta não fugiu a essa regra.

— Imagine que o noivo tem 55 anos e a noiva 20! Sem lisonja, não compreendo que ela se deixasse soltar por um homem novo e... simpático como o senhor para se deixar prender por um velho como o comendador!

E o olhar de Henriqueta, olhar glauco, penetrante e enigmático, corria sobre a pessoa de Paulo, num lento exame, demorando-se mais nos seus olhos negros e alongados de árabe, numa comunhão, que findou num calafrio, que sacudiu a ambos.

— Mas o outro tem dinheiro — exclamou de repente a italiana —, e talvez o senhor não possua uma fortuna igual à dele, hein?

— Não, minha senhora e para confessar-lhe a verdade, não possuo fortuna nenhuma — respondeu o moço a rir. — Sou mesmo pobre como diziam que Jó o era!

Francesca encolheu os ombros demonstrando o seu pouco caso por um homem tão pobre e continuou o seu romance por olhares com o homem do brilhante.

Ah! Ela compreendia bem Maria José. Henriqueta emudecera, saboreando a emoção doce que experimentava ao fundir o seu olhar com o de Paulo. Era tão estranha e tão nova aquela sensação! Parecia-lhe que lhe injetavam nas artérias um filtro que a ia entorpecendo suavemente num langor feliz, em que um gozo se desdobrava, se avolumava, mas sem esforço, nem tumulto.

Os seus olhares agora pensativos pousavam-se em Paulo, que atraído, deixava também parar os seus com um prazer inquieto, nas verdes pupilas que o refletiam. Vira tantas vezes Henriqueta nos seus salões, deslumbrante de joias, cortejada como uma deusa, e nunca lhe sentira aquele encanto comunicativo e tão ardente, que agora, naquela banal casa de chá, o principiava a perturbar e o dominava já como um jugo[73].

E ela? Quantas tardes não o tivera ela a seu lado, sorridente, amável, a cumprimentá-la, talvez mais do que naquela tarde? E no entanto, nunca experimentara aquele sentimento de curiosidade apaixonada dele que agora a dominava e que a obrigava a aproximar-se cada vez mais o seu corpo fremente e a fitar-lhe os olhos pestanudos, cuja chama a atraía como um íman.

O chá bebido aos pequenos goles acabara por esfriar nas xícaras e o sorvete tornara-se um líquido de cor indefinida no copo que o contivera. Francesca com o cotovelo apoiado à mesa, virara quase por completo as costas aos dois, entretida no namoro com o cavalheiro simpático. As luzes da confeitaria acenderam-se todas ao mesmo tempo, inundando a sala de um clarão intenso que fez piscar involuntariamente os olhos dos circunstantes.

Henriqueta, um pouco afogueada, ergueu o véu e a franja dos seus cabelos ardentes apareceu encimando os supercílios negros que quase se uniam por cima do nariz reto e um pouco longo.

Os seus olhos assim iluminados adquiriam uma cor metálica, que os tornaram misteriosos como um lago profundo e atraente como tudo que é enigmático e desconhecido.

Paulo e ela entregavam-se sem raciocinar à onda macia que os empurrava um para o outro, gozando com volúpia serena aquele despertar de um desejo que começara manso como um suspiro, mas que eles sentiam avolumar-se a cada olhar que trocavam.

O cavalheiro simpático fez um gesto e Francesca voltando-se repentinamente para aconselhar à amiga que partissem sentiu mais do que percebeu o perfume de amor, que se evolara daqueles dois entes, que como duas flores inclinavam-se ao mesmo sopro. Com um sorriso equívoco nos lábios finos, ela convidou-os a sair e mal acordados ainda do sonho que sonhavam de olhos abertos, os dois ergueram-se imediatamente e acompanharam Francesca que já saia na frente, seguida pelo homem de anel reluzente e ar apatacado. À noite, lá fora, surpreendeu-os e o ligeiro vento fresco que soprava, fez com que as senhoras estremecessem e andassem depressa.

Francesca de vez em quando, virava a cabeça para trás, procurando ver se era acompanhada, enquanto Paulo e Henriqueta

em silêncio e muito juntos um do outro, continuavam a olhar-se e a andar em cadência.

A Avenida estava ainda cheia de pessoas, apressadas que voltavam para casa, e com as lojas abertas e os cinemas iluminados, ela dava uma impressão de grande vida e de luxo real.

Chegaram finalmente ao lugar onde o automóvel de Henriqueta, com os seus faróis acesos, a esperava.

A italiana depois de uma leve despedida a Paulo e de um rápido olhar circular, penetrou no carro que uma lâmpada interna clareava vivamente e Henriqueta estendeu ao rapaz a mão num gesto de abandono tão absoluto, que pareceu entregar-se toda nesse movimento. Ele curvou-se e beijou-lha enquanto ela dizia:

— Quando aparece agora que estamos bons amigos?

— Quando mo ordenar — respondeu Paulo, interrogando-lhe os olhos.

— Vá amanhã às três horas, sim? Tomamos juntos uma xícara de chá e o senhor me contará como é que se curou tão depressa de Maria José — murmurou Henriqueta com doce ironia e mantendo nas suas mãos a do rapaz, enquanto esperava a sua resposta.

— Sim — replicou Paulo, audacioso —, contar-lhe-ei isso e muitas outras coisas mais.

E o seu olhar acompanhou com prazer o corpo esbelto de Henriqueta que entrava no carro, deixando ver a linda perna engastada numa longa bota branca.

E depois de novos olhares e de novos sorrisos, a limusine partiu, seguida por outro automóvel, onde se achava o cavalheiro desconhecido da confeitaria.

Paulo, sozinho, mordeu os lábios um pouco fortes, que lhe faziam a boca sensual e própria para os beijos de amor e, com uma grande quentura no coração, tomou o bonde.

XIII

Na Rua D. Marianna, Maria José continuava resplandecente, a gozar a corte do comendador Villarinho, que um belo dia se decidiu a pedi-la em casamento ao pai, que, antes de responder-lhe, teve uma longa conversa com a filha. O pobre chefe de seção mal podia conter as lágrimas, enquanto dizia a Maria José o seu espanto e o seu desagrado por casamento tão desigual, em que não havia amor em nenhuma das partes e somente o desejo no velho e interesse na moça. A filha, empedernida na sua resolução, deixou que o pai falasse, sem que nenhum traço da sua fisionomia se distendesse, e só no fim e diante da angústia do olhar paterno, fixo nela, e como à espera de uma resposta, foi que ela declarou em voz clara e categórica:

— Amor é muito bonito, meu pai, mas quem viver dele morre com certeza. Estou cansada desta vida de privações: preciso de luxo, de gozo e de bem-estar, e sem que, para isso, eu me torça todos os dias, imaginando onde hei de encontrá-los.

— Minha filha — teimava o Sr. Almeida —, tu estás enganada sobre a vida! O luxo, a ambição do mundo, esse *smartismo* imbecil que agora predomina o Rio de Janeiro, nunca fez ninguém feliz, acredita-me! Um dia fartar-te-ás disso tudo, procurarás em torno de ti um companheiro novo e robusto, e só encontrarás um marido velho e gasto. O teu noivo é da minha idade, Maria José, podia ser teu pai! Volta a ti minha filha, e procura um outro homem mais em igualdade com a tua juventude.

Maria José encolheu os ombros, como aborrecida das palavras que ouvia, e depois disse com ironia:

— Meu pai, o tempo do amor e da cabana já passou.

— Estás então decidida a casar-te com o comendador Villarinho, hein? — indagou o pai com um pouco de cólera na voz.

— Decididíssima — respondeu a filha calma e firme.

— Faça-se, então, a tua vontade, já que a minha nada vale para ti. E agora, Maria José, deixa-me dizer-te duas palavras: mais tarde, tu te arrependerás desse ato que vais praticar e que é filho da vida frívola e leviana que tu e tua mãe iniciaram há alguns anos nesta casa, e da qual minha fraqueza tem permitido o desenvolvimento. Não invejo o teu marido: foste má filha, serás má esposa.

— Já acabou, meu pai? — perguntou a rapariga com insolência. — Como presente de núpcias, acho pouco toda essa descompostura.

E, num movimento brusco, saiu do gabinete paterno, batendo a porta.

Depois da partida da filha, o Sr. Almeida permaneceu muito tempo em atitude acabrunhada, com a fronte apoiada nas mãos. Em seguida, ergueu-se, chamou em voz tonitruante e clara a mulher e a sogra e, quando as viu chegar espantadas e curiosas, disse-lhes, sem olhá-las:

— Já sabem que o comendador Villarinho pediu-me ontem, no ministério, a mão de Maria José, não é verdade?

Diante do silêncio que lhe respondia, ele levantou os olhos e verificou que D. Anninha, muito pálida, encostava-se à parede, com ar doloroso, enquanto a mulher, embaraçada e confusa, baixava a cabeça, com um todo de culpada.

— Então não esperavam por isso? — indagou o chefe de seção, compreendendo o horror da sogra e dirigindo-se particularmente a ela.

— Eu ignorava tudo isso — respondeu a velhinha, numa voz trêmula e cansada —, mas, não me admiro de mais nada! Maria — acrescentou ela, virando-se para a Sra. Almeida —, tu não vais permitir, estou certa, que se confirme um fato tão revoltante, hein?

— Que posso eu contra Maria José? — disse a filha, sacudindo os ombros, num gesto de impotência. — Ela diz que quer casar-se com ele, que é um bom e generoso homem, e assim estará ao abrigo das necessidades. Quando eu lhe falo que o amor é indispensável no casamento, ela me responde com uma risada de sarcasmo. Que posso eu contra ela, minha mãe?

— Agora não podes nada, é verdade, mas podias e não o quiseste. Quantas vezes, não te disse eu que a educação que davas à tua filha era malsã[74] e criminosa — exclamou D. Anninha, num tremor que lhe cortava a respiração. — Diante do teu marido que aqui está e de quem muitas vezes deplorei a fraqueza, acuso-te do que acontece. És a mãe moderna, aquela que cuida do corpo da filha, cobre-o de sedas e de enfeites deixando-lhe a alma em abandono e impelindo-a às exibições contínuas e às procuras ininterrompidas das sensações de luxo. Aí tens agora o resultado. Vais ver tua filha, vender-se por dinheiro a um homem de 55 anos!

— Minha mãe! — gritou Maria Almeida, num tom de exprobração[75], enquanto o marido afundava mais a cabeça nas mãos.

— Tenho ou não tenho razão, minha filha? — continuou a velha, cuja cabeça branca balançava-se no calor das palavras proferidas. — Foi esta a educação que te dei? Vocês dizem: “outros tempos, outros costumes”, mas a moral, a limpeza da alma, a honra, são sempre os mesmos em todos os tempos, em todas as épocas. Onde se viu meninas como as de hoje, andarem o dia inteiro pela rua a mostrarem-se, a exibirem-se, a correrem os cinemas, a imitarem as artistas e a deixarem a casa abandonada e o serviço por fazer? Consideram rebaixamento cuidarem da cozinha, costurarem, empreenderem qualquer trabalho sério. É rua, rua e rua! Assim educaste a tua filha e agora a tens sem senso moral, a querer desposar um velho que podia ser seu pai! Ah! As mães modernas!

E D. Anninha, quase chorando, contemplava a filha dolorosamente como lhe tomando contas do ato da neta!

D. Maria calara-se, sentindo a justeza das observações maternas, mas ainda não vencida de todo. Estava longe de julgar um fato assim tão horrível o casamento da Maria José com um homem rico como o comendador Villarinho, acrescendo ser este ainda forte e sacudido. Entretanto, depois das frases irritadas de D. Anninha, ela dirigiu-se ao marido, num tom seco e desagradável:

— Tu também tens voz no capítulo, meu caro amigo! Se a tua filha se casa com um velho, a culpa não é só minha. Impede-o, se

és capaz. Se eu sou a mãe, tu és o pai.

— Ah! — exclamou o pobre pai tristemente. — Já lhe disse tudo o que era possível dizer-lhe. Ela só teve para mim respostas irônicas e insolentes. Só fará a sua vontade.

— Meus Deus! Meu Deus! — gemeu a sensível avó, deixando-se cair sobre uma cadeira e unindo as mãos que tremiam. — Que vai ser desta menina!? Por que não morri eu antes de presenciar tal união?

— Sossegue, minha mãe — disse o Sr. Almeida, levantando-se e abraçando a boa velhinha com carinho —, talvez a coisa não seja tão feia como nos parece a nós. Deus se apiedará dela!

D. Maria permanecera de pé, olhando a mãe e o marido abraçados, com uma expressão estranha na fisionomia, expressão que oscilava entre a piedade e a soberba.

Depois de um silêncio em que os três se recolheram como analisando bem o que se passava no íntimo de cada um, eles se separaram, não tendo mais nada que dizer uns aos outros.

No dia seguinte, o comendador Villarinho recebeu uma carta seca do Sr. Almeida, concedendo-lhe a mão da filha e, à noite, ele apresentou-se em casa da noiva, munido de um soberbo anel de rubis com brilhantes, que ele próprio lhe colocou no dedo. A atmosfera da sala não era muito amena ao noivo, mas a alegria menineira de Maria José acompanhada de modos faceiros e provocantes, não permitiu que Villarinho percebesse a frieza com que era tratado pelo Sr. Almeida.

Como se estivesse em meados de outubro, o casamento foi marcado para dezembro, indo os noivos, depois para Petrópolis, onde passariam a estação quente e a lua de mel.

A cada projeto do noivo, Maria José rejubilava e lançava um olhar de triunfo ao pai.

Este, tranquilo e frio, parecia desprendido de todo aquele cortejo de alegrias que planava sobre a filha, e, polido, apenas correto, inclinava levemente a cabeça em sinal de aprovação.

D. Maria, pelo contrário, de olhos brilhantes, face corada, ouvia tudo com entusiasmo, partilhando o prazer dos noivos e modificando, com a sua opinião, o programa das festas.

Sentindo-se demais e completamente posto à margem pelos três personagens que acabaram por lhe olvidar a presença, o chefe de seção saiu lentamente da sala e foi ter com a sogra, que, no seu lugar de costume, na sala de jantar, cosia lentamente, com a doce fisionomia tornada severa, e os olhos duros, sob as pálpebras fanadas.

Ouvia ela distintamente os risinhos afetados da neta, as palavras calorosas da filha e o seu coração se contraía por se ver desrespeitada e menosprezada. Sob a sua coroa de cabelos brancos que, em bandós, lhe caiam sobre as faces cortadas de rugas, ela sentia o sangue ferver-lhe no cérebro, sangue ali amontoado pela má circulação da velhice e que lhe deixava o rosto empalidecido e os lábios lívidos.

O Sr. Almeida, compadecido pela expressão desusada dos traços de D. Anninha, sentou-se a seu lado e procurou entabular uma conversa que a acalmasse. Na sala, onde os trastes velhos escureciam à luz fraca da única lâmpada acesa, reinava uma atmosfera triste e desconfortável.

Nem um só vaso com flores alegrava a sordidez manchada do pano da mesa, e nem uma única folhagem espreitava nos cantos desguarnecidos da sala. Somente as cadeiras, algumas esburacadas e descoladas, alinhavam-se pelas paredes ornadas de reles litografias sem moldura e que alfinetes sustentavam. O funcionário público relanceou um olhar desolado em torno de si e abafou um suspiro de melancolia resignada. A boa velhinha, com o seu olhar fixo, e no qual uma chama se acendia, estava, agora, à espera das notícias que adivinhava. Maquinalmente, e constrangido ao sentir-lhe o olhar agudo, o genro se apoderara de um carretel de linha e o manejava, enquanto dizia:

— A coisa está liquidada e todos parecem satisfeitos. Maria José está radiosa e a sua filha também.

D. Anninha deixou cair a costura sobre os joelhos, ergueu as mãos de veias grossas e largas, pingadas de manchas brancas de sardas e sorriu com um ricto[76] esquisito, na boca murcha.

— E você, José, deu a sua permissão para que isso se realize?

— Minha mãe, que quer a senhora que eu faça contra a vontade de duas mulheres? — respondeu o pobre homem desenrolando a linha do carretel, na ânsia de desculpar-se.

— Pois olhe, eu sou mulher e não pactuo com a infâmia desse casamento — exclamou a velha senhora, em tom firme. — Minha neta pode casar-se, que eu me negarei sempre a conhecer-lhe o noivo, a assistir ao casamento e a dirigir-lhe a menor palavra sobre tal fato.

— Mas, como pode ser isso, minha mãe — murmurou o Sr. Almeida, no susto de uma discussão em casa —, se ele há de cá vir jantar várias vezes e aparecer à noite, com mais frequência?

— Não sairei do quarto nesses dias — declarou D. Anninha, mais pálida do que nunca, e encostando-se ao espaldar da cadeira.

Uma pequena nuvem empanara-lhe o olhar e extinguira a chama que, havia pouco, ali brilhava. Com mão trêmula, apertava o velho coração cansado, que uma pontada dolorosa fizera estremecer, e soltava um gemido de sofrimento. Já o Sr. Almeida, angustiado, precipitara-se sobre ela, interrogando-a ansioso e solícito:

— Que é, minha mãe? Sofre? Que sente? Responda, pelo amor de Deus!

— Não é nada, não é nada — dizia D. Anninha, a arfar docemente. — Foi uma pontada! Já passou.

— Beba água, sim? — murmurava o bom homem, servindo-lhe um copo desse líquido, copo que lhe tremia nas mãos nervosas.

A boa velhinha, com os lábios entreabertos, sorvia com dificuldade o ar que lhe faltava, mas, depois da água bebida, serenou pouco a pouco e retomou a sua atitude habitual, embora lhe ficasse no olhar um resto de angústia ressentida.

Na sala, as risadinhas afetadas de Maria José soavam triunfantes, enquanto as frases entusiásticas de D. Maria festejavam as promessas principescas do comendador Villarinho.

D. Anninha não almoçou à mesa comum no dia que se seguiu a essa noite de noivado. A filha fora vê-la em companhia do marido e enquanto este, se mostrava desvelado e sinceramente carinhoso,

pedindo-lhe que consultasse um médico, pedido que a velha recusava, no seu horror por esta espécie de gente, D. Maria acanhada e receosa, mal ousava fitar os claros olhos da mãe, onde ela lia distintamente a desolação e a justa dor pela ofensa recebida.

Maria José, ao saber pela mãe da indisposição da avó e da causa a que ela a atribuía, fechou o rosto de irritação, e exclamou em tom seco e grosseiro:

— Então não vou visitá-la. Não acha isso melhor, mamãe? Estou farta de sermões e de caras amarradas a meu lado.

D. Maria estremeceu ouvindo a filha, mas nada lhe aconselhou, no susto de uma insolência desta para com a velha avó. Também, Maria José mal acabou de almoçar, saiu da sala cantando e dirigiu-se para o quarto, de onde saiu uma hora depois, pronta para sair.

Zelia, com quem fizera as pazes, na necessidade que tinha da sua companhia apareceu logo no portão e as duas moças satisfeitas, inconscientes, sem uma só ideia séria na cabeça vazia ou unicamente cheia de frivolidades que muitas vezes chegavam às raias da maldade, tomaram o bonde, calçando as luvas.

D. Maria, sozinha em casa, foi sentar-se na cabeceira da mãe que à sua aparição fechou os olhos, fingindo dormir.

XIV

Henriqueta com os cabelos em desordem e envolvida num leve penhoar branco, passou a noite que se seguiu ao seu encontro com Paulo, num êxtase sensual, que a fez deitar-se desfalecida no divã, com ligeiros calafrios a correrem-lhe pela pele bem tratada. Feliz e lânguida, ela evocava o olhar do rapaz, cuja lembrança a queimava como se uma chama se acendesse dentro dela e de olhos cerrados e lábios unidos, ela o chamava como se ele ali estivesse e pudesse ouvi-la.

O marido julgou-a doente e, depois de um desdenhoso encolher de ombros, acendeu um charuto e saiu, batendo a porta com força. No silêncio da casa, Henriqueta pode então mais facilmente entregar-se ao delírio de amor, que, como uma moléstia repentina, a empolgava e a vencia, fazendo-a esquecer projetos de vida futura, ânsias de luxo e satisfações de vaidade. Ah! Seu único desejo era tê-lo ali junto dela, naquela salinha toda murada de cortinas escuras sob a luz doce da lâmpada velada e embriagar-se com o sabor dos seus beijos e com o enlace robusto dos seus braços de homem! Sim, ela não almejava mais nada senão ser amada por ele e o único triunfo que ambicionava agora, era o de imperar sobre o seu coração e sobre os seus sentidos de tal modo, que ele só visse a ela no mundo, com o seu corpo branco como a neve, sobre o qual dançassem as ondas ardentes dos seus cabelos de fogo.

As horas, uma após outras, soaram na pequena pêndula, que duas ninfas sustentavam nos seus braços e a moça, como embriagada por uma bebida estranha, permanecia alongada no sofá, saboreando com lassidão ou anseio, aquelas sensações novas que lhe enchiam o cérebro até então frívolo e deturpado.

Subitamente, um espanto a fazia abrir os olhos, erguer um pouco a cabeça e interrogar as paredes do aposento. Como era possível, que fosse ela aquela criatura ébria de desejo que ali

estava debaixo daquele teto, a mesma que em tantas ocasiões se vira rir e motejar das coisas de sentimento! "Oh! Os homens! Os homens!" exclamara ela muitas vezes, alargando os braços num gesto de desprezo, e encrespando os lábios num muxoxo de repugnância. E agora, a lembrança de um homem, moreno, forte e de largos olhos velados de cílios longos, a mantinha ali em ideia fixa, numa convulsão que lhe torcia o corpo, numa obsessão que lhe torcia a alma.

— É praga isso! — murmurava Henriqueta, revolvendo-se nas almofadas e falando em alta voz para recuperar o sangue-frio.

E os minutos corriam uns atrás dos outros, sem que no seu pensamento adormecesse um minuto a lembrança de Paulo, inclinado para ela e pondo ao alcance da sua boca, os seus lábios vermelhos e um pouco grossos, que atraiam os beijos como a polpuda e vermelha rosa atrai o beija-flor. Quando o marido voltou à meia-noite encontrou-a na mesma posição e pela primeira vez passou pela mente daquele homem ultracivilizado, a ideia de que talvez a mulher tivesse outra coisa, que não moléstia.

Depois de fazer-lhe algumas perguntas às quais ela respondeu em voz displicente e adormecida, ele a viu erguer-se e desaparecer atrás da cortina suspensa, num passo trôpego e cambaleante de sonâmbula.

E durante toda a noite, a imagem de Paulo povoou-lhe os sonhos que a faziam remexer-se no leito, numa ansiedade irrequieta que lhe deixou pela manhã os membros quebrantados como depois de uma noite de febre. O desejo, como uma infecção súbita, atacara o seu organismo lasso de sensações de vaidade e de enlaces interesseiros e sem amor.

Eram três horas e na mesma salinha da véspera, flores claras desfolhavam-se nos vasos transparentes, aromatizando o ambiente do capitoso perfume, que as flores exalam quando encerradas num aposento fechado e sombrio. E nessa mescla de aromas elas lembram o amor, evocando também a morte e enchendo assim a alma dos que as respiram de um misterioso terror e de uma doce ânsia.

Henriqueta com as pálpebras pesadas, sobre os olhos acinzentados que o langor[77] tornavam suaves, esperava Paulo, num simples vestido branco que umas flores na cinta avivava.

O seu olhar ia constantemente do relógio entre as duas ninfas à mesa do chá onde as xícaras de prata reluziam na meia escuridão da sala. Sentada e encostada nas almofadas do sofá, onde passara recolhida e à espera dessa chegada que lhe parecia grave, ela sentia de antemão arfar-lhe o peito e tremerem-lhe as mãos que seguravam um livro. Antes de sair, o marido viera falar-lhe, mas vendo-a muda e com a fisionomia fechada, retirara-se depois de a mirar algum tempo com um pesado olhar de ironia, que ela nem percebeu.

Agora passos fortes, mas abafados pelo tapete, fazem-se ouvir e Paulo precedido pelo criado, entra na sala e se dirige um pouco tímido para a nuvem branca, pousada sobre o sofá escuro.

Henriqueta quer erguer-se, mas o tremor que lhe faz dançar as pernas, impedem-na, e ela contenta-se em entregar ao rapaz a mão esfriada no mesmo gesto da noite passada e a indicar-lhe um lugar a seu lado.

E quase não falam, enlevados pelo silêncio cúmplice da salinha perfumada e afogados naquela sombra que parecia isolá-los do resto do mundo.

Mas olham-se e esses olhares dizem tudo o que se passara neles durante essas horas de separação; a esperança ardente que lhes enche a alma e o desejo cruciante que lhes morde o corpo.

A mão de Henriqueta como atraída por qualquer imã invisível, cai sobre a mão de Paulo e é aprisionada por ele que a cobre de beijos.

E rosto quase sobre rosto, hálitos confundidos e mãos unidas, eles falam agora enquanto a moça mais intrépida, conta a Paulo a sua noite sozinha naquela mesma sala e sobre aquele mesmo divã, onde agora estão sentados, a pensar nele, só nele, sempre nele!

— Não imagina, Paulo — dizia ela corando um pouco ao dizer-lhe o nome — como eu pensei em... você! Chega até a ser desaforo pensar-se assim tanto num homem! E o senhor? Aposto que o meu

automóvel ainda não tinha desaparecido na curva da Avenida e já a minha imagem estava longe do seu pensamento, não?

— Por que é má assim? — respondia-lhe o rapaz, com as duas mãos dela entre as suas e fitando-a tão de perto, que lhe sentia o resfolegar ardente. — Sabe muito bem que passei a noite toda a evocar a sua imagem e a esperar pelo dia de hoje, não? E a mesma ânsia passava do olhar dele ao olhar dela, numa comunhão de sensações, que os tornava palpitantes dos mesmos tremores, dos mesmos calafrios e até dos mesmos movimentos. A moça coquete deixara tombar a cabeça sobre a almofada do espaldar e seus cabelos de fogo irradiavam luz e quentura enquanto a sua boca rubra e úmida colava-se e descolava-se na sofreguidão de um desejo insaciado.

Um minuto estiveram assim; ela derreada sobre a almofada com o seu claro rosto ainda mais claro da volúpia ressentida, ele virado para ela e com os olhos tão fixos nos seus olhos, que os cílios de Henriqueta tremiam como para defendê-los. Depois, houve um suspiro abafado e os lábios de ambos se uniram como se incrustassem uns nos outros e Paulo, num movimento enérgico e másculo, chamou a si o busto da moça, cuja cabeça tombou-lhe sobre o ombro. E os beijos choviam, entre palavras sussurradas, frases inacabadas, e suspiros que eram gemidos...

As flores que ornavam a cinta de Henriqueta desfolharam-se, juncando[78] o tapete de pétalas rosadas que lembravam conchinhas e o seu vestido branco tinha as rendas amarrotadas... Prisioneira dos braços do rapaz, ela se deixava beijar murmurando somente em voz enlanguescida que parecia não ter força senão para balbuciar a exclamação: "Meu amor! meu amor!" E ele despótico, violento, quase brutal, apertava-a contra o peito, desmanchando-lhe o cabelo flamejante e mordendo-lhe a boca que parecia uma fruta.

O silêncio, um silêncio absoluto e pesado, impelia-os a uma vertigem mais completa quando a moça, desvencilhando-se do enlace do mancebo, disse-lhe em tom de prece e tratando-o pela primeira vez por "tu":

— Sossega. Bem vês que ainda hoje precisamos ter juízo. Amanhã... — acrescentou ela, respondendo a um olhar incendiário do rapaz.

— E para que deixar para amanhã o que pode ser hoje? — perguntou Paulo, prendendo-a de novo nos braços nervosos e apertando-a contra si.

— Não sejas apressado — murmurou Henriqueta, fugindo-lhe e pondo-se em pé no meio da sala. Estava afogueada, com os cabelos em desordem, os olhos pisados e a boca quase sangrenta dos beijos continuados que findavam em mordidelas. Toda ela respirava vida, ardor e volúpia. Paulo não se pode conter e, correndo-lhe atrás, enlaçou-a pela cinta e uniu-se a ela num enlace tão estreito que os fez um só. Depois, ela, vencida, caiu-lhe como desmaiada ao colo e ele, erguendo-a e agarrando-a como uma presa, estendeu-a sobre o divã estofado cujas molas rangeram.

Na salinha perfumada, tudo é silêncio, tudo é sombra. Só as flores continuam a desfolhar-se, deixando tombar de quando em quando as suas pétalas com um ruído suave e espaçado, trescalando ao morrer aroma mais forte e mais um ardente.

Henriqueta e Paulo, mais pálidos e mais lassos, despedem-se com um último beijo, em que as bocas como fatigadas se juntam mais do que se apertam.

O crepúsculo, cinzento e frio, invade o céu, onde já uma estrela luz...

Quando Luiz de Nerval voltou para o jantar, trazia em sua companhia Alonso, que muito contente, ocultava sob um papel de seda, as mais formosas camélias que encontrara a fim de oferecê-las a Henriqueta, que, entretanto, negou-se a aparecer, declarando-se enferma.

Os dois homens jantaram sozinhos, mas a cada instante, o olhar de um e de outro, fuzilava em direção ao quarto da moça, que, caída sobre os travesseiros, relembrava as cenas com Paulo, suspirando de gozo e de saudade.

SEGUNDA PARTE

I

O mês de dezembro fez a sua entrada inundando de excessivo calor a cidade do Rio, que, sob a chama vermelha que lhe enviava o sol impiedoso, sentia amolecer-lhe o asfalto, murchar-lhe as flores dos jardins e ressecar-lhe a grama dos *squares*[79]. O céu de um azul forte e anilado estendia-se como uma ardente coberta de zinco, sobre a qual um forno se tivesse acendido. Na rua, os homens rubros e suados, de rostos congestos, andavam rápidos, enxugando continuamente no lenço mais ou menos limpo, o suor que lhes corria pelas faces abaixo. As senhoras, quase todas de branco, com a carne à vista sob a transparência da blusa fina, pareciam menos formosas com o pó de arroz empastado de suor, o desbotado do ruge e os cabelos desfrisados pela transpiração exagerada.

Hortencia, dentro da sua casinha enterrada na verdura de Santa Teresa, sentia menos calor do que os que habitavam nas ruas centrais da cidade. Sempre melancólica, ela deixava-se ir pela vida afora como uma pedra solta, que os declives do caminho empurram ou retêm. Mal via agora Jorge, que, também triste e grave, enviava-lhe simplesmente, ao cumprimentá-la, um meigo olhar em que um rápido brilho fuzilava. D. Luiza, porém, como adivinhando o que entre os dois se passara, vinha mais vezes visitar a linda abandonada, falando-lhe pouco do filho, mas em compensação, rodeando-a de uma afeição profunda e sincera.

Horas e horas, as duas senhoras, com Joãozinho entre elas, cosiam, conversando sobre mil assuntos, e a doce e lenta voz de Hortencia, como quebrada por uma tristeza invencível, erguia-se menos vezes do que a da mãe de Jorge. De quando em quando, o olhar amorável da velha senhora pousava-se sobre a cabeça da jovem, inclinada sobre a costura, e uma grande piedade se lia nesse olhar demorado que envolvia Hortencia numa aureola de admiração.

Havia dias em que Hortencia, mais nervosa e menos resignada, tinha na face um reflexo de revolta e a sua voz vibrava então em frases soltas, ásperas, *saccadées*[80]. D. Luiza, compreendendo a rebeldia daquela alma, a dor que a avassalava, mostrava-se mais maternalmente boa, menos reservada do seu passado e do seu presente, falando mais de si e sobretudo do filho, que ela retratava sempre caritativo e indulgente às aflições e fraquezas do mundo. Ouvir falar em Jorge, no seu amado, cuja lembrança, como um incêndio teimoso lavrava continuamente dentro do seu coração, acalmava a moça ungindo-lhe o seio de um bálsamo consolador. Mas dias, e sobretudo noites, havia em que Hortencia sentia-se tão indignada com o destino, que tão duramente a maltratava, que fugia de casa, logo pela manhã, errava por Santa Teresa toda, refugiando-se no Silvestre, onde a mata sombria e densa parecia-lhe protetora e calmante.

Em casa, onde pouca gente a procurava, ela dava a impressão de ser sempre a mesma, embora mais triste, mais calada, mais linda. As raras amigas que a visitavam, vendo-a serena e complacente, esqueciam a sua esquerda situação de mulher desprezada pelo marido, o isolamento da sua mocidade em flor e o possível estiolamento[81] de uma beleza moça nunca bafejada[82].

Uma tarde ardente, em que grossas nuvens escuras amontoadas no horizonte pressagiavam a chuva mitigadora do calor que todo o dia sufocara os habitantes do Rio, Hortencia foi surpreendida por um ruído próximo de automóvel e ainda mais, pela aparição, no portãozinho verde da sua casa, de Henriqueta de Nerval, muito elegante no seu claro vestido de linho branco, que as rendas grossas, mas transparentes, deixavam perceber a pele rosada e unida.

— Julgava-te já em Petrópolis — gritou Hortencia, correndo-lhe ao encontro.

— Qual, filha, não fui, nem sei quando irei — respondeu Henriqueta.

— Por quê? Alguma novidade na tua casa? — perguntou Hortencia fazendo entrar a amiga instalando-a numa cadeira

cômoda.

— Não, nenhuma — disse a senhora de Nerval, lentamente, tirando o pequeno chapéu que um longo véu atava debaixo do queixo e colocando-o sobre a mesa. — Mas que calor, hein? Parece que vamos ter trovoada, acrescentou ela, mirando as grossas nuvens que, unindo-se umas às outras, tapavam um largo espaço de horizonte, sombreando toda a natureza.

— E por que não foste tu ainda para Petrópolis? — indagou com curiosidade Hortencia, fitando a amiga. — Com todo esse calor, é incompreensível!

— Ah! Querida! Se soubesse o que me acontece? — disse repentinamente Henriqueta, inclinando-se para a amiga e tomando entre as suas as mãos dela que se sentara na sua frente.

— Estou loucamente apaixonada por um homem, loucamente!

Hortencia retirara instintivamente as suas mãos das de Henriqueta e toda a sua fisionomia se contraiu e se fechou de desgosto.

A amiga, porém, não pareceu perceber essa transformação e, como em êxtase, começou a falar:

— Deixa-me conversar contigo, como outrora o fazia no colégio, sim? Estou cansada da vida que levo, sem amigos sinceros, sem outra companhia senão a do meu marido, um sujo explorador da minha mocidade e dos meus encantos. Sim, Hortencia não me repilas tu e ouve-me. Posso contar com a tua indulgência e com a tua afeição?

Falando assim, Henriqueta parecia uma outra mulher, tanta doçura, tanta sinceridade se lia no seu olhar glauco, que talvez uma lágrima umedecesse.

A jovem abandonada teve dó dela e estendendo-lhe de novo a destra, disse-lhe simples e suavemente:

— Fala.

— Tu não imaginas na tua pureza e na tua modéstia o que tem sido a minha existência! Revoltada pelo tratamento de D. Marianna, que o satanás tenha nas suas garras, eu me casei com Luiz sem amor e sem respeito nenhum por ele e somente para me safar daquela casa maldita. Ah! Filha! Mudei simplesmente de proprietário

e nada mais! Luiz, que é um homem sem escrúpulos e sem honra, principiou logo a encarregar-me de lhe arranjar os seus próprios negócios, de adoçar os seus credores impacientes, de percorrer escritórios de pessoas influentes, a entrar enfim com a minha soma de energia e de trabalho para a casa. Depois, isso não lhe bastando, ele... Mas para que apoiar mais na chaga que agora eu sinto arder e sangrar dentro de mim? Tu me compreendes, não?

Hortencia, embora repugnada, abaixou a cabeça num gesto afirmativo, mas o seu olhar puro e misericordioso continuou fito na amiga.

— Há muito que esta vida me pesa. Eu não sou uma mulher como tu, resignada, boa, santa, não; eu não sou assim! Mas, ultimamente, talvez *blasée* [83] desse luxo, dessas pompas, aos quais eu me sacrifiquei tanto, meu marido me inspira uma aversão indomável. Esse amigo argentino, o derradeiro da série que ele impõe, é um sujeito tão cínico e tão audacioso que eu tenho tido muitas vezes ânsias de lhe cravar uma faca no coração. Nem te posso dar uma ideia das arbitrariedades que este gringo tem praticado para comigo! Estava já firmemente decidida a despedi-lo, quando outro dia, depois de muitos outros passados, encerrada no meu quarto a desesperar-me, encontrei um homem que me inspirou um sentimento tão forte, que me tens aqui arrependida de toda a minha vida, como uma nova Madalena.

— E quem é esse homem? — perguntou Hortencia num tremor de apaixonada que julga todos subjugados ao eleito do seu coração.

— É Paulo de Araujo, o ex-noivo de Maria José d'Almeida. Não o conheces? Oh! Hortencia, como eu o amo! Como eu o adoro! Somos amantes há dois meses já e eu não me sacio de vê-lo, nem de ouvi-lo! — gritou Henriqueta com triunfo e com rosto transfigurado de paixão.

— E teu marido?! — exclamou Hortencia com acento de terror. — Que diz ele a isso?

— Por enquanto, ele ainda não me disse nada, mas eu sinto pelo seu olhar mau e falso, que a tempestade não vem longe. Mas estou decidida a não me deixar mais explorar, haja o que houver!

— E teus filhos, Henriqueta? — exclamou de novo Hortencia, tristemente desta vez.

— Ah! Hortencia! Pelo amor de Deus, não me fales dos meus filhos! Paulo fez-me compreender que uma boa mãe não age como eu e agora, para satisfazê-lo eu vivo rodeada e ocupada de Alvaro e de Lucia. E verifiquei que estas crianças me adoravam de longe, como se eu fosse uma Nossa Senhora. Como eles me beijam agora e como eles me falam das tristezas que experimentavam por estar distante de mim. Tenho até muitas vezes vontade de chorar, ouvindo-os!

— E qual é a opinião de teu marido desta tua transformação? — perguntou a namorada de Jorge.

— Ignoro porque ele ainda nada disse, mas quando chega e me encontra na salinha com os meus filhos, agarrados a mim, sorri de tal maneira, que as crianças tremem e eu sinto um calafrio passar-me pela espinha. Ah! Coitado dele, se faz alguma a Paulo!

— Imaginas que ele sabe do teu amor?

— Aquele homem sabe tudo e quando não sabe, adivinha. Pedi-lhe que dissesse ao Alonso, que estava doente e que por alguns tempos, não poderia recebê-lo. Ele nada me respondeu, mas no dia seguinte, encontrei no meu guardanapo, à hora do jantar a conta do Palais Royal, que sobe a dois contos de réis e que não sei como pagar.

— Coitada de ti, Henriqueta — disse Hortencia apertando com força a mão da amiga — Que pretendes fazer?

— Ah! Nem sei! Somente, como um clarão, o amor que tenho a Paulo, ilumina todo o meu ser e eu não sei pensar senão nele, nem agir senão por ele. Vivo tão absorvida...

— Entretanto, essa situação não se pode prolongar e eu tenho medo que te aconteça alguma coisa.

— Sim, eu também. Mas com tanto que não me afastem de Paulo, o resto me importa pouco. Ah! Sim, há os meus pobres filhos.

— Meus Deus! — exclamou Hortencia juntando as mãos e erguendo os olhos ao teto — Como é difícil a vida e como o amor é uma cruz penosa para nós, mulheres fracas e abandonadas!

— Não digas isso, Hortencia — murmurou Henriqueta juntando também as mãos como se rezasse. — O amor foi para mim a redenção, o alvoroço de sentimentos ignorados, o acordar da minha consciência e da minha personalidade de mulher! Sou venturosa, acredita-me! Era impossível que eu passasse toda uma existência vendida, como uma escrava branca e a servir aos interesses de um homem como o meu marido, hein?

— Talvez te tivesses remido por uma coisa menos perigosa do que essa paixão, coisa que pudesse alegar de cabeça alta e com orgulho. Por teus filhos, por exemplo — disse Hortencia meigamente.

— Ah! Filha! Eu não sou uma santa, já te disse! Tenho sofrido muito neste mundo e se a dor te santificou a ti, a mim, ela me endureceu o coração! Era preciso para que eu visse bem o lodaçal em que me afundava, a luz refulgente do amor, da paixão...

— Mas agora, que vai ser de ti? Este Paulo, que eu mal conheço, é ele um homem para te proteger, para te guardar? — indagou Hortencia com lágrimas nos olhos.

— Não sei, porque eu também o conheço mal e nunca lhe faria uma tal pergunta. O que eu sei, é que o adoro, que a sua presença me é necessária como o ar para os meus pulmões e que para sentir um dos seus beijos, eu vou ao fim do mundo se for preciso!

— Como estás louca, filha!

— Louca, bêbada, se quiseres. Um desses dias digo tudo isso ao Luiz e com certeza, ele me põe na rua ou me mata! — Não sou eu um sócio que foge?

— Que vai ser de ti, meu Deus!

— Não sei, nem quero saber. Vim aqui também para te dizer que se alguma coisa me acontecer, tu olhes para os meus filhos como se eles fossem teus, ouviste?

— Mas que tolice, Henriqueta! Tu te defenderás e viverás para os teus filhos, estou certa!... Uma mãe não tem o direito de se expor assim! Volta à razão!

— É muito tarde, Hortencia. Toda essa gente, que depois do suicídio do meu pai, me tem rodeado, só me tem explorado o corpo

e estragado a alma. E vou-me embora porque a chuva não tarda. Adeus, minha querida, dar-te-ei notícias minhas.

— Não, não vás já. Espera! Ah! Meu Deus! Que posso eu fazer por ti! Gritou Hortencia, prendendo a amiga pelas mãos.

— Podes muito, prometendo e cumprindo a tua promessa. E depois quem sabe? Talvez Luiz se resigne e me deixe em paz... Diminuiremos esse maldito luxo e viveremos mais sossegados.

E Henriqueta, depois de amarrar o longo véu que lhe sustinha o chapéu, ergueu-se e abraçou a amiga, que de braços caídos ao longo do corpo, e rosto entristecido, parecia a estátua da expectativa desolada.

Joãozinho, na sua alva roupa de marinheiro, entrava na sala, curioso para ver quem era aquela visita que tanto tempo demorava a mãe longe dele.

A senhora de Nerval lançou-lhe um rápido olhar que se perturbou com a recordação daqueles que ela deixara em casa e, num grande ruído de saias tufadas, despediu-se apressadamente da amiga e saiu.

Hortencia, no portão, com o filhinho apertado contra si, viu o automóvel descer a ladeira e sumir-se numa curva. Quando volveu o olhar avistou o médico, que vagaroso, saia de casa e, que ao vê-la, tirou-lhe o chapéu num grande gesto de adoração e respeito. Um doloroso aperto de coração fê-la respirar com força enquanto respondia à saudação, mas grossas gotas de chuva principiaram a cair e a moça teve de correr abraçada com Joãozinho, para que ambos não se molhassem.

E ela pensava em como Jorge tivera razão, quando por aquela noite chuvosa, fugira dos seus braços ardentes e inconscientemente levianos!

Ah! O amor pecador, aquele que se oculta e teme os olhares e o julgamento dos outros, não condizia bem com a pureza do seu corpo nem com a retidão do seu caráter. Àquela hora, em que acabava de acotovelar uma alma desgarrada pela ambição do luxo e mal remida por um amor igualmente criminoso, e no qual não encontrava alívio nem doçura, mas sim a embriaguez perturbadora que produzem os venenos fortes e nocivos, Hortencia compreendia

o valor e a energia do homem que adorava e cujo amor a santificava e a enobrecia como um viático[84]!

Ainda trêmula e palpitante pela visão de Jorge que lhe enchera os olhos e o cérebro, ela se deixou cair sobre uma cadeira e se sentiu invadida por uma imensa esperança, que, como um bálsamo doce e oleoso, banhava-lhe toda a alma e se infundia por todas as suas fibras sensibilizadas e doloridas.

II

Mais pálida e mais curvada, D. Anninha levantara-se da cama e retomara o seu lugar à mesa comum. Diante do rosto severo e como esculpido em mármore da avó, a própria Maria José se sentia pouco à vontade e deplorava a distância que a separava do dia do casamento, dia em que se libertaria para sempre daquela recriminação muda e irritante.

Nas tardes em que o comendador Villarinho tomava parte no jantar e sentado ao lado da noiva, expandia-se em projetos e em ardentes declarações de amor, a boa velhinha permanecia no seu quarto, na sua cadeira junto à janela, onde em latas e potes, malvas e amores perfeitos desabrochavam graças aos seus cuidados infatigáveis. De lá ela ouvia, com calafrios de horror, a voz grossa do noivo alternando com a aguda da neta, sempre entremeada de risinhos piegas e afetados. Muitas vezes, uma frase pronunciada em tom sério e melancólico pelo genro, feria-lhe o ouvido e ela balançava então lentamente a cabeça de largos bandós brancos. Mas o que lhe tirava chispas do olhar e fazia-lhe subir ondas de sangue às faces riscadas de rugas era quando a filha falava. O som vitorioso, estridente, dessa voz ecoava até ela como a fanfarra gloriosa de um clarim de guerra, e irritava-a a ponto de fazê-la levar a mão ao coração doente, como se a ferisse naquele ponto.

Depois do jantar, o Sr. Almeida vinha sempre vê-la e aterrava-o a palidez macerada daquele rosto de velha, onde só os cabelos em molduras, brilhavam como fios de prata.

À noite, no leito conjugal, dizia-o à esposa, que, em tom brusco, pedia-lhe que deixasse as más notícias para a luz do dia e não lhe tirasse com elas o sono. Todavia, os preparativos para o casamento, faziam-se com presteza e Maria José, sempre acompanhada de Zelia, corria as lojas, amaldiçoando o pouco dinheiro que o pai lhe dera para o enxoval, dinheiro, que custara ao pobre homem uma

longa série de aborrecimentos e humilhações. Mais fútil e mais insolente ainda do que no passado, ela ostentava agora, com todos, um ar de superioridade e de arrogância irritantes. Uma tarde, em que as duas raparigas saíam de um cinema, onde tinham ido para dissipar o mau humor de Maria José, colérica, pela falta de dinheiro necessário à satisfação de um capricho caro, esbarraram com Paulo de Araújo acompanhado de Henriqueta de Nerval, que também abandonavam o mesmo espetáculo. Vinham muito juntos, o braço dela apoiado negligentemente no braço dele e conversando em voz baixa e íntima. Paulo, avistando a ex-noiva, quis desembaraçar-se de Henriqueta que, lhe vendo o gesto, olhou em torno de si, dando quase de cara com Maria José, e esta, sem sequer saudá-la, riu-se com sarcasmo e murmurou bem alto para Zelia espantada:

— Ah! Ah! Olha quem come os meus restos. Parabéns!

A Sra. de Nerval sentia o rosto queimar-lhe como se tivesse recebido uma bofetada, mas, retomando o sangue frio, apoderou-se com autoridade do braço de Paulo e aconchegando-se toda a ele, com um sorriso de cumplicidade nos lábios trêmulos, saiu do cinema, deixando atrás de si uma inimiga perigosa e cruel.

— Viste? Viste? — perguntava esta a Zelia que nada compreendera à cena que se passara diante dos seus olhos.

— Não era a tua amiga, Henriqueta de Nerval? Que linda mulher, hein?

— Linda, o quê? É amante de Paulo estou certa! Que grande sem vergonha! E ele? Não o percebeste?

— Não. Ele estava lá? Só avistei a Henriqueta. Que lindos brincos e que bonita cor de cabelos!

— Tudo aquilo é pintura, minha cara? Mas que desaforo! Em pleno cinema! Que cães! — gritava Maria José com raiva.

— Olha filha — disse Zelia, que gostava às vezes de zangar a amiga —, o Paulo tem bom gosto, a criatura é esplêndida! Deve ser uma amante adorável!

— Bonitas palavras para uma moça solteira! — exclamou a ex-namorada de Paulo, cada vez mais enraivecida. — Não tens vergonha de dizer tais coisas?

— Não, Maria José, não — respondeu Zelia, com falsa humildade —, não, porque tu também as dizes. O que tu estás é danada, por te veres tão bem-sucedida! Sossega! Sê superior rapariga!

— Tu me estás aborrecendo e tão cedo não saio contigo — disse Maria José, mordendo beiços.

— Como quiseres! — e Zelia ofendida andou mais depressa.

— Olha, Zelia, não andes assim com tanta rapidez. Podem imaginar que vais buscar o ladrão do teu irmão — gritou Maria José, radiosa por ter achado com que se vingar da amiga.

Esta não se virou, mas nos seus olhos pequenos e apertados, passou uma nuvem de sofrimento que foi logo substituída por uma chama de ódio. Maria José, sempre no seu passo, curto e bamboleante, subiu para o bonde e sentou-se ao lado da companheira, fazendo ambas a viagem sem trocarem uma só palavra.

Trêmula e nervosa sob o ultrage do olhar e das palavras de Maria José, Henriqueta de Nerval sentia dentro dela uma grande irritação em que havia lágrimas. Notara em Paulo um covarde medo de escândalo e não estranhou a pressa com que ele se despediu dela, logo que a depôs no luxuoso automóvel que a esperava. Um pequeno rancor, mordia-lhe agora a alma enamorada e uma dúvida surgia sobre a violência da paixão que inspirava ao amante. Melancólica e apreensiva, ela chegou em casa com o coração boiando em lágrimas e o corpo alquebrado como se tivesse repentinamente adoecido. Com um olhar irônico e mau, o marido a recebeu e lhe estendeu a mão fria e suada para a saudar. No céu sem nuvens, a estrela da tarde cintilava como um monstruoso diamante...

A boa D. Anninha, depois de uma nova sufocação, voltara para o leito e a conselho do médico chamado para vê-la e que diagnosticara uma antiga e perigosa dilatação na aorta, ela se conservou em repouso. Quase sempre estava só, porque a filha notando a repulsa e a contrariedade da mãe, quando ela entrava no

quarto, evitava de lá ir, embora um grande remorso principiasse a morder-lhe o espírito.

Maria José indagava às vezes pela manhã da saúde da avó e, um dia por outro, ia ao quarto vê-la. Esta recebia-a serena, respondendo com secura e brevidade às perguntas feitas indolentemente pela neta, desejosa de abreviar aquela visita que tanto a aborrecia.

Cada dia, porém, a velha recebia com um prazer mais triste a visita do genro que carinhoso e meigo, sentava-se à beira da sua cama e lhe contava lentamente as notícias do dia, interrogando-lhe com ansiedade o rosto emurchecido e cor de cera. A velha senhora, entretanto, não melhorava e as sufocações sucediam-se umas às outras com mais frequência, deixando-a cada dia mais lívida e com sulcos roxos nas faces deprimidas. Tinha agora os pés muito inchados e as pernas como adormentadas. O Sr. Almeida quando a vinha visitar, notava com pasmo a indiferença com que ela ouvia a narração dos acontecimentos que ele lhe descrevia, carregando nas cores dos mais banais, a fim de despertá-la daquele letargo em que jazia. Mesmo a presença da filha no seu quarto de janelas sempre largamente abertas, deixava-a agora tranquila e como esquecida do seu vivo rancor.

Consultado, o médico abanava a cabeça, fitava o teto com ar sombrio e retirava-se deixando sobre a mesa uma nova lista de remédios, escrita em hieróglifos incompreensíveis.

Só Maria José, na ânsia da espera pelas liberdades do casamento, mostrava-se alheia à moléstia da avó, continuando na sua vida de frivolidades, de exibição e de egoísmo repulsivo.

O seu enxoval preocupava-a extremamente e os *dessous*[85] transparentes e ricos, tornaram-se o seu mais caro e mais sério objetivo. Não havia tecido por mais fino que fosse, que lhe satisfizesse a ambição e vivia com a mão espalmada debaixo dos *nainsooks*[86] ou das gazes, a julgar-lhes da finura, não as achando nunca assaz vaporosas nem bastante leves.

Depois que se zangara com Zelia, saía só, corria os magazines, discutia com os caixeiros num estouvamento e numa leviandade

indescritíveis. D. Maria, ocupada com a mãe abandonou um pouco da filha, lamentando, porém, no seu íntimo a insolência e a vaidade desta, que agora aumentara a ponto de ofuscá-la e melindrá-la, a ela própria.

Muitas vezes obrigada a deixá-la só com o noivo, na sala, para correr ao quarto de D. Anninha, ela os encontrara tão juntos e tão vermelhos, que uma pequena vergonha, acompanhada de susto, a invadia. Nas horas longas da noite, na vigília ao lado da mãe arfando forte, mas sempre com o seu rosto sereno e imóvel de estatua, ela pensara muito e se julgara com severidade. Como uma cortina que se rasga e deixa ver repentinamente o que se passa atrás dela, D. Maria via agora a inutilidade da sua vida, nesses últimos anos, a criminosa educação que dera à filha, os sacrifícios e as humilhações que impusera ao marido.

Pelas janelas escancaradas continuamente, ela avistava, às misteriosas horas da noite, o céu escuro onde estrelas faiscavam e um temor lhe vinha daquela imensidade que a contemplava e que parecia julgá-la.

Um dia, a morte viria a ela como vinha agora à mãe e sentia que não teria para recebê-la, aquela impassibilidade, aquela serenidade, que só uma vida pura, uma existência sem remorsos, sem arrependimentos proporciona. Deve ser atroz, pensava ela, o momento, em que se percebendo a aproximação do fim, a criatura faz inconscientemente um rápido exame do bem ou do mal que praticou no mundo e compreende que a sua existência não foi senão uma série de atos errados, prejudiciais, muitas vezes criminosos, que não lhe deram a felicidade mas que, entretanto, causaram a infelicidade de outrem.

E à cabeceira da mãe, a filha soluçava, agora implorando a misericórdia de Deus, não para a doente que dela não necessitava, mas para si mesma, desventurada e pecadora criatura que, como uma mulher sem senso, se deixara levar pelas incitações de uma vaidade imbecil e perniciosa.

Uma noite, em que ela pensava assim, envolvida no silêncio e na meia obscuridade do quarto materno, mal iluminado por uma pequena lamparina bruxuleante, achou-se tão mesquinha, tão

culpada como filha, como esposa e como mãe, que o coração lhe bateu forte, como acompanhando-lhe os pensamentos febris e desordenados, que lhe martelavam o cérebro sobre-excitado.

Num temor ergueu-se subitamente da cadeira que rangeu e correu a debruçar-se no peitoril da janela, entre os potes e as latas de malva e amor-perfeito. A brisa fresca da noite refrescou-lhe a fronte ardente e acalmou um pouco a trepidação do seu organismo, que a ideia da morte amedrontava.

A natureza, na sua serenidade indiferente, fez-lhe bem e ela principiou a olhar em torno de si. Ao longe as montanhas altas e veladas de uma bruma transparente, pareciam recuar no horizonte límpido, onde as estrelas refulgiam com mais brilho e em maior quantidade.

Dos jardins próximos e da própria malva, que esverdeava debaixo das suas narinas frementes, um perfume adocicado e suave vinha e flutuava no ar, embalsamando-o e purificando-o. Os galos cantavam ao longe, muito ao longe e nos quintais alguns cães latiam tristemente...

Tinha a sensação de que estava só na vida, só naquele quarto, porque D. Anninha, mais tranquila, não se mexera na cama e arfava tão levemente que quase não a ouvia.

D. Maria, ergueu então as mãos, juntou-as num gesto de prece, e os seus lábios, esfriados pelo vento noturno, uniram-se para uma oração que os seus olhos corroboravam, enviando ao firmamento constelado de pequenos pontos luminosos e tremulantes, uma ansiosa mirada que pedia piedade e perdão.

No silêncio e na frescura da noite, D. Anninha dormia sempre. O seu vulto alongado e coberto pelo lençol branco, imobilizava-se na moldura negra, que lhe fazia a cabeceira da cama de vinhático escuro. Como meadas de fios de prata, os seus largos bandós alvos teciam uma coroa ao seu rosto amarelado, onde os lábios como uma flor fanada, murchavam lívidos e pendentes.

D. Maria, sempre à janela sentiu-se novamente tomada de susto diante da imobilidade da sua mãe e, depois de prestar ouvido à respiração, agora sempre ofegante da velha senhora, e não lhe

escutar o menor ruído, foi em pontas de pés, assegurar-se do que havia de extraordinário. A mãe, na mesma posição em que ela a deixara continuava inerte, tendo retirado somente dentre os lençóis, uma das mãos que, convulsivamente agarrava ainda a ponta da coberta. Nos olhos semiabertos e que uma nuvem empanava, D. Maria notou uma expressão tão estranha, que as suas mãos instintivamente prenderam a mão materna, que sentiu fria e amolecida.

Um grito rouco saiu-lhe então da garganta apertada e ela tombou de joelhos diante do leito, onde a mãe morta parecia ainda mirá-la com insistência recriminadora.

O Sr. Almeida e a filha apareceram logo à porta e vendo-a prostrada e soluçante, com a cabeça entre os lençóis brancos da cama, compreenderam tudo.

Nunca a boa D. Anninha, viva, permitiria que a filha chorasse tanto!

III

Logo que o corpo de D. Anninha, no seu caixão estreito deixou a casa da Rua D. Marianna, uma estranha sensação de abandono e de isolamento se apoderou de D. Maria e do marido. Somente Maria José mostrava-se aliviada e revigorada, ao sentir-se livre daquele olhar de velha que só ao fixar-se nela, irritava-a como uma picada de alfinete.

O Sr. Almeida muito pálido, no seu fraque preto, ao voltar do cemitério, teve uma vertigem que o levou ao leito, ao lado do qual, com grande admiração sua, a mulher se instalou carinhosa e atenta. Ficou resolvido que se transferisse para mais tarde o casamento de Maria José, mas esta ao saber desta resolução, na tarde seguinte ao jantar, mostrou-se tão enfurecida e tão violenta, que a mãe, depois de um olhar de conivência com o marido, acalmou-a com a promessa de que nada seria mudado e que o casamento realizar-se ia no dia aprazado.

Estava-se nos primeiros dias de dezembro e um calor sufocante abrasava o Rio. As manhãs pouco se diferenciavam das tardes, tão igualmente vivo era o colorido do céu, tão igualmente fraca a viração que soprava ao principiar como ao terminar o dia.

No quarto de Maria José, as roupas brancas do enxoval amontoavam-se sobre as cadeiras com os seus laços de cor voando como borboletas sobre os tecidos finos dos *dessous*.

Em cima das mesas, frascos de perfume alternavam com caixas de pó de arroz de cristal facetado e escrínios[87] de veludo onde as joias dadas pelo noivo se ocultavam.

No seu vestido de luto, que a afinava, a rapariga parecia mais branca e mais loura, com os seus olhos cor de topázio mais brilhantes e com os alvos dentes a sobressaírem ainda mais no

vermelho curvado da boca, que afetava quando vinha o noivo, um trejeito melancólico pela morte da avó.

O velho comendador perdia literalmente a cabeça e as suas mãos gordas e polpudas tinham frêmitos de agarrar a noiva e de raptá-la como uma presa.

Vingava-se nas suíças grisalhas e besuntadas de brilhantina que eram então continuamente puxadas e repuxadas pelos seus dedos redondos e curtos na ânsia nervosa que os agitava. O Sr. Almeida abominava-o.

A mãe e a filha mal se falavam agora; a primeira imersa numa profunda tristeza que a outra não partilhava nem compreendia. Para Maria José, aquela atmosfera de desolação e de acabrunhamento que a cercava, tornava-lhe tão odiosa a casa paterna que, cada vez mais, ela ansiava por partir dali, ir-se embora para longe, onde não visse caras compridas e desanimadas, como as que a rodeavam agora.

A avó morrera, é verdade, mas era velha, tinha vivido muito e partira certamente resignada e aborrecida deste mundo que ela julgava infecto e indigno.

Todos morreriam um dia e quando este chegasse, fariam o que ela fez: fechariam os olhos e, inertes e de pés juntos, iriam para o cemitério.

Já haviam chorado muito, cumprido todos os seus deveres e nada adiantava à pobre velhinha aqueles narizes de palmo e meio.

Nesse estado de alma, esperou ela o dia de casamento, que fora marcado para 20 de dezembro, revolucionando a casa e movimentando-a de manhã à noite.

D. Carlota, muito envelhecida, depois do crime e da partida do filho, sentira muito a morte da velha amiga D. Anninha e vinha agora mais vezes conversar com D. Maria, para quem a sua presença era um consolo e um conforto. A princípio, Maria José a recebera muito friamente, cumprimentando-a apenas com a cabeça, numa mudez malcriada. Logo, porém, que viu que na sua companhia a mãe sorria um pouco e mostrava-se mais amena aos preparativos das suas núpcias, mudou de estratégia e atraiu a boa senhora para a casa, assim como Zelia, com quem fizera as pazes.

D. Carlota, ingênua e boa, pensou ter conquistado as boas graças da rapariga, e, para recompensá-la, presenteou-a com uma linda pérola preta que guardava havia muito para o casamento de Zelia, que fez à mãe uma violenta cena de recriminações por esta ter dado uma coisa que não lhe pertencia.

Agora saiam as duas amigas novamente juntas, mostrando-se Zelia mais respeitosa e mais humilde para com Maria José. Brevemente esta se tornaria uma senhora rica e conceituada, que daria bailes e recepções chiques para as quais ela esperava ser convidada.

Raiou finalmente o dia 20 de dezembro, cuja temperatura abrasadora passou completamente despercebida da noiva ansiosa por se ver casada e fora da casa onde vivera tantos anos.

Na véspera, chegara numa caixa de madeira o seu alvo vestido de desposada, que flores de laranjeira salpicavam de espaço em espaço, florindo-o e arregaçando-lhe o cetim leve e *souple* [88].

Nunca durante todo o seu tempo de noivado e nem mesmo por aquela manhã ensolarada e escaldante, manhã que rematava a sua existência de moça solteira, Maria José pensou um minuto com seriedade no grave passo que passadas poucas horas, ela daria na vida. Iria à pretoria e à igreja, como tantas vezes tinha ido ao baile; só preocupada com a toalete, com o penteado, com o modo de andar e de atrair a atenção.

A mãe, que a melancolia pela morte da velha progenitora, fazia agora ver as pompas do mundo debaixo de outro prisma, mirava a filha aprontar-se para o casamento, lamentando o exemplo e a educação que lhe dera.

Tentara dizer-lhe algumas palavras sobre a gravidade do ato que ia praticar, da responsabilidade dos compromissos que assumiria dentro em pouco, mas a ironia impressa nas respostas da rapariga, fê-la desistir desse intento e ocupar-se somente e em silêncio, do arranjo do seu véu e da pequena moita de flores de laranjeira que lhe devia coroar os cabelos louros fortemente eriçados sobre o alto da cabeça.

Apesar dos gritos e das palavras coléricas da moça, o pai e a mãe insistiram em convidar pouca gente e a realizar o casamento na maior simplicidade, por causa do luto recente que pesava sobre eles.

Por isso, pouca gente havia na sala quando Maria José, sempre pintada e com os cabelos revoltos sob o véu que a envolvia, penetrou nela às duas horas para o casamento civil.

Zelia, que veio ao seu encontro, ostentava um transparente vestido amarelo vivo que a empalidecia horrivelmente e frisara tanto os lisos cabelos, procurando armá-lo em mexas revoltas, que esse penteado dava à sua fisionomia de traços mal-esboçados, um aspecto de louca ou negligente. Maria José não pode reter o riso vendo-a assim arranjada e só não lhe disse uma maldade porque o comendador na sua longa sobrecasaca preta, que lhe dava ares de estar em *robe de chambre* [89], avançava para ela, entregando-lhe o ramalhete de cravos brancos, que tivera todo o tempo na mão, como receoso de que lho furtassem.

Todos os circunstantes rodeavam agora a noiva, examinando-lhe o vestido, arranjando-lhe as pregas do véu, avaliando o preço dos brincos de brilhantes que cintilavam nas suas orelhas que um dedo de ruge avivava.

D. Maria, num vestido simples de cetim violeta, acompanhava a filha com ar fatigado e com uma grande nuvem de tristeza sobre o rosto que esquecera de pintar e que lágrimas vertidas em segredo, riscavam de sulcos úmidos. Todos achavam-na mais velha, mais acabada e lastimavam-na embora a invejassem ainda pelo rico casamento que fazia a filha. Nas portas e nas janelas largamente abertas, apareciam as curiosas cabeças das pessoas da vizinhança, que analisavam em voz alta os noivos e os convidados.

D. Maria parecia indiferente ao juízo alheio, mudada como estava pela vizinhança da morte que lhe mostrara o nada daquilo, porque tantos anos vivera levianamente a gastar esforços que, empregados numa campanha mais honrosa, fá-la-iam vencedora e dominadora!

Ao ver a filha avançar para a mesa onde o pretor já se achava, ao lado do noivo quinquagenário, de cabelos quase brancos e suíças grisalhas, sentiu novamente e com real e angustiosa sinceridade, o erro que cometera educando aquele ente que tão caro lhe era, no meio das vaidades e das pompas de um mundo idiota e malsão!

Ah! Sim, era obra sua, só obra sua, aquele quadro que ela contemplava agora, entre as lágrimas que lhe corriam pelas faces, da filha no fulgor dos seus 20 anos, sem verdadeira mocidade de rosto e sem nenhuma frescura d'alma, vendendo-se por dinheiro a um velho que podia ser seu pai!

O Sr. Almeida, também muito comovido, chegara-se à mulher e, unidos e solidários, depois de tantos anos de separação, assistiram de mãos dadas ao casamento da vítima da fraqueza de um e da vaidade da outra.

Depois, casados já pelo civil, os noivos receberam as felicitações dos presentes e partiram para a Igreja de São João Baptista onde teria lugar a cerimônia religiosa que Maria José quisera dispensar, mas que não o fizera, porque a informaram de que muitas das suas amigas não convidadas para o casamento em casa e uma numerosa assistência que o enlace de uma moça da moda interessava, a esperavam na igreja para admirarem-lhe a toalete. Com efeito, a igreja regurgitava de rapazes e raparigas que, trepados em bancos, sobre as grades e sobre os altares, murmuravam em voz alta ironias, calúnias e desrespeitos, esquecidos da santidade do lugar.

Antes de penetrar, porém, no automóvel, que a conduzia com a filha, de quem era madrinha, à igreja, D. Maria, no cúmulo da enervação, teve de amparar-se por alguns minutos no braço de D. Carlota, que chorava copiosamente, e isso aumentou a tal ponto o pranto da Sra. Almeida, que ela teve de se retirar por alguns instantes ao seu quarto, forçando assim a noiva a esperar, o que a esta irritou profundamente.

Quando, finalmente, a mãe mais tranquila, tomou lugar junto à filha, e procurou desculpar-se daquela perturbação que a tinha

paralisado alguns segundos, Maria José prorrompeu[90] em frases malcriadas que muito ofenderam a pobre senhora tão aflita já, mas que, entretanto, nada replicou, aceitando como um justo e merecido castigo a insolência da filha.

Quantas vezes, não respondera ela da mesma maneira à bondosa D. Anninha quando esta lhe murmurara qualquer advertência ou qualquer censura?

Àquela hora, certamente, vendo como dizem que os mortos vêm, o seu sofrimento e o seu remorso, a mãe lhe devia ter perdoado!

Sentiu-se subitamente mais calma e quando, depois, do casamento religioso, Maria José partiu alegre e apressada ao braço do marido para Petrópolis, ela agarrou-se ao marido e pediu-lhe humildemente perdão.

IV

Paulo de Araujo aceitara orgulhoso e grato a paixão que Henriqueta lhe servia com requintes de sensualidade e de verdadeiro amor. Na sua vida simples e burguesa, acostumado ao flerte inacabado das moças solteiras que visavam nele o marido e que, portanto, lhe recusavam grandes condescendências e o amor barato e fácil das vendedoras de gozos, o rapaz desconhecera a paixão que agora o abrasava só ao contato daquela mulher casada, experiente e submissa, que se apresentava sempre aos *rendez-vous*[91], impecavelmente envolvida em esplêndidos e afrodisíacos *dessous*, entreabertos de rendas verdadeiras, que deixavam ver como através de nuvens ligeiras, o seu corpo bem tratado e odoroso de deusa moderna.

O seu quase noivado com Maria José, virgem picante e falsamente inocente, predispusera o seu espírito e o seu organismo para que ele pudesse saborear com verdadeiro diletantismo aquela paixão rubra e ao mesmo tempo sentimental, que Henriqueta lhe consagrava. Paulo, entretanto, no seu equilíbrio de bom burguês e no seu egoísmo de homem, deixava-se mais amar do que realmente amava.

No seu quartinho, de rapaz solteiro, na Av. Mem de Sá, que flores aromatizavam e que a luz sabiamente coada pelas cortinas descidas, davam um ar e um aroma de capela, Paulo e a amante estreitavam-se com um ardor que, por parte da moça parecia às vezes doentio, diziam mil asneiras, faziam-se promessas, juramentos e declarações longas. Entre as rendas da sua camisinha fina e curta Henriqueta lassa e morna parecia uma grande boneca esquecida sobre os lençóis da cama, só tendo de vivo, os olhos glaucos, que, tocados por um raio de luz escapado das frestas das janelas, refulgiam como duas esmeraldas às quais uma gota de

água toldasse o brilho excessivo. Os seus cabelos soltos sobre os travesseiros, fremiam como chamas lambidas por brisa violenta e rodeavam as almofadas de um halo incandescente e fulgurante que perturbava e aquecia. Paulo, mais sereno ao lado dela e com os seus largos olhos negros e a sua cabeleira luzidia e escura, fazia um contraste curioso, com a carne branca, os olhos claros e a coma[92] incendiada da amante e, naturalmente, desse contraste nascia a volúpia crescente e embriagadora que os unia, fazendo um só daqueles dois corpos tão diferentes na forma e na cor.

Todavia, esses últimos dias, Henriqueta viera mais triste e com uma nuvem nos olhos, que ao fixarem-se em Paulo, exprimiam inquietação e angústia.

Não passa despercebida ao moço essa mudança da amante, mas, comodista e sem outra atração por ela senão a dos sentidos, ele não quer perturbar a agradável situação em que se acha, pronunciando ou ouvindo certas palavras ou certas resoluções que soam como despertadores de sentimentos que dormem quase sempre quando a matéria acorda. Nunca indagara de Henriqueta a menor coisa sobre o seu passado, sobre a sua vida presente, nem sobre o seu marido. Quando ela chega ao seu aposento, impregnada de fluido e de perfume é como se caísse do céu ou viesse dentre gente estranha e ignota[93].

Uma embriaguez suave, que vai aumentando, à medida que ela o beija, sobe-lhe à cabeça, entorpecendo-lhe o espírito e desencadeando-lhe no físico uma onda de força e de vitalidade que o deslumbra e o espanta.

Henriqueta, que ali entrou muitas vezes melancólica, deixa-se levar por aquela onda voluptuosa que a arrebatava e, minutos depois, olvidada de tudo, com os cabelos desprendidos e frementes como labaredas de fogo, torce, balbucia e estende-se depois, arfante e empalidecida, sobre os lençóis amarfanhados do leito.

Hoje, entretanto, a moça no seu *tailleur* de linho branco e fresco à vista, por aquela tarde abrasadora de dezembro, sentou-se muda numa cadeira e, com os olhos empanados de lágrimas, fita Paulo. No quarto, o calor é quase insuportável e as flores, murcham e

tombam sobre a beira do vaso cuja água amornada as fana lentamente.

Sentindo o suor salpicar-lhe o rosto debaixo de véu branco que o oculta, a moça ergue-se da cadeira, abre largamente uma janela, que deixa entrar uma leve brisa refrigerante, e descerra instintivamente os lábios secos para recebê-la. Com o véu agora para traz, fina e doce sob o tecido claro do seu vestido masculino, Henriqueta chega até Paulo sentado a fumar sobre uma poltrona e, repentinamente cai de joelhos aos seus pés. Surpreendido e desagradavelmente emocionado, o mancebo enlaça-lhe a cinta e procura beijar-lhe os lábios que se furtam ao ósculo[94] pedido. E Henriqueta dobrando-se toda sobre o regaço do amante, prorrompe num grande pranto convulsivo, que a sacode toda e a impede de responder às perguntas de Paulo inquieto e aborrecido. Erguendo-a do chão, o rapaz sentou-a no colo e sob o peso macio daquele esbelto corpo de mulher, uma excitação sensual se apodera dele. "Diabos levem as cenas nas horas dos *rendez-vous*!" murmurava ele no seu íntimo, enquanto maquinalmente, beijava o rosto molhado de lágrimas da amante e atirava para longe o seu rico chapéu de rendas que rolou e estatelou-se como uma rosa branca sobre o tapete escuro do quarto.

Apesar do seu tormento e sem interromper o choro, Henriqueta virou a cabeça e seguiu com um olhar ansioso as evoluções do seu caro e elegante chapéu de verão. Depois, escondendo de novo o rosto no pescoço do amado, que molhava de pranto, ela recomeçou os seus gemidos e os seus soluços.

— Mas que há? Que há? — indagava Paulo, sacudindo-lhe quase com raiva, na enervação da certeza de que falhara naquela tarde todo o seu programa de amor.

— Luiz quer separar-nos — exclamou afinal Henriqueta ofegante. E as suas lágrimas redobraram.

— Ah! — disse simplesmente Paulo soltando uma das mãos da amante que mantinha entre as suas.

Houve um instante de silêncio no aposento. A moça notando a atitude do amigo, levantou o rosto, onde a maquiagem

desaparecera de todo, mas onde os olhos brilhavam febrilmente e, saltando-lhe dos joelhos, principiou a falar de pé, diante dele:

— Foi uma cena atroz, atroz! Luiz se habituara de tal modo à minha obediência, que se tornou furioso quando me viu decidida a lutar para ser só tua. Exige que eu continue a ser a... a receber enfim o Alonso e eu lhe respondi que o Alonso me aborrece, me repugna, me enoja... Mal eu havia pronunciado estas palavras, avançou para mim, tão lívido e tão colérico, que eu fechei os olhos, pensando que me ia matar. Deu me três dias para refletir, ou eu recebo o Alonso ou ele parte com as crianças para a Argentina!! — Ela parou aí, para respirar e como esperando um dito qualquer de Paulo, que a animasse a continuar, mas esse permaneceu calado e de olhos baixos. Ela continuou então mais incoerente e agitada:

— Estou decidida a tudo, a tudo... Não recebo mais o Alonso haja o que houver... O tempo de cativeiro já acabou...

— E se o teu marido te expulsar de casa, para onde irás tu, minha pobre Henriqueta? — perguntou Paulo, falando pela primeira vez e levantando para a amante um olhar embaraçado.

— Não sei ainda — respondeu a moça em tom desabrido, mas em que se sentia já uma tremura.

E lentamente, ela entrou a passear de um lado para outro, fitando sempre Paulo, que para ocultar o acanhamento que o dominava, puxou dum cigarro e acendeu-o.

— Olha, Paulo — exclamou Henriqueta, em voz alterada, parando repentinamente em frente ao amigo —, vim perguntar-te uma coisa, que te peço respondas com a maior franqueza. Se o meu marido me puser fora de casa, tu receber-me-ás aqui com carinho e com amor?

— Aqui?! — exclamou o mancebo, no cúmulo da admiração. — Estás louca, filha! Como é possível isto? Pensa bem, meu amor!

A moça teve como um arfar convulsivo no seio que o corpete de linho branco desenhava com uma admirável nitidez e depois permaneceu um minuto em silêncio, com a cabeça desviada do amante e os olhos cravados no chão. Quando os ergueu para Paulo, que esperava ansioso o seu olhar que seria como uma resposta à exclamação que não pudera conter, os olhos de

Henriqueta fuzilavam de um reflexo semelhante ao do gume de um punhal, quando manejado por uma destra experiente, corta o espaço e vai cravar-se certeiro no lugar desejado. Na fisionomia da moça transtornada pela decepção de amor que a torturava, toda uma tragédia se desenhava, lendo-se nela como num livro aberto, a luta travada entre a paixão e o desprezo. Ah! Ela compreendia bem agora que Paulo fugia ao compromisso de tê-la como sua mulher, de ajudá-la, de protegê-la. O que ele quisera dela, eram somente aqueles momentos agradáveis, em que bem vestida, bem calçada e bem perfumada por outro, ela se lhe entregava como uma escrava humilde e devotada. Nunca, nunca ele a amara!

E a este pensamento, uma lágrima pequena e ardente como uma lava, correu-lhe pela face sem pó de arroz e sem ruge... No silêncio do aposento e na claridade rósea da tarde que caiu e que penetrava pela janela, da qual ela suspendera a cortina, os dois amantes se miravam com a fixidez de magnetizadores. Henriqueta foi a primeira a romper aquela situação insustentável e com uma calma, e uma lentidão de sonâmbula, encaminhou-se para o lugar onde o seu chapéu se estrelava no chão como uma grande flor abandonada, apanhou-o e com gestos rápidos e desajeitados, colocou-o na cabeça, fazendo tombar o véu que lhe envolvia o rosto alterado de uma nuvem leve que o adoçou.

Paulo acompanhava-lhe todos os movimentos, mudo, atormentado, levando à boca o cigarro que se apagara sem que ele se apercebesse. Uma vez pronta, Henriqueta toda branca e linda como uma visão, estendeu ao amigo a mão, esfriada apesar do calor que fazia, e numa voz surda e áspera que contrastava com a sua doce e apaixonada voz dos últimos tempos, em que o ardor e a ternura se disputavam nos sons, ela murmurou ironicamente:

— Adeus, Paulo, já que me repeles! Não tendo a escolher senão entre a casa do meu marido e a tua, que me recusas, volto para a primeira. Somente deixa-me dizer-te que não me queres a mim para a tua companheira, para a tua mulher, mas aceitavas a *demi-vierge* [95] de Maria José, que, certamente, te daria uma felicidade muito problemática. Enfim!

Ao ouvir pronunciar o nome da ex-noiva, nome que nunca eles tinham pronunciado no decurso da sua curta ligação, Paulo corou e teve um gesto de cólera.

O seu amor-próprio masculino sangrava ainda e ele não gostava que lhe calcassem em cima. Quase grosseiro, ele respondeu:

— Com essa moça seria um casamento e não uma amigação como aconteceria conosco se nos juntássemos. — Na palavra amigação, ele pôs todo o desdém, toda a irritação, que aquela cena lhe causava.

Chegou a vez de Henriqueta corar também, como se sobre a sua face lisa e fina uma mão de homem se estalasse, brutal e violenta.

Em pé, com a bolsinha de prata nas mãos, que maquinalmente se tinham enluvado, ela teve como um ligeiro cambalear no corpo esbelto e depois de um rápido e agonizante olhar ao quarto florido, à cama larga e fofa e a Paulo sempre mudo e com a fisionomia contraída, ela saiu, deixando atrás de si, como que uma vibração na atmosfera do aposento.

Paulo, de sobrecenhos[96] cerrados e boca dura, continuou a fumar o cigarro que ora acendia, ora deixava apagar, na grande distração em que jazia o seu espírito. Afinal sacudiu os ombros, vestiu-se e saiu...

V

O ano de 1916 surgiu entre chuvas doces e macias, que umedecendo o verde das montanhas, as tornava como mais novas e suaves à vista. Nos jardins, as *pelouses* [97] pareciam alcatifadas artificialmente e nos *squares* as estátuas erguiam-se muito brancas dentre os tapetes relvosos que as circundavam. Santa Teresa, sob as brumas que a guardavam, refulgia como uma esmeralda cinzelada de fresco. Aquela chuvinha miúda e silenciosa que a aspergia, desabrochava-lhe a verdura das chácaras, as flores dos canteiros, a folhagem do arvoredo copado e altivo que se alinhava ao longo das suas estradas umedecidas, Hortencia, um pouco desanimada e melancólica, depois do acidente acontecido à sua amiga favorita que, entre prantos, lhe narrara todo o triste fim do seu primeiro romance de amor, achava a vida pior que a morte. Lamentara muito Henriqueta e chorara sinceras lágrimas sobre ela, quando alguns dias depois da desoladora narração, fora chamada e a encontrara estendida e envelhecida sobre os rendados travesseiros do seu luxuoso leito. Entre soluços abafados e risos irônicos, a pobre apaixonada contara-lhe que ingerira algumas cabeças de fósforos imersas dentro da um copo com álcool, a fim de acabar com aquela existência penosa e que só conseguira experimentar dores agudíssimas no estomago e estar para ali atirada como um molambo, sem um carinho, sem uma meiguice...

— Ah! O amor, o celebre amor de que tanto me falaram e me gabaram, é uma chata coisa, Hortencia! Asseguro-te que estou curada dele para todo o sempre! Porca coisa, minha filha! Porca coisa, o tal amor! — E a triste criatura fingia cuspir para o lado nuns esgares[98] de nojo, enquanto dentro dela, o coração sangrava-lhe de dor e de comoção.

Hortencia mirava-a então com uma piedade imensa e malgrado toda a paixão que dedicava a Jorge e que a aquecia por dentro, ficava sem saber o que mais pensar daquele sentimento que lhe resumia a vida. Quem lhe assegurava que Henriqueta não tinha razão e que homem algum no mundo merecia aquele culto, aquele cântico dos cânticos, que ela consagrava e entoava diariamente no amago do seu peito?

Pobre Hortencia! Pois terminado aquele diálogo mudo, mantido por ela com a paixão vencedora que lhe enchia o cérebro e a alma, um grito de arrependimento subia-lhe aos lábios e intimamente, ela suplicava a Jorge que lhe perdoasse aquela fraqueza, filha da dor forte que a desequilibrava.

Naquela manhã de 1º de janeiro, sorvendo com sensual ternura o perfume do soberbo ramo de rosas vermelhas que ele lhe enviara como presente de ano bom, um delíquio de amor embranquecera-lhe a face linda.

Na semana que findara, D. Luiza, enferma, pedira-lhe que a fosse ver e pela primeira vez, Hortencia penetrou na casa que, como um santuário, guardava segundo ela, a mais preciosa joia do mundo, joia que era ao mesmo tempo a sua alegria e o seu pesar.

Jorge não estava em casa e isto a acalmou um pouco, quando, pálida e trêmula, ela entrou no quarto, onde D. Luiza, muito pálida e com os cabelos grisalhos um pouco em desordem, a esperava sentada na sua larga poltrona de couro.

Uma emoção súbita fê-la inclinar-se e beijar a mão cor de cera sulcada de roxas veias, ligeiramente entumecidas, que a boa senhora lhe estendeu. Depois, meiga e carinhosa, como uma filha, indagou-lhe do que tinha tido, se já estava melhor...

D. Luiza sensibilizada e grata, chamara a sua querida filha, contara-lhe que adoecera de uma intensa bronquite, com muita febre, muita dor de cabeça, mas que o seu filho, o seu querido filho, a curara e a cuidara com tão desvelado carinho, que ela estava quase restabelecida, embora muito fraca ainda.

— Quando uma pessoa fica velha, qualquer vento a derruba! — dizia ela sorrindo.

Hortencia olhava então o quarto e tudo nele a agradava, a encantava. Que simplicidade e que frescura! Que diferença com o quarto moderno de Henriqueta!

Sobre a cama estreita, velada por cortinados transparentes, um grande Cristo de marfim deixava-se pender da cruz de sofrimento, parecendo resignado a morrer por aqueles sobre os quais caiam os seus olhos enlanguescidos de angústia. Num canto, as porcelanas do toalete clareavam o lavatório de madeira escura e aqui e ali, quadros, retratos sorriam, sem molduras caras, nem enfeites dourados. Bem defronte ao leito enuviado pelo mosquiteiro branco, uma colecção de retratos do filho adorado se estendia, mostrando-o desde a sua mais pura infância até aquela data recente, em que o seu rosto docemente grave surgia da moldura escura, parecendo fixar continuamente a velha mãe com os seus largos olhos de bondade e de ternura.

Mas o lugar predileto da boa senhora, aquele em que geralmente trabalhava ou meditava, era o cantinho em que agora, na sua poltrona de couro, ela conversava com a sua vizinha amiga, enquanto a seu lado, sobre a mesinha redonda, donde havia retirado os livros e as costuras, uma velha criada servia o chá.

A calma risonha daquele aposento de senhora, sereno como um porto resguardado e alegre, como um oásis confortável no meio das agruras do mundo exterior, transportaram a sensível Hortencia a um estado de espírito estranho e nunca experimentado. O lado sensual e febril do seu amor por Jorge, desapareceu, dando lugar a um sentir doce, místico, quase beático. Junto àquela senhora de olhos meigos, porte de rainha e modos afáveis, serena no seu viver, correta no seu pensar, fazendo dos seus atos um seguimento às suas palavras, ela se sentia amparada, aconselhada e confiante. Não, as mulheres não eram tão corruptas nem tão odiosas como Henriqueta dizia! E os homens também não se mostravam todos os egoístas monstruosos e os exploradores desbriados, como, no seu rancor, ela denominava a todos os seres pertencentes ao sexo forte. Não, havia ainda mulheres nobres e devotadas, de honesto viver, e homens que respeitavam estas mulheres, lembrando-se das mães que os amamentaram e os fizeram homens. E o seu Jorge, criado

por aquela mulher de eleição, que lhe torneara a alma, embebendo-a nos pensamentos que lhe brotavam do grande e generoso espírito e provando-os com atos que emanavam dela, devia ser o homem ideal, que ela acariciava em mente com ardor e com paixão.

Não corou Hortencia, nem estremeceu demasiado quando Jorge, lento e carinhoso, apareceu à porta do aposento materno e nele penetrou, envolvendo-a de longe num longo olhar de amor e lhe apertando depois a mão num amplexo profundo e extenso. Sentando-se em seguida ao lado da mãe, indagou-lhe com afeto do seu estado de saúde, tomando-lhe a temperatura das mãos que manteve entre as suas por espaço de alguns segundos e cravando-lhe na face ainda pálida, o seu olhar perscrutador e grave de médico. Não lhe achando nada de anormal e vendo que a moléstia fugia ao combate que ele lhe dera, sorriu com doçura e exclamou tendo notas alegres na voz:

— Esta mãe, esta mãe, muito me assustou e muito me atribulou! Enfim está passado o perigo e espero que agora não tomará mais fresco à janela, quando a tarde for ventosa e por demais resfriada.

D. Luiza, embevecida, olhava o filho e surpreendia então o olhar que Hortencia e ele, ambos, simples e puros no seu amor, trocavam instintivamente no grande prazer de se encontrarem ali sem perigo, nem pecado.

E a nobre senhora lamentava-os, enviando ao Cristo, pendido sobre a cruz de marfim, um olhar em que pediu misericórdia para aquelas duas criaturas que se queriam muito, mas que, obedecendo aos seus preceitos, recusavam uma delícia ao alcance dos seus lábios, mas pecaminosa segundo os mandamentos divinos. Foi, como se despertasse de um sonho, que Hortencia ouviu bater as seis horas e, que estremunhada e palpitante, ergueu-se da cadeira onde estivera duas horas sem se aperceber. Falara, respondera às perguntas de D. Luiza, mas os seus olhos só viam Jorge, seus olhos só respondiam aos olhares dele. Na serenidade daquele quarto, que só inspirava pensamentos elevados, ela se dera em alma ao médico, como nunca lhe acontecera fazê-lo mesmo nas suas piores noites de insônia sensual e rubra.

O seu espírito parecia ter adquirido asas a voar pelo éter afora, muito leve, diáfano e quase sem consistência. Saiu do aposento, com essa impressão tão dominante na alma, que o seu olhar ao erguer-se para Jorge, que a acompanhava ao portão, teve reflexos da adoração mística que têm os olhares das verdadeiras religiosas para o Jesus do altar.

Somente voltou a si do calafrio que lhe corria pela espinha ao sentir sobre a sua mão amornada, os lábios do amado, que a queimavam como se fossem brasas...

Ao vê-la entrar em casa, Joãozinho correu-lhe ao encontro e no beijo que ela deu à meiga criança, perfumada e lindamente vestida de marinheiro, pôs toda a exaltação suave de amor que trazia dentro da alma.

— Meu filho! Meu filhinho! Como estás lindo? Queres dar uma volta na estrada com a tua mãezinha? Jantas-te bem? Que comeu ele? — perguntou ela à velha Justina, ligeiramente capenga de uma perna, por causa do reumatismo.

— Joãozinho comeu bem, Sinhá e não fez manha. Também está um homem — respondeu a preta, cobrindo o menino de um olhar dedicado e amoroso.

Hortencia sorriu para o filho que, ansioso por passear com ela, a puxava já pela mão.

A tarde era tão rosada e luminosa que parecia uma apoteose que o céu servia às criaturas. E banhados por essa claridade feérica em que até os arbustos adquiriam um tom de vida, a mãe e o filho de mãos unidas e olhos ternos avançaram pela estrada afora.

Com os lábios cravados nas pétalas rubras das rosas magníficas, Hortencia sentia-se de novo tomada de uma melancolia intensa. Como principiava triste aquele novo ano para ela. Santo Deus! Na véspera, recebera uma carta de Henriqueta, dizendo-lhe adeus e anunciando-lhe a sua próxima partida para a Argentina onde contava demorar-se com o marido e os dois filhos. Naturalmente o Alonso acompanhá-la-ia. O tom da missiva era quase inexpressivo à força de desesperança e de ironia disfarçadas.

Desgraçada Henriqueta! No *post scriptum*, ela lhe dizia simplesmente, que Paulo continuara a sua vida como se nada de anormal tivesse sucedido, sendo visto até engorgitando[99] com delícia um espumante sorvete na mesma Confeitaria Avellar onde tinha começado o miserável flerte do qual era a única vítima. "Porca coisa, o tal amor!" escrevia a pobre mulher na última linha da sua carta incoerente e inconscientemente sofredora.

Joãozinho, muito alegre pelos presentes recebidos veio abraçá-la e com isso interrompeu-lhe os pensamentos sombrios que se iam amontoando no fundo do seu cérebro facilmente impressionável. Com o pequeno ao colo e o ramo de rosas ao lado, ramo que personificava para ela Jorge e o seu amor, ela se deixou levar pela graça de um e pelo perfume do outro.

Sorriu, beijou o filho, sentiu o buquê e achou-se forte e serena para tudo o que lhe trouxesse aquele ano entre aquelas paredes da sua casinha, paredes que a tinham abrigado nas suas horas de dor, de angústia e também nos minutos mais curtos em que a esperança a tocara com seu véu verde, tão leve que o vento o levara muitas vezes para longe.

Era, porém, o seu abrigo, o seu ninho aquela casinha modesta, oculta, como uma violeta, entre o arvoredo de Santa Teresa. E depois, o seu filhinho estava são, estava forte, prometia ser um homem de bem e de coração. Verdade é, que amando loucamente Jorge e sendo amada por ele, a obrigação em que se via de recalcar por dignidade no fundo do seu peito, aquela paixão que era um pecado para ela e para Jorge, tornava-a muitas vezes infeliz e desanimada. Entretanto, quando se recordou do romance de amor de Henriqueta, do ardor do seu princípio e da amargura da sua terminação brutal, ela se julgava muito venturosa por inspirar um tão grande sentimento de amor e de respeito e também por encontrar em si própria força bastante para dominar-se apesar da sua fraqueza e sensibilidade de mulher.

A chuva cessara um segundo e um raio de sol tentando atravessar as brumas que o cobriam, inundou a salinha onde Hortencia, com o filho no colo, procurava razões para um

contentamento que muito se assemelhava à resignação, de uma claridade amarela e passageira.

Súbito, um tinir de campainha no portão, fê-la erguer-se e depositar o filho no chão. Quem lhe afirmava que não seria de Jorge, aquele toque de campainha?

Talvez, em honra do grande dia e apiedado da sua solidão de criatura abandonada, ele viesse dar-lhe um aperto de mão, que um olhar de amor faria mais íntimo, mais suave. Mas não, não era ele e simplesmente um estafeta[100] do telégrafo que lhe apontava de longe com um telegrama azul, portador naturalmente de algumas felicitações banais e pouco sinceras.

Joãozinho, entretanto, correu a buscar o quadradinho de papel e muito contente entregou-o à mãe, juntamente com o lápis do estafeta para assinar o recibo.

Sem curiosidade nem sobressalto, permaneceu Hortencia ainda um segundo de pé, com o telegrama na mão, a olhar para um raio de sol que dourava o cume de uma árvore frondosa que cintilava. Depois, num movimento lento e ar distraído, abriu o papelito azul e ao lê-lo, uma grande palidez derramou-se pelas suas faces de uma cor de magnólia, quando tocada pela luz rósea da tarde. Ela lera o aviso que o sócio do marido lhe enviava da morte deste ocasionada em Londres, e sucedida havia um mês. “Sou livre!” Foi o primeiro grito daquele coração anelante e ávido de carinho.

Mas a bondade natural venceu o egoísmo instintivo que bradara violentamente dentro dela e uma imensa piedade pelo ingrato e cruel que a abandonara, encheu-lhe o generoso coração.

Com um olhar, acariciou a cabeça infantil do filho, que tão risonho e lépido lhe trouxera sem o saber, a notícia da morte do pai e continuou a ler o telegrama que, depois dos banais pêsames, a aconselhava que se informasse dos negócios do marido que, afinal, possuía alguma fortuna, quando partira para a Europa.

Entretanto, uma grande emoção agora a balançava toda e fazia-lhe vir lágrimas aos olhos. Com um grito rouco, chamou a velha Justina e, em voz baixa, participou-lhe o falecimento do marido. A negra benzeu-se, murmurou uma rápida oração

adivinhada pelo mexer dos seus lábios grossos e arroxeados e inconscientemente alegre, deixou que uma jubilosa chama lhe avivasse o olhar.

O sol se ocultara de novo e uma chuvinha miúda e fina como um véu, tapava a passagem. Depois de um beijo ao filho, entretido a armar num canto do salãozinho, um formidável comboio de vagões liliputianos[101], ela correu ao seu quarto, chorou de prazer ou de pesar ou talvez somente de amor.

VI

Maria José fazia sucesso em Petrópolis e gozava a sua lua de mel de uma maneira estranha e desusada. Nas suas saias sempre muito curtas, que lhe deixavam à mostra as pernas bem-feitas e metidas em meias muito transparentes, ela acompanhava todas as manhãs o marido à estação, obrigado que era este a descer sempre pelo trem das 8h30. Depois, solta e alegre, na linda cidade serrana, como um pássaro no espaço, ela voltava ao hotel e se mostrava exuberantemente íntima com todos os hóspedes masculinos que se apressavam em torno dela, certos de que em breve aquela noiva tão frescamente em poder de um dono, passaria a outros proprietários, com a mesma facilidade com que a nuvem é levada pelas diversas brisas que cortam o firmamento. De maneira que, depois de dois meses somente de casada, Maria José já possuía os seus flertes prediletos, ainda inocentes por serem muitos, já ostentando, entretanto, ares de veterana de adultério e mal ocultando o desdém que o marido lhe inspirava. Na sua ausência e diante de todos, só o chamava "o velho" e mofava[102] das suas suíças grisalhas e dos seus dentes, que descobrira serem postiços.

Todo mundo no hotel era conhecedor e sorria das tentativas de robustez iniciadas pelo pobre homem deveras apaixonado pela mulher e que procurava ainda, à força de amor, conservar a ilusão de que fizera bem, casando-se com aquela rapariga tão elegante, alegre e um tantinho cínica.

Entretanto, finória[103] e ladina, Maria José procurava representar com perfeição, na intimidade, o seu papel de esposa amante e fiel, mas traía-se por qualquer coisa que não escapava de todo ao velho negociante, português esperto e experiente. Todavia nenhuma cena grave ainda se havia dado no casal e a alegria

reinava sem véus no hotel, entre os hóspedes e no aposento particular dos dois cônjuges.

Petrópolis, com as suas flores viçosas, com o seu rio cascalhento e com o perfume embriagador das suas magnólias, perfume que evoca a linda cidade verde, esteja onde se estiver, parecia um recanto do paraíso.

À tarde, na estação, à hora do trem chique, que traz os maridos, estes, suados, vermelhos e fatigados, contrastando fortemente com as esposas que os esperam na *gare*[104], com as mais ricas toaletes que possuem e cintilantes de joias verdadeiras ou falsas, numa algazarra estridente, numa luta tremenda de olhares para o espectador imparcial e inteligente, Maria José, coberta de rendas e de brilhantes, emplumada e enluvada, andava de um lado para outro do hall; seguida da sua *cohorte*[105] de adoradores e abraçada sempre com uma das numerosas amigas de hotel, que conquistara à força de luxo e de animação. Rindo, gesticulando e falando alto como se estivesse na própria casa, ao abrigo de todos os olhares, o grupo ia e vinha, não dando atenção a ninguém num altivo e compacto desprezo por todos que ali estavam.

Entretanto, quando o trem chegava e Maria José avistava o olhar profundo e ansioso do marido à sua procura, toda a sua fisionomia se transformava e a sua atitude mudava.

Muito séria e afetando ares de colegial amorosa e cheia de saudades, ela se atirava ao pescoço do bom comendador, tomava-lhe do braço e agarrada a ele, a ponto de sentir-lhe o cheiro de suor de que estava impregnada a sua roupa de trabalho, ela se despedia dos outros com um doloroso e cínico olhar de vítima do casamento.

— É impagável esta Maria José — diziam os seus amigos a rir-se e seguindo-a com o olhar.

Pouco a pouco, o velho comendador acostumou-se aos modos desiguais da mulher, aos relâmpagos que lhe cortavam de quando em vez os olhos amarelos, à sua preguiça e ao seu desmazelo. De bom coração e modos corretos... Villarinho condenava no seu íntimo a desenvoltura demasiada de Maria José, a sua completa ausência de senso moral, a sua falta de pudor e sobretudo, o seu monstruoso

egoísmo. Abandonara o luto obrigado pela morte tão recente da avó, usando vestidos de cores claras e longe do pai e da mãe pela primeira vez desde que existia, ela mal falava neles, nunca lhes deplorando a falta e respondendo as intermináveis cartas da mãe, as quais ela lia por cima e sempre bocejando, por cartões postais breves e raros.

Villarinho estranhava aquilo e algumas vezes procurou ler naquela alma que sempre lhe fugia às análises e às indagações.

— Deixa-me gozar um pouco a vida, e não me fales de coisas sérias — respondia a rapariga quando o marido lhe chamava a atenção para as realidades da existência

Se este docemente lhe censurava a curteza das suas saias ou o exagerado dos seus decotes, Maria José enlanguescendo o olhar, replicava com faceirice:

— Nós somos um casal moderno, meu caro Villarinho. Eu não me considero tua mulher mas sim tua amante. Deixa que eu seja formosa, para que sejas invejado. Bem sabes que sou só tua!

O velho português, apesar de sentir a imoralidade daquelas palavras, deixava-se vencer pelo calor do olhar, pela beleza das pernas que, escandalosamente se deixavam ver quase nuas, através do véu da meia que as cobria e pelo arfar do doce seio descoberto. Mais tarde, recuperando o seu sangue frio de homem sério e respeitador, uma tristeza pungente e um grande terror do futuro lhe enchiam a alma!

“Com que espécie de mulher liguei eu minha existência de homem moralizado e sensato?” pensava ele, nos domingos passeando sozinho pelas avenidas petropolitanas. E uma preocupação dolorosa, um terror nascente surgiam-lhe na alma amedrontada.

Maria José, nunca indo à missa, acordava nesse dia muito tarde, cansada como ficava sempre depois das noitadas que fazia aos sábados, dançando no hotel até de madrugada, enquanto fatigado do trabalho diário, o marido, deitava-se cedo, resignado à solidão diante da sua impotência em afastar a mulher dos tangos e dos *ragtimes*[106].

Tudo, no entanto, ia mais ou menos bem entre aquele casal moderno, até o dia em que o tenente Raul de Sousa Dias hospedou-se no mesmo hotel em que os Villarinhos se achavam desde 20 de dezembro, data do casamento. Abril enchera Petrópolis de hortênsias azuis, de cravos escarlates e de rosas alvas.

Diante do hotel um tapete de hortênsias em buquês; estrelavam a relva verde e bem tratada, enquanto cravos escarlates ensanguentavam os canteiros vizinhos e rosas brancas lembravam a neve brotando dentre a verdura fechada dos caramanchões copados.

Villarinho partira aquele dia mais cedo para o Rio, não sendo por isso acompanhado pela esposa, que, fingindo uma forte dor de cabeça deixou-se ficar até tarde na cama. Quando entre um bocejo e um lento espreguiçar, ela ouviu tinir a campainha do almoço, sacudiu rápida a pesada colcha de lã e, ainda sonolenta chamou a criada. Nada a encantava mais do que sozinha, muito elegante e perfumada, penetrar na sala de jantar onde já quase todos os hóspedes comiam e para os quais ela se tornava o único ponto de atenção. Risonha, bamboleante e com os seios brasileiros balançando dentro da blusa justa e muito decotada, ela ia de mesa em mesa, saudar os conhecidos que a recebiam também rindo e apreciando-lhe o andar moderno e as transparências custosas das rendas do vestido.

Nesse dia, Maria José apareceu muito tarde à sala de comer. Quase todos os hóspedes, na maior parte senhoras, comiam já a sobremesa no silêncio recolhido que o hotel impõe aos seus hóspedes.

Toda de branco, com o colo nu a sobressair da larga abertura do corpete e duas rosas alvas sobre o *chignon* dourado do cabelo, numa desordem estudada, Maria José entrou na sala, onde todos os olhares se ergueram para ela. Muito à vontade na saia curta que lhe descobria escandalosamente as pernas, ela sorriu desde a porta para os amigos que a chamavam já entre risos, só ao avistá-la assim garrida. E com movimentos bruscos de rodopio e toda saltitante, ela foi de um a outro dos hóspedes apertar as mãos

daqueles que contavam com ela para animar a atmosfera um pouco pesada daquele salão.

— Sabe? — dizia ela rindo e dobrando-se toda por cima da mesa, onde um grupo de moças, vestidas como ela, deixavam também os seios à vontade, dentro da blusa fina e generosamente aberta —, o velho foi hoje no primeiro trem e talvez não venha cá dormir. Hoje vamos fazer uma grande pândega. Reuniremos todos os nossos amigos que não desceram e depois dum magnifico *lunch* na Crèmerie Buisson[107], dançaremos aqui até que o sol apareça e entre pela sala adentro. Estão de acordo?

As moças aplaudiram radiosas e Maria José, depois de alguns segredinhos murmurados aos ouvidos que se inclinavam para os seus lábios, deixou esta mesa e foi para a sua, onde almoçou divinamente, não perdendo um único prato e não esquecendo numerosos cálices de vinho.

Quando terminou o almoço, o que fez já rodeada das cúmplices da projetada "farra", ela tinha as faces vermelhas, os olhos brilhantes e as brancas rosas meio desfolhadas sobre a cabeleira oxigenada e ainda mais em desordem.

Os seus olhares, que erravam continuamente em torno da sala, à procura de novas admirações, encontraram então os olhos cinzentos de Raul de Souza Dias, muito elegante na sua larga roupa de flanela branca, que um cravo escarlate ornava a lapela.

— Quem é aquele rapaz? — perguntou ela curiosa às amigas.

— Um novo hóspede — responderam elas —, um tenente do exército, disse-nos o gerente.

— Que lindo rapaz! — exclamou Maria José, sempre indiscreta nas suas apreciações. — Que olhos! Que boca!

As amigas, todas casadas, fitavam também o moço sem cerimônia e começavam a partilhar da grande admiração de Maria José.

Raul, vendo-se assim observado, aprumou-se na cadeira e os seus claros e ardentes olhos enviados às raparigas, que assim o contemplavam, uma chama nada velada de concupiscência[108].

Elas soltaram em resposta uma risada estrepitosa e, como em fuga saíram a correr do salão, onde Raul e mais alguns hóspedes permaneceram ainda.

Maria José porém, antes de transpor o umbral da porta, virou-se toda e deixou cair sobre o tenente, que a seguia com o olhar risonho, um relâmpago rápido dos seus olhos amarelos.

O programa foi executado pouco mais ou menos conforme a mulher do comendador Villarinho imaginara.

Umas 20 pessoas entre senhoras e cavalheiros, meteram-se nos velhos carros petropolitanos e, cantando, rindo e falando alto, tomaram a direção da Crèmerie que é o Pré Catelan[109] do lugar.

As estradas esburacadas fazendo tombar os veículos para o lado jogavam os seus ocupantes uns contra os outros e os rapazes aproveitavam essa confusão para apertarem contra si as senhoras que, fingindo terror, gritavam entre risos estridentes, risadas gostosas, que faziam correr às portas, assustados, os moradores das vilas semeadas pelo caminho.

Raul tomara parte na festa, não só como hóspede do hotel mais alegre da perfumada cidade de magnólias como pela insistência de Maria José a quem ele fora apresentado nesse mesmo dia, por um amigo comum de ambos.

No seu carro e tão agarrado a ela que só lhe viam a metade do corpo e que o seu cravo escarlate perdera as pétalas nos numerosos encontrões que sofrera, Raul se conservava calado, embora satisfeito, só se servindo dos seus olhos cinzentos como arma de combate. Maria José ia enleada[110] numa excitação que caia muitas vezes, mas que ela exagerava nas ocasiões em que disso se apercebia.

Pela primeira vez, sentia palpitar-lhe o coração egoísta e vibrar-lhe a carne fria. Ao contato daquele homem formoso e jovem, uma emoção súbita e tão doce, que se assemelhava a uma embriaguez lenta, apoderava-se do seu íntimo e ela, fremente e vencida virava então para ele os olhos cor de topázio e engolfava-os sem mais disfarce nos claros olhos de Raul, que os esperavam. Ao penetrarem no jardim da Crèmerie, os cantos aumentaram de tal

modo que um pouco espantada a dona da casa, uma velha alemã, apareceu, tornando-se logo sorridente e amável ao ver aqueles loucos que lhe prometiam não discutir muito de perto a conta apresentada.

Num tropel, desceram todos dos carros e, depois, de escolherem o menu do *lunch* dirigiram-se em confusão para o lago onde os botes de fundo chato, permitiam que os novatos remassem, sem o menor perigo para eles e para os que confiavam neles.

Maria José, porém, deixou-se ficar a última e com um olhar reteve Raul, que, aliás, compreendera o seu manejo e parara, esperando-a. Lado a lado então, dominados ambos pela mesma ideia sensual e oculta suspirando pela mesma sensação Raul e Maria José caminhavam em silêncio, sem verem as flores que desabrochavam a seus pés, ou que se penduravam aos arbustos debaixo dos quais, eles passavam. A visão do lago esverdeado pelo reflexo das árvores copadas e da ilha viçosa que se mirava nele, fazendo-o semelhante a um enorme espelho, onde no centro, o capricho de um pintor desenhasse um minúsculo paraíso verdejante distraiu-os do enlevo em que vinham. Tão deliciosa paisagem encantou mesmo aos dois namorados, que olvidaram um instante a impressão toda física que um inspirava ao outro.

Aliás, todos começavam já a reparar naquele flerte demasiadamente escandaloso pela sua rapidez entre uma moça casada há meses e um homem conhecido naquele mesmo dia.

Maria José, apesar da sua audácia, estremeceu diante dos olhares irônicos que a receberam e por isso largando Raul, pediu a um dos botes que a recebesse, prometendo cantar uma nova cançoneta francesa. O firmamento lembrava um dossel de rosas róseas, entre gaze azul, suspenso por cima do leito verde daquele lago, onde grandes algas se esparramavam como pratos de uma nova espécie. Um perfume de erva pisada, de flores machucadas, elevava-se daquele recanto de sonho e subiam às narinas.

Uma estranha paz só interrompida pelo chocalhar do bambual próximo, quando batido pelo vento, erguia-se de toda a natureza concentrada a fim de suportar a morte com a mesma serenidade com que reviveria no dia seguinte.

Raul, à beira do lago, em pé seguia com os olhos a silhueta endiabrada de Maria José e procurava divulgar a mancha rosada do seu rosto e a do seu colo nu. No silêncio dos campos, ao compasso lento dos remos que empurravam os botes, ela cantava com uma voz estridente, mas entoada:

— *Mariette, ma petite Mariette… Tu m'as trompé çà ce n'est pas chouette.*[111]

E os seus olhos revirados, os trejeitos da sua boca demasiada vermelha sublinhavam a audácia das palavras. Agora, deitada na proa do barco, ela deixava que a luz serena da tarde caísse sobre o seu corpo estendido, cuja saia curta o vento erguia de leve, mostrando, sem que ela fizesse o menor movimento para ocultá-las, as pernas descobertas sob as meias finas. Irradiavam-se daquela rapariga há tão pouco tempo iniciada nos mistérios do casamento, um impudor e um cinismo tão infernais que espantavam mesmo aos mais frívolos.

Apesar de serem todos os que a rodeavam as flores modernas dessa sociedade especial que, como um mau terreno, se produz já envenenadas e infecionadas, um pouco de mal-estar principiou a reinar entre os circunstantes que precipitaram o *lunch* e retomaram o caminho do hotel.

A volta efetuou-se sob um céu constelado de estrelas e ao longo do rio, que parecia um fio de prata a estender-se entre as margens de verdura. Ao longe, as montanhas pareciam monstruosos borrões de tinta no céu ainda claro e um aroma delicioso se evolava[112] por toda aquela natureza languidamente aplacada. Maria José, como lassa, voltava calada, contentando-se em encostar-se muito a Raul, que sentia subir a seu peito de homem uma quentura que ao mesmo tempo parecia-lhe um delíquio[113].

À noite, o baile teve lugar, durando porém, só até meia-noite, porque Villarinho, ciumento, resolvera subir para não deixar a mulher sozinha. Todavia, ao som dos tangos e na cumplicidade das danças modernas, o flerte entre Maria José e o tenente aumentou e

extravasou. Desde esse dia, só se falava no hotel no namoro escandaloso de Maria José.

Algumas senhoras, que muito tinham permitido à noiva de três meses, revoltaram-se agora contra aquela ostentação de amor culpado e voltaram-lhe as costas. A amiga favorita e íntima de Maria José, uma mulher casada, que enganava o marido quando este vinha ao Rio, numa casinha modesta da avenida Piabanha, não permitindo nunca que o amante viesse ao hotel onde ela se hospedava, censurava acremente o flerte vistoso da esposa de Villarinho.

— Um pouco de hipocrisia, minha querida amiga! Tu estás escangalhando a tua reputação!

— Que importa a mim as caretas dessa gente toda, Magdalena! Gosto de Raul, acho-o lindo e mostro-o. Ele não é meu amante!

— Não é ainda, mas é pior que se o fosse, minha cara! Acaba com isto se não queres sofrer um vexame aqui no hotel. Olha que o teu marido vem a saber e...

— Aquela que lhe falar em tal, quebro-lhe a cara, oh sim! Quebro-lhe a cara — dizia Maria José, voltando à sua antiga natureza insolente e belicosa.

— Pois então, filha, faze o que quiseres; mas não estranhes se eu não te procurar tanto como até então o tenho feito. Sabes que sou obrigada a zelar pela minha reputação e pela do meu marido! — respondera Magdalena em voz lenta e calma.

— Tu! Tu também! — gaguejou Maria José no cúmulo do ódio — Tu, que tens um amante e que passas horas inteiras diariamente encerrada com ele na casa da velha alemã da Avenida Piabanha, tu me vens falar em tua reputação e na do teu marido! Estás louca ou bêbada, filha!

— Tu é que estás idiota — replicou Magdalena com desprezo e virando as costas à ex-amiga de quem se tornara, num segundo, a mais acérrima inimiga.

Sozinha, no seu quarto, Maria José rompeu em imprecações contra todos os hóspedes do hotel e tomou a resolução de descer o quanto antes para o Rio. Afinal era senhora das suas ações e o marido, apesar de um pouco mais ríspido, não ousava contrariá-la

abertamente. D. Maria, mobiliava-lhe a casa que o marido alugara para eles, na pacata Rua de São Clemente e ela poderia descer quando quisesse.

Na mesma tarde, na estação ela preveniu Raul dos seus projetos de partida definitiva, prometendo ao rapaz que no Rio, eles teriam mais liberdade e estariam em maior segurança. Quando Villarinho, fatigado da viagem e envelhecido pelo casamento desproporcionado que fizera, desceu do trem esta tarde, a mulher correu-lhe ao encontro e, muito meiga, declarou-lhe que não permitia mais que ele se cansasse assim naquelas viagens diárias e que eles desceriam de uma vez no dia seguinte para o Rio.

Villarinho, compreendeu que alguma coisa se passara no hotel, tanto mais que ele notara os olhares do tenente, os modos secos e os ares distantes de várias senhoras que outrora rodeavam Maria José de amabilidades e de risos; mas como se sentia deveras fatigado daquelas idas e vindas contínuas, abraçou com gosto a opinião da mulher.

Telegrafaram imediatamente ao Sr. Almeida e no dia seguinte, sem se despedirem de ninguém, voltaram para o Rio a fim de se instalarem no pequeno palacete da Rua São Clemente, todo novo e confortavelmente mobiliado pelos cuidados de D. Maria, bem mudada depois da morte da mãe e do casamento da filha.

VII

Quando D. Maria avistou a filha saltando do trem que a trazia de Petrópolis, uma grande emoção empalideceu-lhe a face, destituída agora de todo artifício. Simplesmente vestida de luto e sem o acostumado exagero no uso do longo véu negro que a envolvia, véu este, que modernamente assemelha-se mais sobre os chapéus de crepe a uma bandeira bizarramente garrida do que a uma demonstração de dor, D. Maria adquirira uma distinção suave que impressionava bem aqueles que a encontravam.

Os seus bandós ainda negros, mas que alguns fios de prata já salpicavam, enquadravam harmoniosamente o seu rosto melancólico, que os seus olhos agora serenos, iluminavam de uma chama doce e apaziguante. Ela perdera a afetação de maneiras e a nervosidade dos gestos de outrora, atitude combinada ao anseio de chamar sempre a atenção para o seu lado.

Entre D. Maria e o marido, também presente, notava-se agora um ar de fusão, uma aparência de intimidade renovada que os aproximava um do outro, tendo ambos nos lábios o mesmo sereno sorriso de confiança calma e recíproca.

Maria José deixara-se abraçar pelos pais sem quase os fitar, interessada pelas pessoas vindas no mesmo comboio que ela e que agora desfilavam apressadamente pelo sujo e miserável assoalho da Estação da Leopoldina, à procura dos automóveis ou dos bondes. Respondendo mal e distraidamente às perguntas maternas, ela catava com o seu olhar amarelo os conhecidos aos quais saudava de um modo graciosamente afetado e aos quais seguia com a vista, na curiosidade de saber se tomariam fidalgamente um automóvel ou se meteriam mesquinhamente num reles bonde a 200 réis a passagem.

O Sr. Almeida, notando um certo abatimento na face do genro e um pouco de tristeza nos seus acanhados olhos, apertava-lhe com

mais simpatia a mão rechonchuda e suada, estranhando a sua quietude quando o sabia alvissareiro e barulhento.

O seu olhar triste e já inquieto procurou também o rosto da filha e achou-a com o seu ar mau, do tempo de solteira. Engordara, entretanto, um pouco e no seu *tailleur* cinzento, de largos botões de aço, ela parecia mais mulher, mais insolente e mais perigosa.

Sacudiu involuntariamente os ombros ao pensamento que lhe acudira de que talvez ela viesse novamente perturbar-lhe o pobre lar, onde a morte de uma santa pusera um pouco de paz, com a conversão da mulher. Mas todos caminhavam agora em direção ao automóvel que os esperava e onde antes de entrar, Maria José relanceou os olhos a fim de verificar se ainda havia alguém na estação que a pudesse admirar, tomando assento num luxuoso carro particular. Estava-se no mês de maio e o calor ainda se fazia sentir muito forte no Rio.

Um sol abrasador queimava o asfalto das ruas, amolecendo-o e a abóbada do céu luzia como uma chapa escaldante.

Desde que chegara, Maria José já se queixara três vezes de calor, manejando voluntariamente o pequeno leque que retirara da valise e exclamando a cada instante que se condoía dos que eram obrigados a passar o verão numa capital digna de ser a do inferno.

O suor desfrisara-lhe os cabelos, amarelecera-lhe os cantos da boca e umedecia-lhe o nariz abandonado pelo pó de arroz.

Sentindo-se feia, ela principiou a deixar que o mau humor tomasse conta da sua alma indisciplinada e, como a sua irritação era sempre ameaçadora para alguém, desde que o automóvel começara a andar, ela entrou a fitar a mãe com um sorriso de ironia sobre os lábios que um vermelho desigual carminava.

— Que mudança é esta, mamãe? — disse ela afinal num tom de mofa. — Então você não se pinta mais? E os cabelos? Por que abandonou você aquela linda tintura que usava e que lhe dava um colorido tão negro aos bandós?

D. Maria corou levemente diante do desrespeito da filha que assim a interpelava perto do marido e do genro, mas respondeu com calma:

— Que queres tu? Sou agora mãe de uma senhora casada. E depois, tive e tenho tamanho desgosto com a morte da tua pobre avó, que perdi o gosto pelas frivolidades da toalete. Agora que ela morreu, tudo que ela me dizia durante a sua nobre vida, me vem à cabeça tão insistentemente, que sou obrigada a obedecer-lhe morta, o que não fiz quando ela era viva.

— Ora, mamãe — gritou a recém-casada com um muxoxo de desdém —, deixe-se de tolices! Que importa a vovó no fundo da terra que você ponha carmim nas faces ou pinte os cabelos de preto.

O Sr. Almeida estremeceu e ia intervir, quando Villarinho, muito vermelho, virou-se para a esposa e lhe disse num tom que o pai e a mãe de Maria José não conheciam:

— Vamos, Maria José, cale-se e respeite a sua mãe.

A mulher deu de ombros e aconchegou-se mais para o fundo do carro, que entrava agora pela Avenida Beira Mar, onde o mar glauco parecia refletir o céu como um enorme espelho. Pelos bancos entre a verdura, senhoras com crianças sentavam-se fitando atentamente os automóveis que passavam. Um ou outro cachorrinho de luxo latia ao fonfonar dos veículos apressados. O silêncio reinava entre os quatro personagens.

Villarinho ia envergonhado pela mulher e o Sr. Almeida e D. Maria compreendiam que a filha lhes voltara tão desequilibrada como casara. E a pobre mãe sentia no seu desgosto uma ponta de remorso. Afinal, ela tocando ligeiramente no braço de Maria José que parecia amuada, disse lhe afavelmente:

— Minha filha, arranjei o melhor que pude a tua casa da Rua S. Clemente e aluguei-te também uma cozinheira. Somente por hoje vocês almoçarão comigo na Rua D. Marianna e depois iremos todos à tua nova casa.

Maria José julgou dever mostrar-se indiferente e foi Villarinho quem respondeu por ela:

— Agradeço-lhe imenso, D. Maria, todo o trabalho que teve conosco e certamente a pressa inesperada com que voltámos, deve tê-la surpreendido. Um capricho da sua filha que não queria voltar

para cá, apesar dos meus rogos e que um belo dia, se resolveu a isso, sem me dizer sequer o motivo dessa decisão.

O pai e a mãe de Maria José, insensivelmente, como por instinto, olharam-se durante alguns segundos e os seus olhos exprimiam claramente uma indagação. Em verdade, que teria sucedido em Petrópolis, para que a moça se decidisse tão repentinamente a deixá-lo?

Maquinalmente, fitaram a filha e verificaram com terror que ela corava e que, de rosto virado, fingia não prestar atenção à conversa. D. Maria então tremeu e procurou distrair o genro, perguntando-lhe pelas pequenas coisas que ainda faltavam na casa, conversa em que o marido tomou parte.

Só Maria José não falava, jurando dentro do seu íntimo que sacudiria o jugo marital como sacudira o do pai.

E uma pequena cólera lhe vinha contra a mãe que ela encontrava mudada, burguesa e com ares de mestra escolar. Pela Rua dos Voluntários da Pátria, o automóvel entrava agora fonfonando ruidosamente.

De um lado e do outro da aristocrática rua, palacetes erguiam-se entre jardins ridiculamente arranjados à inglesa. Dos muros e das grades, trepadeiras viçosas espreitavam para a calçada, cobrindo-a de um tapete de pétalas caídas e de cores diversas. Ao longe, no horizonte, a Pedra da Gávea, como o monstruoso assento de um gigante, e o verdejante Corcovado surgiam como por encanto no fundo azul do firmamento.

Antes do automóvel dobrar a esquina da Rua D. Marianna, Maria José disse, mirando um soberbo edifício, moradia de algum milionário ou “novo rico” e soltando um suspiro de desejo insatisfeito:

— Quando morarei eu num destes grandiosos palacetes da Rua Voluntários?

Villarinho ruborizou-se todo como se tivesse levado uma bofetada, mas respondeu logo com o seu sotaque português que se acentuava quando a raiva o dominava:

— Morará num deles quando eu bem entender e quando fizer por quê.

Ainda uma vez, D. Maria e o marido trocaram um olhar. Decididamente, as relações daquele casal principiavam a toldar-se.

Tinham chegado, porém, e em silêncio todos desceram do carro luxuoso e entraram na modesta casa, onde as rosas, tratadas outrora pela velha D. Anninha, floresciam agora cuidadas por D. Maria que se dedicara a elas, como num culto à memória da mãe.

VIII

Silenciosa e um pouco amuada, Maria José sentou-se na sala de jantar sem um olhar de saudade para a casa em que vivera tantos anos. A conversa entabulou-se entre os quatro personagens, interrompida, sem intimidade, sem fusão.

D. Maria perscrutava a fisionomia fechada da filha, enquanto o marido estudava a do genro. O almoço foi comido sem cordialidade e só no fim, Maria José se decidiu a conceder um ar da sua graça e para isso, foi necessário que ela se recordasse de que para ver o Raul precisava do álibi que seria a casa materna. Entrou então a censurar a vida em Petrópolis, a narrar-lhe as misérias, citando as senhoras que possuíam amantes e os nomes destes.

Não escapou nenhuma das suas antigas amigas do hotel. O marido olhava-a boquiaberto e surpreso.

— Mas, filha, se elas eram assim tão mal procedidas, como vivias tu a abraçá-las? — perguntou ele.

— Só soube disso no fim e é a razão por que decidi abandonar Petrópolis e descer de uma vez. — Mentiu audaciosamente a flor moderna!

O pai e a mãe de Maria José entreolharam-se furtivamente, enquanto o velho comendador continuava a fitar a mulher com espanto e descrença.

Afinal, acabado o almoço, a pé, tomaram o caminho da Rua São Clemente em direção ao novo ninho do casal tão disparatado. O calor aumentara e o sol banhava agora completamente as duas calçadas da Rua D. Marianna.

Nem a mais leve brisa se fazia sentir. Dentro dos seus jardinzinhos de relva crestada, pequenas vilas claras se erguiam como habitações de bonecas e, sobre todas elas, os raios solares caíam sem piedade e como línguas de fogo.

As senhoras caminhavam na frente enquanto os dois homens seguiam-nas conversando e foi, nessa ocasião, que Villarinho aproveitou para dizer ao sogro que contava com a proteção de D. Maria para que a mulher não se sentisse demasiado só, enquanto ele trabalhava.

— Ela é muito criança e precisa ainda uns conselhos maternos.

O Sr. Almeida estremeceu e, num gesto, confirmou as palavras do genro.

Maria José e a mãe também conversavam e a primeira lastimava-se da velhice do marido, do seu pouco gosto pelas danças e da transformação que se dava nele.

— Imagine que Villarinho agora se tornou moralista, mamãe! Detesta as saias curtas, os decotes e os braços nus.

— Mas, minha filha — replicou D. Maria com doçura —, tu abusas da moda e a exageras! Como mulher casada, tu precisas de mais recato, Maria José!

— Ah! Meu Deus! Meu Deus! — gritou quase a recém-casada, com horror e desalento, penetrando na sombria Rua São Clemente, onde os mais grandiosos palacetes e soberbos parques se encontravam. — Vocês estão agora todos moralistas e eu que viva nesse inferno. Até você, mamãe, até você!

D. Maria corou e uma pequena tristeza mordeu-lhe a alma.

Sim, a filha tinha razão de se mostrar assim espantada! Ela fora tão leviana na sua educação, tão inconsciente dos seus deveres de mãe. E novamente, diante dos seus olhos que uma lágrima umedecia, a visão da mãe surgiu como doce recriminação.

Pela forçada justiça emanente das coisas, dos nossos maus atos, das nossas injustiças, ela pagava o que fizera à mãe!

A filha falava-lhe no mesmo tom com que ela falara à santa velhinha de cabelos brancos e de olhos magoados e que morrera de desgosto.

Ela emudecera e Maria José talvez arrependida, encetou outro ramo de conversa.

— E Zelia como está? Que faz?

— Zelia entrou para o teatro — respondeu lentamente D. Maria —, com grande pesar da mãe. Mais uma que se afoga nesse

oceano de loucuras que nos invade.

— Ah! Ah! Ah! Gargalhou a moça com ironia. Zelia no teatro! Que pândega que ela é! E a Henriqueta? E o Paulo?

— Sei que Henriqueta está na Argentina e que Paulo casa-se breve com a filha de um rico fazendeiro paulista. Encontrei-o outro dia na Galeria Cruzeiro, quando tomava o bonde e ele me participou o enlace que será brevemente realizado.

— Ah! — disse baixo a ex-noiva de Paulo. — Afinal caçou mulher rica. Atrás disso andava ele. E o Villarinho não foi senão um pretexto para o rompimento qual ele ansiava.

Não perdoara ainda ao rapaz ser ele quem a deixara.

A lembrança, porém, de Paulo, acalmou-lhe o rancor que nutria agora contra a mãe. Ela nunca amara afinal, ao Paulo e pela primeira vez, o seu coração falara e era em favor do jovem tenente, que devia ser adorável de farda, pensava ela.

A mãe nada respondeu às palavras da filha que ela sabia injustas e, logo depois, entraram na casa que devia abrigar as alegrias e os pesares do casal.

Era um prédio de dois andares, no feitio de uma vila, com uma varanda ao lado e no meio de canteiros salpicados de crisântemos amarelos. Maria José, os pais e o marido foram recebidos pela criada e imediatamente percorreram a casa que pareceu à moça, indiferente ao conforto e ao requinte, habitável e satisfatória.

Villarinho agradeceu muito aos sogros o incomodo que lhes dera e, depois de indagar da mulher se não necessitava de nada, saiu com o Sr. Almeida para tratar dos seus afazeres.

Uma vez sós, a mãe e a filha, no largo aposento do casal, D. Maria perguntou docemente à rapariga se ela era feliz.

Um muxoxo da filha respondeu-lhe e, à observação da mãe sobre a melancolia notada no genro, ela respondeu estirando-se na cadeira de balanço e bocejando fortemente:

— Um velho como ele, que alegria quer você que ele tenha? E depois somítico[114], poupado, aborrecido! Enfim!

— Minha filha! Minha filha! — exclamou a pobre mãe já aflita. — Com que tom falas do teu marido!

— Ora, mamãe, eu falo no tom com que outrora falavas do papai. Estou com a impressão de que todos os homens casados se parecem. Ah! Se eu soubesse, nunca me teria casado! Somente o Villarinho que não me aborreça demais porquê...

— Cala-te, por Deus; não digas asneiras, filha — soluçou quase D. Maria, ocultando o rosto entre as mãos.

E depois de um segundo de silêncio, em que Maria José verdadeiramente surpresa, mirou atentamente a mãe, esta levantou-se com dignidade, preparando-se para partir.

Maria José não a reteve, ansiosa por correr ao telefone a fim de conversar com o Raul, que esperava este chamado, deitado no seu quarto em uma pensão no Leme. E uma vez, com a boca no aparelho, sem se incomodar com a nova criada, Maria José trocou com o rapaz as mais audaciosas frases de amor, marcando-lhe um encontro num cinema, na tarde seguinte.

E a vida começou para o casal Villarinho como ela desfila para todos esses casais que não se entendem, que não se amam e que só o interesse carnal ou financeiro uniu sob o nome de sacramento.

No princípio o velho comendador proibiu as saídas diárias e solitárias da mulher. Mas como ela encolhia os ombros e inventava sempre o nome de uma amiga com que dizia ter saído, ele fingiu acreditar na mentira e, muito triste, não a interrogou mais. Principiou então para a Maria José a existência que ela sonhara. Percorria os cinemas com Raul, sentava-se nas últimas cadeiras a fim de poder beijá-lo durante as trevas e frequentava diariamente as casas de chá em companhia dele e de amigas levianas como ela.

No Trianon, em matinê, fora um dia ver a Zelia como artista e avistando-a num papel secundário, intimidada e *gauche*, prorrompeu numa risada que chamou para si a atenção da malograda atriz que mordeu os lábios de ódio ao reconhecer a amiga. E assim, flor moderna, caminhava Maria José pela vida, destilando o veneno do mal, da crueldade e da infâmia, desequilibrando lares, desonrando nomes e criaturas.

Muitas vezes, o tenente arrepiado por senti-la anormal e amoral, teve ímpetos de fugir, mas atraia-o como a todo o homem muito moço, o cinismo e sensualidade da amante.

O pobre Villarinho reconhecia agora o seu erro, ao encontrar a casa sempre vazia, abandonada e maltratada e a mulher leviana, cínica e indiferente.

Havia dias em que, na cólera, puxava pelas suíças grisalhas e amaldiçoava a si mesmo. Todavia, diante dos carinhos que Maria José lhe fazia ainda ao voltar dos infames passeios, ele duvidava da sua desventura completa e da sua desonra conhecida.

No Rio de Janeiro, as cartas anônimas e as telefonadas em voz disfarçada estavam muito em uso, desde que a sociedade evoluiu, desde que o progresso e a civilização se implantaram nos seus hábitos e nos seus salões.

Villarinho entrou a receber no seu escritório missivas anônimas contra o viver da esposa e telefonadas sucessivas anunciando-lhe seus *rendez-vous* com Raul. Ele duvidava sempre. Mas um dia, dia fatal, entre todos para Maria José, pelo telefone, uma voz aflautada, que lembrava a voz da atriz Zelia, perguntou-lhe se ele não tinha vergonha de ser assim enganado e vilipendiado publicamente por uma mulher. Corresse..., fosse depressa ao Hotel Juventas, em Santa Teresa, e lá encontraria a esposa em pleno pecado mortal.

Villarinho enrubesceu de tal modo, que o sangue lhe arroxeou o rosto a ponto de torná-lo completamente negro. Desabotoou o colarinho, bebeu de um trago o copo d'água que lhe apresentou o criado e depois, endireitando-se, tomou o automóvel e deu-lhe a direção do pitoresco hotel. Pela Rua Francisco Muratori o carro deslisava, entre prédios novos, alinhados numa regularidade de brinquedos de crianças e despontou no meio da verdura do muro que um nome de santa denomina. A tarde caía, uns raios de sol iluminavam ainda os tetos dos edifícios e embaixo, a cidade resplandecia como uma cidade de infernal fulgor. Como um enorme brilhante facetado, o mar se estendia refletindo o céu na sua transparência, que sobressaía entre os morros violeta. Uma vida intensa, um colorido excessivo, um relampaguear de vidraças evolavam-se daquele tumulto de casas, cujos vidros das janelas, cujos aços das construções, cujo movimentar de criaturas faiscavam, deslumbravam-se, feriam os olhos.

Na montanha, a verdura compacta das árvores, das moitas, das barreiras cobertas de vegetação, contrastava pela sombra que despejavam em torno de si, com a ardente fogueira da cidade vermelha.

Villarinho nada via da intensa beleza daquela tarde estival, não compreendia a calma daquela natureza grandiosa e empolgante.

De quanto em quando levava a mão à testa e o seu olhar de louco se pousava sobre os trilhos do bonde que lhe pareciam duas fitas de aço incandescente, alongadas sobre a estrada.

Quando o automóvel parou à porta do hotel todo coberto de hera e de outras trepadeiras que o envolviam como numa rede de folhagem, e colocado como um ninho à beira da montanha, ele saltou ligeiro como um rapaz de 20 anos.

Não teve muito que andar, pois logo ali no terraço, que flores murchas cobriam, ele avistou Maria José num quimono de seda negra semeado de íbis branco a conversar com um rapaz de pijama aberto sobre uma camisa decotada de mulher.

Ambos se estendiam sobre duas cadeiras de balanço e, serenos, seguros da impunidade, trocavam frases soltas e pequenas risadas que soavam no silêncio que os rodeava, com um ruído de cristal. Ele esteve alguns minutos a observá-los através do intrincado das folhas da hera e reconheceu então no cúmplice da mulher, o tal hóspede do hotel petropolitano, de quem ele já observara os olhares insistentes.

No segundo tremendo em que reconheceu a sua desonra, Villarinho recobrou o seu sangue-frio e foi de passo firme e atitude grave que ele avançou para os dois culpados. Raul empalideceu e Maria José purpureou-se. O primeiro ergueu-se da cadeira, enquanto a segunda permaneceu sentada, tendo somente deixado cair na sua perturbação involuntária, o cigarro que fumava.

O velho comendador mirou-os a ambos em silêncio e, depois, calmo, com uma dignidade desconhecida da mulher, pronunciou as seguintes palavras que ela recebeu com um simples meneio impertinente de cabeça:

— Devia matá-la, mas para quê? D'ora em diante, compreende bem que não pode voltar à minha casa. O cavalheiro naturalmente,

tomá-la-á à sua conta. Dou-lhe os parabéns pela aquisição. — E diante dos olhares dos dois ele virou-se em direção ao automóvel que o esperava e desapareceu, encoberto pela rede intrincada e espessa das trepadeiras. Num fonfonar violento, como gritos lancinantes, o carro descia agora as curvas da estrada.

A cena fora curta e seca, mas no coração do infeliz marido a sua vibração fora dolorosa e horrível. No seu anseio de confidentes, ordenou ao chofer que o levasse à Rua D. Marianna e, indiferente, este tomou a direção de Botafogo.

Diante dele, então, um imenso horizonte cor de lilás se apresentou, reluzente e branca, a fortaleza de Villegagnon[115] surgiu dentre as águas glaucas da baía.

Villarinho ia agora cabisbaixo e as suas mãos roliças e curtas, de português, gordo, descansavam sobre os seus joelhos redondos. As suas faces adquiriram uma palidez doentia e tombavam a meio, como subitamente amolecidas. Sobressaltou-se quando o carro, dobrando violentamente a curva da rua, estacou defronte da casa conhecida.

O Sr. Almeida, chegado havia pouco da repartição, estranhou-lhe os modos graves e a fisionomia transtornada. Quase sem o saudar foi levando-o para a sala de jantar, onde D. Maria se encontrava arranjando a mesa para essa refeição. Ela também estremeceu ao ver o genro lívido e cambaleante e, instintivamente, levou a mão ao seio.

Villarinho deixara-se cair sobre uma cadeira e, sem tirar o chapéu, principiou a falar de olhos baixos e gestos vagos:

— Vim aqui participar-lhe que acabo de encontrar a sua filha com um homem, em plena intimidade, no Hotel Juventas, em Santa Teresa. Não a quero mais. Enviarei para cá as suas malas e as suas roupas. Quanto a mim, parto para a Europa no primeiro vapor. Pago muito caro o erro que cometi desposando uma menina moderna, eu, um homem velho e de trabalho. Ah! — gemeu ele — Eu fui vítima dessa atmosfera envenenada em que vivemos hoje, no meio dessas pernas nuas, desses braços sempre à mostra, desses seios que se oferecem! É horrível, horrível!

O Sr. Almeida e a mulher em pé diante dele, cambaleavam quase. Involuntariamente o marido mirava a esposa com cólera. Esta não se pode conter e soluçando, gritando quase no choro histérico, saiu pelo corredor, exclamando:

— Ah! Minha mãe, minha mãe!

Os dois homens, um defronte do outro, permaneciam em silêncio. De repente o pobre empregado público, com um gesto irreprimível de humildade, estendeu ao genro a mão esfriada e trêmula, dizendo-lhe numa voz entrecortada:

— Perdoe-me, senhor comendador o mal que eu lhe fiz.

A noite tombara de todo do firmamento que se cobria de estrelas. Na sala escura, o sogro e o genro choravam agora um nos braços do outro.

Na varanda do Hotel Juventas, banhado agora pela brisa noturna, Maria José despedia-se do tenente que a aconselhara voltasse pelo menos para a casa dos pais. Irônica, ela seguiu o seu aviso, mas prometia a si mesma que não se demoraria muito tempo sob o teto aborrecido da Rua D. Marianna.

Uma vez só, Raul jurou a si próprio que sairia daquela situação fosse como fosse. E tomou a firme resolução de se reunir ao seu batalhão que se achava no fundo de Mato Grosso.

Sobre todo esse complicado palpitar de almas, a noite, no seu véu negro constelado de estrelas, se estendia na sua calma e serenidade ordinárias.

IX

No Rio, as convulsões produzidas pela guerra tremenda, surgida de interesses que se contradiziam, e pela nossa declaração de guerra à Alemanha, ecoavam ruidosamente, despertando outros tantos interesses, outros tantos sentimentos, patriotismos fictícios, vibrações reais, anseios de lucros...

Diariamente os jornais traziam os nomes conhecidos dos que se alistavam nos batalhões, nas linhas de tiro. Uma invasão de fardas desabou sobre a cidade pacata e antimilitarista e como uma labareda, o desejo de mobilização, a novidade de uma decisão do governo, lavrava pelas ruas, pelas praças e pelas casas.

O ministro da Guerra procurado, entrevistado, sugestionado, negava-se a proclamar uma ordem que ele sabia inútil e prejudicial.

As brasileiras mais exibitivas, fardaram-se e erravam pelas avenidas num ardente anseio de glória e de admirações e muitas mães, olvidadas do sentimento mais forte da humanidade, encetaram ridículas declarações patrióticas pela imprensa, mostrando-se prontas a enviarem os filhos às primeiras trincheiras a fim de que eles defendessem o pavilhão... estrangeiro. Sereno, impassível, todo azul e ouro, o céu do Brasil, o mais formoso céu do universo, desdobrava sobre todo esse entusiasmo violento, demais para ser sincero, a sua abóbada imaculada e ridente.

Alguns homens, no seu alargamento de visão prática, idealizavam já vastos negócios, importantes transações e imaginavam ser os *nouveaux riches*[116] do Brasil.

De quando em quando, uns tantos desgraçados maltrapilhos, hirsutos e aterrados, desembarcavam dos vapores vindos do Estados e atravessavam as praças, acompanhados pelas esposas e mães, que desgrenhadas e meio-loucas, choravam copiosamente, no terror de os verem partir para uma guerra que não lhes dizia

nada. Eram os infelizes sorteados! Todo esse crepitar de sentimentos e de anseios de toda a espécie desfaziam-se à porta da casinha branca de Hortencia.

Ela fizera dizer uma missa por alma do esposo pecador e recebera as visitas dos amigos que lhe vieram trazer as suas condolências, muitos por curiosidade e alguns por simpatia, numa atitude digna e reservada. Envergara um luto discreto e distinto, continuando no seu viver monótono e honesto.

Entre as pessoas que a visitaram, D. Luiza se fez notar pelas palavras judiciosas e sãs com que avivou a conversa um pouco frouxa entre criaturas que vinham apresentar pêsames a uma viúva moça e bonita e a quem a morte de um marido que a abandonara, não podia afligir demasiado, sem hipocrisia, nem falsidade. Jorge enviou simplesmente o seu cartão. Dois meses se passaram sem que Hortencia visse melhorar a sua situação e entrar pela sua existência sombria e isolada, o raio de sol confortador e radioso que ela esperava.

Afinal, por uma tarde fria de inverno carioca, em que o firmamento parece de cristal e as folhagens das árvores de um verde renovado, ela sentiu o desanimo e a dúvida penetrarem no seu coração. Porque não aparecera Jorge até então a oferecer-lhe o seu amor, a sua proteção, o amparo do seu peito de homem? Não era ela agora livre?

No seu vestido negro que lhe realçava a alvura do rosto e das mãos, ela chamou pelo filho e se dirigiu ao jardim cujo portão se ocultava a meio entre os festões das glicinas roxas e de jasmins alvos.

Na curva do caminho os bondes desciam à cidade repletos de moças de toaletes claras, que palravam[117] alegremente à alegria daquela tarde luminosa. Um ou outro automóvel fonfonava roucamente à subida da montanha e a sua bandeirinha vermelha luzindo ao sol. Em torno da moça toda de preto, as árvores sobrecarregadas de folhagem, o imenso horizonte claro e o precipício movimentado e refulgente da cidade a seus pés, aumentavam de aspecto e de colorido, enquadrando-a de uma

moldura grandiosa, que mais realçava a sua fraqueza e o seu abandono. No cume de um morro ao longe, uma estrela crepitou e logo a lua em crescente surgiu no céu como uma foice sem cabo. Lentamente, a noite vinha acinzentando e sombreando a terra. Num só movimento a luz jorrou dos grandes candelabros erguidos como forcas à beira da estrada e estes, semelhantes a monstruosos pirilampos surgiam entre a verdura. Encostada ao portão, sozinha, pois o filho vendo-a pensativa a deixara, Hortencia entregava-se a um torpor em que o seu pensamento parecia ausente.

A calma daquela natureza adormentava-a, untava-lhe a alma de uma modorra em que não havia desejos, nem sonhos, nem palpitações. Os seus largos olhos, fitos ao longe, não viam, não exprimiam nada. Súbito estremeceu, uma sombra parava diante dela e ainda mal despertada, ela adivinhou Jorge que lhe estendia a mão.

Em borbotões, todos os seus sentimentos de amor, de anseio por ele subiram-lhe à mente e coloriram as suas faces de um rosa delicioso.

Jorge sorrira, vendo-a assim enleada e, naquela voz, que lhe perturbava as noites e que ela evocava de dia, ele lhe pediu licença para entrar na sua tebaida[118]. Como batia o seio da moça e lhe tremiam as mãos e as pernas, ao conduzi-lo naquela salinha, onde a lâmpada já acesa derramava em torno de si a sua claridade enluarada!

De novo Hortencia e Jorge estão sós na saleta, em que quadros riem nas paredes e folhagens espreitam entre as cortinas. Sobre a mesa onde a moça pousa o braço que estremece, rosas vermelhas encostam-se à beira dos copos e trescalam um aroma doce, longínquo, que se confunde com o perfume de Hortencia. Na sua cadeira costumeira, o médico envolve-a num olhar de posse e de paixão e sem uma frase alambicada[119], sem uma palavra banal, ele lhe estende a mão grande, branca e bem tratada sobre a qual sem uma hesitação, Hortencia coloca a sua destra pequenina, mimosa, de unhas brilhantes e rosadas. Depois, os olhos se encontram e as bocas falam quase ao mesmo tempo.

Jorge explica a sua atitude passada, descreve o seu sofrer de longos meses, grita o seu amor, que o transforma, que o torna outro aos olhos da amada.

Sempre com as mãozinhas da rapariga entre as suas, ele lhe diz agora o que espera dela, como ele anseia pelo seu dom absoluto, pela posse do seu corpo adorável e da sua alma elevada.

Dos seus largos olhos de sábio, uma chama de desejo e de ventura se irradia que lhe avermelha a boca severa e lhe ilumina o rosto grave. E Hortencia tímida agora diante daquele ardor que a queima toda, assemelha-se a uma flor enlanguescida pelos raios muito cálidos do sol. No seu peito de homem, ela apoia a sua cabecinha pequena e dos seus braços robustos ele lhe faz uma cinta ao seu talhe esbelto. E ambos falam quase ao mesmo tempo do seu amor numa voz lenta e baixa. Ele a mira enlevado, seduzido, e ao encontrar os seus lábios cor de cereja, que, como uma fruta, ela ingenuamente lhe oferece, ele crava neles os seus lábios sedentos e secos.

No aposento silencioso, as flores fanam-se e deixam cair as suas pétalas sobre a mesa, enquanto, empurradas pela brisa, as cortinas balançam-se e sacodem-se como velas de navio…

Jorge e Hortencia combinam os seus planos de futuro, o seu casamento, a sua ventura... À noite, D. Luiza virá com o filho corroborar o pedido deste.

Jorge partira e Hortencia, sozinha agora, no salãozinho enluarado pela luz da lâmpada azul junta as mãos, que ainda tremem, e agradece a Deus e a Jorge a sua felicidade digna e forte.

Na montanha, que um nome de santa patrocina, os passarinhos dormem entre as folhas, os grilos cantam de quando em quando e entre as moitas, inúmeras larvas se desenvolvem e se completam nas sombras da noite...

No seu leito alvo, que um cortinado transparente envolve como uma nuvem, Joãozinho dorme com os cabelos em desordem sobre o travesseiro de rendas. Hortencia beija-o com dobrado carinho e promete-lhe baixinho, amá-lo sempre do mesmo modo.

No seu gabinete, Jorge tenta, em vão, ler uma revista de ciência.

Todo o seu pensamento corre à sala enluarada, onde uma linda mulher oferece a boca que cheira a flor e a fruta e cujo sabor é ao mesmo tempo suave e ardente como um néctar confeccionado pelo paraíso e pelo inferno em colaboração.

O amor, quando forte, diviniza as criaturas e dá-lhe o antegozo das alegrias celestes que nos esperam, segundo nos prometem, ao despertarmos do pavoroso sono da vida.

X

A desolação do pai e da mãe de Maria José ao verem-na voltar para casa depois de alguns meses de casada foi tremenda e sem expressão. Tanto mais, que a filha se lhes voltava com o mesmo olhar cínico, a mesma alma audaciosa, as mesmas atitudes levianas e exibitivas.

O marido reenviara as roupas e mais objetos pertencentes à esposa e todos sabiam, que ele partiria breve no *Garonne* para a Europa.

Não recebeu, porém, com o mesmo pouco caso, a notícia de reunião do Raul ao seu batalhão em Matto Grosso.

Quando à sua telefonada, da pensão do Leme, lhe responderam que o rapaz não morava mais lá e embarcara para Cuiabá, ela tremeu de ódio e vingou-se do amante numa risada nervosa, em que pronunciava o seu nome envolto nos mais degradantes qualificativos.

A mãe procurava aconselhá-la, apaziguar aquela natureza desequilibrada, mas esbarrava ante as frases da filha que lhe relembrava o seu mau passado, o seu modo incorreto de proceder de outrora. Entretanto, D. Maria dispunha de uma força: a sua completa fidelidade ao esposo e dessa força, ela tentava servir-se, mas em vão, ela batia nesta nota que saia firme e inatacável na sua vida um tanto desregrada e inútil. A filha disse-lhe um dia:

— Ora, mamãe, você fala demais numa honestidade à qual ninguém deu combate. Seria ela irresistível se diante de você surgisse a paixão com toda a sua espécie de prazeres e de encantos? Você desdenhava tanto a mediocridade do papai...

D. Maria calou-se, e, dos seus olhos irritados, uma lágrima quente, como aquelas que corriam dos olhos murchos da mãe, correu-lhe pela face que uma vergonha corava.

Maria José sacudiu os ombros e tomou a resolução de deixar a casa materna.

Villarinho, ia já pelos mares além, levando dentro da alma o espinho do seu ridículo e da sua desonra. Envelhecera muito e perdera os ares garridos e alvissareiros que o tornavam pouco respeitável.

O sogro fora ao seu embarque, muito humilde, muito triste e acabrunhado. Depois da separação da filha, o Sr. Almeida tornara-se completamente macambuzio, evitando mesmo a mulher, com quem ultimamente vivera na melhor harmonia e fugindo da filha de quem receava uma explicação.

O comendador, do qual fora outrora o inimigo, era o único que lhe merecia a simpatia e o respeito, visto como pagava com a sua desventura e a sua dignidade, o amor que nutrira pela rapariga mal-educada e monstruosa em que se tornara a sua filha.

À hora em que o sino de bordo badalava desesperadamente, convidando as visitas a retirarem-se para que o vapor pudesse partir, Villarinho entregou ao sogro uma ordem bancária, para que a mulher pudesse receber mensalmente 200 mil réis.

O Sr. Almeida quis recusar, mas o genro empurrou-o brandamente para a escada e sumiu-se entre os passageiros com lágrimas empanando os pobres olhos fatigados. O triste empregado público tomou então o caminho do cais do porto, inundado, por aquela manhã de inverno, de uma chuvinha miúda e cinzenta que cobria o mar, a cidade e os morros de uma bruma densa e triste.

Em casa e sem uma palavra, entregou à Maria José a ordem bancária e ouviu-a murmurar entre dentes: "Sempre somítico! Sempre reles!"

Poucos dias depois, malgrado os rogos da mãe e os olhares horrorizados do pai, a moça abandonou pela segunda vez a casa da Rua D. Marianna, indo morar com uma amiga que dirigia uma pensão de segunda ordem. D. Maria, à partida da filha, enfermou seriamente, necessitando dos cuidados contínuos do marido que não a abandonou um só instante, apiedado daquele remorso tardio, que tão duro castigo acompanhava. Quando a pobre mãe deixou o

leito, os seus cabelos estavam francamente grisalhos, e, no seu rosto, que antigamente rosas ornavam, rugas fundas corriam.

Maria José, fruto de educação moderna, ansiosa pela liberdade absoluta e pelos gozos que ela antevia nessa liberdade, levava agora uma existência que cada dia mais a ia depravando e inutilizando. Todas as tardes, ela era vista a errar pela avenida, estendendo as mãos aos homens que a saudavam pelo nome próprio e sem mais tirarem o chapéu. Enveredava depois pelos cinemas ou pelas casas de chá, chamando a atenção pelas toaletes vistosas e pela nudez dos seus braços e do seu colo. Dias seguidos, ela era vista em companhia de um homem, do qual sucediam muitos outros, numa vertigem, numa rapidez estonteante e vergonhosa.

Abusava das gargalhadas estridentes, dos olhares ousados e, da sua boca demasiado vermelha, irrompiam frases e ditos que deviam fazer estremecer a velha avó no seu caixão negro que a terra aos montões cobria.

Uma bela manhã, brigou com a amiga e deixou-a como deixara os pais e o marido. Alugou uma casa na Rua Buarque de Macedo e, olvidada da sua família, da sua categoria e da sua educação, fez dessa casa um ninho protetor dos amores dos outros.

Pela manhã, gorda, vermelha e com os cabelos de duas cores pois nem sempre se achava com coragem para oxigená-los Maria José era vista na janela envolta num largo penhoar branco que lhe desnudava os seios e os ombros.

E essa pobre flor moderna não completara ainda 25 anos!

Quando, por qualquer circunstância, o pobre pai era forçado a passar de bonde pela esquina da rua onde a filha ostentava tão infame viver, ele sentia o rubor subir-lhe à face precocemente envelhecida e parecia-lhe ler nos olhos dos seus companheiros de viagem um imenso desdém por ele. Procurava então ocultar o rosto entre as folhas do jornal que seu olhar angustiado percorria sem atenção e, muitas vezes, tinha de abafar um soluço que lhe irrompia da garganta apertada. Em casa, D. Maria, fanada, doente e infinitamente triste, evitava sair, fugia das relações e atirara-se a religião estreita de genuflexões contínuas e preces murmuradas a todo instante. Um lar enfim desolado sem que a esperança ou a

serenidade do viver adejassem[120] sobre ele. Como se tivesse absorvido toda a seiva e todo o veneno que o mal parece servir aos seus adeptos, Maria José florescia e gozava a vida amplamente, sem escrúpulos, nem preconceitos de nenhuma espécie.

Até então era a única venturosa... O castigo vinha ainda longe... A coroação da sua carreira feita de inconsciência, de violência e de impudor, parecia ainda distante.

XI

Ao inverno tépido e luminoso do Rio, sucedeu o escaldante verão. À radiosa *season*[121], à corrida nos teatros, às reuniões em torno das mesas de chá seguia-se a debandada para as montanhas, para as cidades de águas. O céu de porcelana transformou-se numa abóbada faiscante e as calçadas queimavam debaixo dos pés que as pisavam. Pelas noites de luar, o Rio se estendia como uma cidade de sonho, todo branco, morno e com as suas árvores imóveis semelhantes a árvores artificiais, transportadas de paraísos longínquos.

O Congresso realizava as suas últimas sessões e pelas ruas, pelas casas, em conferência, o assunto "guerra" era discutido com vigor, com anseio, com delírio.

Tudo e todos palpitavam, vibravam, à intensa chama vermelha do verão, que lambia o Rio, de manhã à noite, incansável, contínua, como a centelha de um fogo alimentado por alguma sacerdotisa do templo de Vesta[122]. No meio de todo esse calor que fazia germinar da terra inúmeros borbotões de vida e no convulsionar de todos esses sucessos, os sentimentos das criaturas adquiriam uma intensidade extraordinária.

Os suicídios multiplicavam-se e os assassinatos eram cometidos com a simplicidade dos gestos pré-históricos.

O amor, deus supremo, que irrompe dos corações humanos quando por qualquer motivo eles precipitam o seu bater, como uma fagulha do mais leve atrito de eletricidade, surgia de todo esse fervilhar de terror de desejos de lucro, de anseios por acontecimentos inesperados de patriotismos excitados.

Da expectativa terrível de uma partida para uma luta sangrenta, a paixão ardente e atrevida aparecia como um estímulo e um consolo à solenidade desse partir.

Nunca se amou tanto no Brasil inteiro, como nessa hora em que todos contavam com uma mobilização em que se seguiria um embarque apressado de batalhões para o estrangeiro.

Casamentos realizavam-se a correr e as amantes impiedosas, que se recusavam até então aos anelos[123] dos seus amados, renderam-se como praças... fracas de guerra.

Iluminados, aquecidos, pelos raios do astro rei, todos esses quadros de amor, de patriotismo e de separação próxima que pairava sobre eles como uma nuvem poética, avolumavam-se, ampliavam-se.

No seu jardim, onde as flores se crestavam entre a folhagem mais rara das suas trepadeiras, Hortencia passeia a sua última manhã de viúva.

Àquelas mesmas horas do dia seguinte, ela estará casada com Jorge e entrando, pelo seu braço, no ninho de amor, onde D. Luiza a espera contente e serena.

A moça, porém, toda alva no seu vestido de cambraia, não mostra na sua fisionomia, a alegria radiosa que devia ser a sua expressão naquele dia, em que, triunfante e gloriosa, ela vence!

Nas suas mãos, um papel amarrotado se oculta e mais uma vez, à sombra do caramanchão, salpicado por jasmins ela o desdobra e lê.

Era uma carta de Luiz de Nerval, contando-lhe o suicídio de Henriqueta em Buenos Aires e como a encontraram morta, entre os lençóis brancos da sua cama, e com os cabelos cor de fogo, soltos e enriçados como serpentes vivas em torno do seu rosto lívido.

Há muito, escrevia o marido monstruoso, que Henriqueta se entregara ao vício da cocaína, tornando-se indiferente à existência e, parece, que aquela noite, propositalmente ou por acaso, ingerira demais e morrera.

Ele descrevia então os esforços empreendidos para descerrar-lhe os dentes encravados uns nos outros, a fim de dar-lhe um contraveneno que esbarrou sempre contra a muralha inexpugnável desses dentes fortes que lhe defendiam a morte com uma persistência invencível. Com lágrimas nas faces que o rosado do

calor coloria, Hortencia imaginou a amiga vencida pelo fastio ou pelo remorso e procurando no aniquilamento final, o repouso de que tanto gritara necessitar. E ela a evocava na sua sala, toda linda, no seu vestido de linho, fremente de paixão pelo Paulo, antevendo nesse sentimento forte a reabilitação de toda a sua vida de escrava branca.

Pobre e triste flor moderna, produto desse meio que destila a loucura, a má visão, a compreensão inexata dos gozos da vida!

À força de correr, de cavalgar atrás da ostentação, num delírio de desejos de luxo, de despertar invejas, de merecer lisonjas, a criatura se desequilibra nesse contínuo galopar, que a esgota moralmente e a estraga fisicamente.

Um dia, ela abre os olhos, mira em torno de si, e compreende o nada, o não valor, de tudo aquilo, pelo qual ela intrigou, sacrificou dignidade, ventura, porvir...

E muitas vezes como Henriqueta, ela só encontra a morte como única solução.

O Morro de Santa Teresa refulge ao sol como uma esmeralda constelada de diamantes e, no rosto de Hortencia, o pranto corre em fios de cristal. Mas a lembrança do amor que a espera amanhã, da recompensa que vai ter o seu sofrimento de tantos meses e tão dignamente suportado, banha-lhe a alma de um conforto suave. Como evocando, o vulto de Jorge surge entre os galhos dos jasmineiros em flores e ao vê-la, com a face molhada de lágrimas, estacou e o seu olhar fuzilou de anseio.

Nesse olhar a moça pode ler mais uma vez todo o amor que inspirava, toda a dedicação de que era alvo.

Sem uma palavra, ela lhe estendeu a carta que ele leu, serenando à medida que os seus olhos a percorriam.

Depois, abriu os braços à noiva e ela se afundou neles como numa fortaleza onde encontraria sempre o abrigo contra o imenso sofrer que conduzira a amiga à morte. Em torno deles, a montanha rutilava ao sol, com os seus mil ruídos indistintos, com o cantar dos seus pássaros, com o estalido seco dos galhos dos seus arbustos.

Sobre os trilhos, o bonde do Silvestre corria, fazendo soar forte o seu tímpano e embaixo, a cidade insolada luzia, cintilava, como

uma cidade dantesca.

XII

Os meses passaram como passam todos os meses do ano. Hortencia casada com Jorge, vivia feliz e digna entre D. Luiza, o marido e o filho, que crescia e se fortalecia mais cada dia, debaixo da vigilância e dos cuidados do padrasto. No seu largo vestido sem cintura, Hortencia mais gorda, prometia ao marido para breve um fruto daquele amor que com tanta dignidade e reserva, soubera conservar e desenvolver.

Pelas tardes serenas, ela e o esposo, muito juntos, passeavam lentamente pela montanha de Santa Teresa e Jorge mostrava-lhe então os lugares onde tanto pensara nela, a flor em que o seu olhar se pousara, quando pronunciava o seu doce nome, a paisagem luminosa que lhe atraíra os olhos quando, desprendendo-os da flor, elevava-os e imaginara uma existência passada toda a seu lado.

Hortencia, mimosa e amante, contava-lhe também as suas fugas pelo Silvestre afora, com a alma a cambalear de dúvidas dentro do seu corpo que suplicava por ele e a melancolia das suas noites passadas na *chaise longue*, entre as paredes daquela salinha que a luz azul da lâmpada enluarava. Nessas ocasiões, o casal amoroso parava e trocava um longo olhar de amor. Depois o médico apertava contra si, mais forte, o braço delicado da mulher e a sua mão procurava a dela que encontrava sempre muito doce, tépida e acariciadora.

Ao verão ardente do Rio, sucedera o morno inverno brasileiro e os crisântemos surgiam pisados e multicores nos canteiros dos jardins. O lindo mês de Maria, com as suas alegres badaladas de sinos, as suas novenas, as suas procissões, fazia aparecer à tarde nas portas das igrejas uma multidão elegante que se escoava, depois, ao crepúsculo como alegres peregrinos, pelas ruas e avenidas que a coloração vespertina incendiava.

A capital preparava-se para a famosa *season*, que se tem tornado o objetivo e a perdição de toda uma burguesia, classe mista que se intromete com furor pela porta problemática da fidalguia cujo amor aos brasões invadiu agora a nossa sociedade, à custa dos maiores sacrifícios e desastrosos atos e atitudes. É inaudita a série de tristes e mesquinhas vicissitudes por que passam certas criaturas dotadas, afinal, de inteligência relativa, para obterem durante essa decantada *season* um lugar proeminente, que chame para elas a atenção, a inveja e a opinião pública.

Nunca recuando diante do escândalo, chamariz tonitruante como outro qualquer, elas só receiam a obscuridade e o esquecimento para as suas pessoas.

Por um formoso cair de tarde do fim de maio, Jorge, que Hortencia fora buscar no consultório, descia a avenida num pequeno automóvel, sem luxo e sem exibição.

Em torno deles, as luzes se acendiam e as vitrines apareciam luxuosas com os seus mostruários coruscantes[124] de joias em que chamas se acendiam.

Havia o tumulto acostumado das terminações dos dias: garotos que corriam, apregoando em gritos que lhe estropiavam os nomes, as suas folhas da tarde, autos que fonfonavam com ruído e bondes que manejavam os seus tímpanos num delírio de barulho. Uma confusão, enfim, de criaturas, de gestos, de movimentos e de pensares.

Jorge e Hortencia muito unidos e calados no fundo do seu carro, miravam inconscientemente atordoados aquele desfilar de homens, mulheres, crianças e veículos, que se fazia em redor deles. Subitamente, à porta do automóvel, parado à ordem do guarda civil, um meninote gritou:

— *A Noite*.

O médico estendeu a mão, no dedo da qual o anel consagrado flamejou um instante e pediu-lhe um exemplar do jornal que cheirava a tinta fresca e a papel ligeiramente umedecido... Agora, enquanto o automóvel virava na formosa Avenida Beira Mar, que um

colar de luz rodeia como uma monstruosa serpente de escamas incandescentes, Jorge percorria o jornal com um olhar distraído.

De repente, soltou um leve “ah!” de surpresa e mirou a mulher que já o interrogava com os seus largos olhos cor do céu, em que havia um receio.

— Que curiosa história! — disse afinal o médico, sem poder conter o seu espanto.

— Que é, meu Deus! Que é, Jorge? — indagou a moça com um tom impaciente na voz.

— Nada que nos diga respeito, minha filha — respondeu-lhe já com calma o marido. — Ouve lá: Tu te lembras de uma tal Francesca Rodriguez, que me mostraste uma tarde, logo que nos casamos e que passeávamos pelo Leme? Tu te recordas da minha impressão diante daqueles olhos imensos e que me pareceram de louca e...

— Mas fala depressa, meu amor, que lhe aconteceu a ela? — interrompeu Hortencia ao marido, num tom de criança arrufada.

— Foi presa hoje, minha querida, como assassina do amante. E o pior é, que, num acesso de loucura, ela confessou ser o segundo homem que mata. Diz o jornal que o primeiro foi o marido, cujo assassinato era até ontem ignorado. Vês tu, Hortencia, que triste coisa! E esta mulher, tu me disseste, frequentava todas as festas mundanas, sempre luxuosamente trajada, muito cortejada e sendo íntima amiga da tua pobre Henriqueta! Horrível fim!

Hortencia pegara no jornal que o marido deixara tombar sobre os joelhos e, à luz da lâmpada suspensa ao teto do auto, ela lia ansiosamente a pavorosa notícia. Francesca Rodriguez era nele descrita como uma senhora da melhor sociedade, "podre de chique" e de beleza, e o seu ato narrado com as indulgências que requerem a formosura e a fraqueza. Isso, porém, não obstava nada ao horror do quadro que representava essa mulher que, sendo duas vezes assassina, frequentando os mais severos e fechados salões e se fazendo a estimada comensal, íntima das famílias cariocas. E somente o era porque ostentava joias preciosas, toaletes faustosas e habitava num lindo palacete, onde dava hospitalidade rica e generosa aos amigos e inimigos. Francesca Rodriguez, embora

estrangeira, compreendera muito bem com o seu *flair*[125] de aventureira, o mau estado do terreno onde se implantara pelo casamento e soubera conquistar, apesar de criminosa, um lugar de destaque e de supremacia nesse envenenado buquê de flores modernas. Agora, porém, fora apanhada em flagrante num assassinato e a fortuna virava-lhe decididamente as costas.

Desalentadoramente, a meiga esposa do médico fitava a folha *A Noite* sem mais a ler... Ela evocava a imagem de Francesca como a vira tantas vezes no salão róseo de Henriqueta, muito decotada no seu vestido de cetim negro, lançando chispas dos largos olhos negros e frases um tanto cínicas da sua boca de lábios carminados como uma vermelha papoula.

Hortencia recordava-se agora com precisão da última tarde em que estivera com ela na recepção da amiga, hoje morta e que, rodeada de homens, ela declarara em voz alta que o seu único ideal na vida era gozar, ainda que tivesse de sacrificar para isso tudo e todos.

Nos seus lábios umedecidos de volúpia e de carmim, essas palavras tremendas e indicadoras de uma mentalidade desequilibrada, soavam gentilmente e com um som de chocalho infantil.

E como prova desse seu dizer, publicava agora aquela página de jornal, que parecia um claro epitáfio entre as paredes escuras do carro que corria, “ela matara dois homens por questões de dinheiro!” Que horror! E medrosa, trêmula, Hortencia escondia a cabeça no ombro do marido que a olhava sorrindo e procurando uma qualquer coisa que a distraísse da visão que a torturava. Retomara o jornal e percorria as suas colunas quando exclamou de novo, num tom alegre.

— Escuta: casa-se amanhã na Candelária, Paulo de Araujo, com a filha do milionário Queiroz, de São Paulo. Temos todo o "rataplan"[126], minha mulherzinha! *Demoiselles d'honneur*[127], *corbeilles*[128] com presentes pomposos, padrinhos-pistolões etc. A notícia é magnifica!

Hortencia não o ouvia mais. Diante dela, surgira a desgraçada Henriqueta com a sua cabeleira de chama e o seu lívido rosto branco que pequeninas sardas picavam, gritando a sua paixão pelo Paulo que a desprezara, um belo dia para desposar hoje uma ricaça! E por amor dele, uma pobre mulher perdera o gosto pela vida e se deixara levar pela esperança de paz que a morte promete àqueles que recebe no seu gelado seio! Amanhã, à luz dos candelabros da Candelária, ao som do órgão triunfante e ao lado da noiva afortunada que lhe garantia o futuro, ele não teria um só pensamento para a infeliz a quem revelara o amor e a dignidade!

E pelas faces frias da doce Hortencia duas lágrimas redondas desfilaram em silêncio e mancharam o paletó do médico, que não as viu.

O encanto, porém, do rápido crepúsculo que arroxeava o céu, o mar e os muros, distraiu um pouco Hortencia daquelas estranhas notícias que a tinham feito evocar tão intensamente o passado. Ela apreciava com verdadeira gula aqueles passeios a sós com o marido e em que ambos muito agarrados um ao outro, contemplavam com delícia a formosa natureza do Rio, antes de voltarem à casa.

Jorge, sentindo-a a seu lado enlanguescida e mais calada do que de costume, procurou interessá-la, narrando-lhe os episódios da guerra que enlutava quase toda a Europa. Hortencia ouvia-o pensativa, maldizendo a barbaridade humana que, apesar de toda a civilização realizada, trucida-se como selvagens. O automóvel ia agora mais lentamente subindo uma rampa e em direção ao túnel do Leme.

A moça apertara-se contra o esposo e parecia mais mimosa, mais fraca e mais linda, assim em contraste com robustez e a estatura do médico.

Súbito, o carro atravessa a abóbada de pedra toda iluminada e os que o ocupam acham se repentinamente numa verdadeira apoteose violeta, em que estrelas de ouro cintilam. No fundo, o mar, que estremece ao vento da noite que se aproxima, esparrama as suas espumas claras na areia acinzentada pela hora e no *hall*, onde Jorge e Hortencia descem para descansar de uma forçada posição,

uma música triste e lenta se faz ouvir. Em pequenas mesas banhadas de fraca luz, algumas pessoas ainda se acham num cismar e num silêncio que as vagas do oceano, a quebrarem-se em compasso, acompanham. Os dois esposos atravessam a fila dos circunstantes abancados e dirigem-se para a praia onde sopra uma brisa esperta que sacode o chapéu de Hortencia. Lado a lado, eles caminham fugindo de quando em quando da onda que ameaça lamber-lhe os pés. Em torno deles, gigantesco colar de luz parece enlaçá-los... Súbito, vozes e clamores, chamam a sua atenção para um grupo de mulheres e de homens estendido sobre os montões fofos de areia. Involuntariamente, a esposa do médico relanceia sobre ele um olhar curioso e reconhece na criatura de branco, de pernas à mostra e cabeça encostada ao joelho de um rapaz moço e imberbe, a Maria José de Almeida, sua terrível inimiga de outrora.

As duas mulheres trocam um longo olhar, triste da parte de Hortencia, cínico da parte da adúltera esposa de Villarinho.

Hortencia puxa pelo braço do marido para que voltem, num inconsciente terror que ela não pode explicar, mas tem tempo de ouvir, trazida pelo eco a exclamação desdenhosa da outra: "Lambisgoia!"

Jorge nada viu, nem ouviu...

Sereno, forte e amoroso, ele contempla o céu estrelado e pensa na sua ciência e na sua esposa, que ele sabe não fazer parte do envenenado ramalhete das flores modernas...

FIM

Sobre a Autora

Chrysanthème, assim assinava seus textos Maria Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1869-1948). Filha da escritora Emília Moncorvo Bandeira de Melo, teve o incentivo da mãe para seguir sua carreira ao ficar viúva com 38 anos.

Escreveu para importantes jornais e revistas de sua época entre eles *O Paiz, Diário de Notícias, Correio Paulistano, O Cruzeiro e A Imprensa*, tendo mais de 15 livros publicados.

Em seus trabalhos predomina a imagem da mulher e seus confrontos — íntimos ou públicos — diante de um mundo que evoluía drasticamente. Por isso é possível notar em seus textos uma crítica aos costumes e o desprezo por certas condutas sociais.

Autores e Livros Resgatados pela Janela Amarela Editora

Julia Lopes de Almeida

Memórias de Martha (1899) – romance
Ânsia eterna (1903) – contos
Histórias de nossa terra (1907) – contos
Eles & Elas (1910) – contos
Cruel Amor (1911) – romance
Correio da Roça (1913) - romance epistolar
A Silveirinha (1914) – romance
Era uma vez... (1917) – conto
A Casa Verde, com colaboração de Filinto de Almeida (1932) – romance
Pássaro tonto (1934) - romance

Francisca Clotilde

A Divorciada (1902) – romance

Candida Fortes Brandão

Fantasia (1897) – poesias e contos

Chrysanthème

Flores modernas (1921) - romance

Créditos

Copyright © 2023 por Janela Amarela Editora
Flores modernas é uma obra de Chrysanthème.

Este livro é baseado na edição publicada em 1921 pela Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, disponível na The New York Public Library (EUA).

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente a posição da Janela Amarela Editora ou de sua equipe editorial.

Edição, Preparação e Produção
Carol Engel
Ana Maria Leite Barbosa

Ilustrações
Carol Engel

Revisão
Adelaide Fontoura

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação
Isaias C. Silveira - AboboraX Design

FICHA CATALOGRÁFICA (da versão impressa)
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C482f
Chrysanthème, 1870-1948
Flores modernas / Chrysanthéme ; [ilustração Carol Engel]. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Janela Amarela, 2023.

ISBN 978-65-85000-10-9
1. Romance brasileiro. I. Engel, Carol. II. Título.
23-82666 CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos desta obra reservados à Janela Amarela Editora
www.janelaamarelaeditora.com.br
contato@janelaamarelaeditora.com.br

Notas

[1] do francês: O mundo caminha!

[2] do francês: inquieto (sentido figurado)

[3] dar início a

[4] esquecia

[5] que leva uma vida irrepreensível

[6] resquícios

[7] sem brilho

[8] murcha

[9] do francês: coque

[10] preparativos

[11] do francês: elegante

[12] pejorativo: charlatão

[13] do francês: bolinhos secos

[14] Praxiteles (395 a.C.-330 a.C.) famoso escultor da Grécia Antiga

[15] esverdeados

[16] termo comum no período em que o livro foi escrito, se refere a pessoas modernas e com bom gosto, em vestuário, gestos e comportamento

[17] do francês: caderneta

[18] quem quer triunfar a qualquer preço, mesmo em prejuízo de outrem

[19] elogios

[20] do francês: piadista

[21] do francês: irregular

[22] tornando-lhes indolente

[23] ritual

[24] aspiração longa

[25] feroz

[26] Inflamação da mucosa nasal, renite

[27] embaraço

[28] do francês: ofício

[29] do francês: cadeira longa; onde se pode estender as pernas

[30] almofadas

[31] direção

[32] contração dos músculos da boca

[33] pensão

[34] cortesãs

[35] do francês: cortesãs

[36] do francês: amante

[37] gracejasse

[38] exalante

[39] interpelava

[40] tipo de penteado, o cabelo é repartido ao meio e esticado para os lados da cabeça

[41] forte

[42] chapéu rígido e de aba curta

[43] cansado

[44] esverdeado

[45] faiscantes

[46] pele de animal

[47] do francês: sala para os fumantes

[48] gordo

[49] do francês: vestimenta feminina composta de saia e casaco

[50] do francês: capinha

[51] polir

[52] do francês: pequeno

[53] expressão em francês: vida em comum

[54] acanhado, estreito

[55] tintura de cabelo

[56] pequena mesa com um único pé central

[57] torpor

[58] do francês: estante

[59] do francês: estola de pele

[60] gracejarem

[61] estilo literário barroco introduzido por Luis de Góngora (1561-1627)

[62] automóvel Peugeot Lion Double Phaeton 1908 / automóvel descoberto, duas fileiras de assentos

[63] fingindo

[64] do francês: enfeite de plumas

[65] do francês: sombrinha

[66] modelo de carruagem

[67] do francês: faceirice

[68] conluio

[69] do francês: impressionar

[70] em vão

[71] transbordava

[72] do francês: modelo de óculos, mantido na frente dos olhos com a ajuda do punho

[73] sentido figurado: vínculo de submissão e obediência

[74] nociva

[75] acusação

[76] contração do rosto em riso forçado

[77] languidez

[78] cobrindo

[79] do inglês: parques

[80] do francês: bruscas

[81] sentido figurado: fraqueza

[82] acalentada

[83] do francês: entediada

[84] sentido religioso: sacramento da comunhão ministrado em casa para enfermos

[85] do francês: lingerie

[86] do inglês: musselina macia, fina e leve

[87] porta-joias

[88] do francês: maleável

[89] roupão

[90] irrompeu

[91] do francês: encontros

[92] cabelo longo

[93] desconhecida

[94] beijo

[95] termo em francês que faz referência a uma moça ainda virgem mas com modos livres das tradições morais de sua época

[96] sobrancelhas

[97] do francês: relvas

[98] trejeitos

[99] devorando

[100] mensageiro

[101] referência aos habitantes da ilha fictícia Lilliput, do livro Viagens de Gulliver que são minúsculas, miniaturas

[102] zombava

[103] espertalhona

[104] do francês: estação

[105] do francês: grupo

[106] referência aos teatros musicais

[107] Crèmerie Buisson foi uma fábrica de queijos fundada por Jules Buisson em 1845, posteriormente transformado em hotel, até se tornar um parque municipal público de Petrópolis (RJ).

[108] luxúria

[109] Le Pré Catelan famoso restaurante francês fundado em 1856

[110] envolvida

[111] Do francês: “Mariette, minha pequena Mariette... Você me traiu, isso não é legal”

[112] exalava

[113] estado de fraqueza

[114] avarento

[115] Fortaleza de São Francisco Xavier, localizada na Ilha de Villegagnon

[116] do francês: novos ricos

[117] tagarelavam

[118] solidão

[119] dengosa

[120] sentido figurado: pairassem

[121] do inglês: estação

[122] referente a deusa Vesta, deusa do fogo sagrado. Suas sacerdotisas deveriam manter o fogo do templo sempre aceso.

[123] desejo intenso

[124] reluzentes

[125] do francês: instinto

[126] sentido figurado: rufar de tambores

[127] do francês: damas de honra

[128] antiga tradição nos casamentos franceses em que a noiva recebe dos convidados uma cesta ou baú contendo presentes (joias, dinheiro etc.)

Esse livro foi editado na Cidade do Rio de Janeiro e publicado
pela Janela Amarela Editora no outono de 2023.